

**CLAUDIA ROSANA DE SOUZA**



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**RELATIVA CORTADORA:  
MOVIMENTO OU APAGAMENTO?**

**Porto Alegre**

**2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO

**RELATIVA CORTADORA:  
MOVIMENTO OU APAGAMENTO?**

**CLAUDIA ROSANA DE SOUZA**

Orientação: Prof. Dr. Mathias Schaf Filho

Dissertação de Mestrado em TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Porto Alegre**

**2007**

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BANCA EXAMINADORA

---

Mathias Schaf Filho (Orientador – UFRGS)

---

Sabrina Pereira de Abreu (Avaliadora – UFRGS)

---

Sérgio Menuzzi (Avaliador – UFRGS)

---

Dorotéa Frank Kersch (Avaliadora – UNISINOS)

**A minha mãe, Zeny,  
que me ensinou a superar as dificuldades e  
a ser uma pessoa de coragem.**

## **AGRADECIMENTOS**

*Durante os dois anos em que eu estive estudando no Instituto de Letras desta Universidade, me beneficieei dos conhecimentos de muitas pessoas a quem, hoje, agradeço.*

*Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Prof. Dr. Mathias Schaf Filho, por sua dedicação exemplar e por acreditar em meu potencial, desde o início do curso, me estimulando a seguir em frente e me encorajando a buscar mais e mais informações que pudessem enriquecer meu trabalho.*

*Agradeço a todos os professores do Instituto de Letras que, direta ou indiretamente, permitiram que eu adentrasse no mundo da pesquisa, um campo por mim tão almejado e um novo desafio em minha carreira profissional.*

*Um agradecimento especial à professora Avani de Oliveira, pelo seu carinho e pela confiança depositada em minha pessoa no momento de meu ingresso neste curso de pós-graduação.*

*Agradeço também, com muito carinho, à professora Sabrina Abreu, pelos ensinamentos e visão crítica com que sempre avaliou nossos trabalhos.*

*Agradeço a colaboração de minhas colegas de sala de aula, pela espontaneidade com que me acolheram e pelos laços de amizade que formamos.*

*Agradeço, sem nomear para não correr o risco de esquecer de alguém, a todos os pesquisadores, em especial aos da Universidade de Leiden, do MIT e da UNICAMP, que me presentearam com o envio de seus artigos, capítulos de livros, dissertações e teses que muito me auxiliaram na confirmação ou refuta de minhas hipóteses.*

*Em particular, agradeço a minha irmã, pela ajuda valiosíssima na digitação dos textos, quando o tempo estava muito limitado, e ao meu namorado, Bernardo, pelo total apoio, incentivo e amabilidade que sempre me ofereceu sem nada pedir em troca.*

*Além destes, eu quero agradecer aos professores doutores Sabrina Pereira de Abreu, Sérgio Menuzzi e Dorotéa Frank Kersch, que hoje estão participando desta banca avaliadora e, assim, propiciando que mais um pesquisador se engaje na busca de explicações sobre a linguagem.*

*Finalmente, agradeço a Deus, por permitir que eu chegasse até aqui e por estar sempre presente em meu coração.*

*Compreender não consiste em elencar dados.  
Mas em ver o nexó entre eles e em detectar a  
estrutura visível que os suporta. Esta não  
aparece. Recolhe-se num nível mais profundo.  
Revela-se através dos fatos. Descer até aí  
através dos dados e subir novamente para  
compreender os dados: eis o processo de todo  
verdadeiro conhecimento.*

**Leonardo Boff**

## RESUMO

Este trabalho é uma análise formal da construção das orações relativas em contextos de sintagmas preposicionais no português oral culto de Porto Alegre em que a preposição não está visível na forma fonética, apesar de a gramática normativa exigí-la. Antes da realização da análise propriamente dita, relembramos a estrutura e a classificação das orações relativas, os pronomes relativos empregados com ou sem preposições e algumas particularidades e inovações dessas estruturas que vêm surgindo no PB, além de apresentar o panorama da gramática gerativa até o modelo de Princípios e Parâmetros, destacando as abordagens gerativas mais relevantes sobre a construção *Relativa Cortadora*. A análise baseia-se em dados coletados em 24 (vinte e quatro) inquéritos, que correspondem a 24 (vinte e quatro) informantes, registrados no corpus do projeto NURC – Norma Urbana Culta – que totalizam 300 (trezentos) períodos de análise. Seguindo o modelo de pesquisa gerativa – Princípios e Parâmetros –, são levantadas as estratégias de construção das orações *padrão* e *não-padrão*, sendo estas classificadas em *Relativas Cortadoras* e *Relativas Copiadoras*. Os resultados atestam que a construção *não-padrão* é utilizada em 69,33% dos casos, sendo 67,00% de *Relativa Cortadora* e 2,33% de *Relativa Copiadora*, enquanto que a estratégia *padrão* é empregada em 30,67% (trinta e três por cento). No uso da estratégia *padrão*, o emprego do pronome relativo está garantido, sendo resultado de movimento do elemento QU, com fixação de parâmetro [+movQU]; e no emprego das estratégias *não-padrão* a tendência é o uso da partícula “que”, denominada de “juntor”, correlacionada com o fato de que as orações subordinadas são regidas à principal por meio da conjunção. Neste último caso, QU não resulta de movimento [-movQU], sendo gerado na posição de base e caracterizando que o Português Brasileiro (PB) é uma língua de parâmetro [ $\pm$ movQU].

*Palavras-chave:* Orações Relativas – Sintagmas Preposicionais – Análise Gerativa – Gramática Normativa – Relativa Cortadora – Movimento QU – Relativa Padrão

## **ABSTRACT**

This work is a formal analysis of the relative clauses' construction in prepositional syntagms in oral cult Portuguese from Porto Alegre, in which the preposition is not visible in the phonetic form, in spite of the normative grammar requires it. Before accomplishing the analysis, we reminded the construction of the relative clauses, the relative pronouns with or without prepositions and some particularities and innovation of these constructions which are lighting up in BP, besides presenting the generative grammar view until the Principles and Parameters Model, singularizing the most relevant generative subjects about the construction of PP-Chopping. The analysis is based on data collected in 24 enquiries, corresponding to 24 informants registered in the corpus of the NURC project – Urban Cult Norma – which complete 300 periods of analysis. Following the model of generative research – Principles and Parameters –, the strategies standard – Pied-piping – and non-standard clauses' construction are verified, and classificated in PP-Chopping and Resumptive Pronoun. The results show that the non-standard constructions are used in 69,33% of the cases, being 67,00% of PP-Chopping and 2,33% of Resumptive Pronouns, while the standard strategy is used in 30,67%. In the usage of the standard strategy, the use of the relative pronouns is assured, being a result of the element WH moviment, with the parameter fixing [+movWH]; while in the non-standard strategies is tended the usage of “que”, called “juntor”, related to the fact that the subordinate clauses are governed to the main one by the conjunction. In this last case, WH does not result of movement [-movWH], being generated in the base position and characterizing that Brazilian Portuguese is a language of parameter [ $\pm$ movWH].

Key words: Relative Clauses – Prepositional Syntagms – Generative Analysis – Normative Grammar – PP-chopping – WH Movement – Pied-piping



## LISTA DE ABREVIATURAS

<i>ec</i> – empty category	categoria vazia – CV
ECP – Empty Category Principle	Princípio da Categoria Vazia – PCV
UG – Universal Grammar	Gramática Universal – GU
P – Preposition	Preposição – P
BP – Brazilian Portuguese	Português Brasileiro – PB
EP – European Portuguese	Português Europeu – PE
S – Sentence	Frase; Oração – O
AP – Adjectival Phrase	Sintagma Adjetival – SA
VP – Verbal Phrase	Sintagma Verbal – SV
<i>t</i> – trace	Vestígio
V – Verb	Verbo – V
LD – Left Dislocation	Deslocamento à Esquerda – DE
DS – Deep Structure	Estrutura Profunda – Estrutura-P
SS – Superficial Structure	Estrutura Superficial – Estrutura-S
GG – Generative Grammar	Gramática Gerativa – GG
DP – Determiner Phrase	Sintagma Determinativo
PP – Prepositional Phrase	Sintagma Preposicional – SP
RP – Relative Pronoun	Pronome Relativo – PR
C – Complementizer	Complementizador – C
CP – Complementizer Phrase	Complementizador
N – Noun	Substantivo – S
PF – Phonetic Form	Forma Fonética – FF
LF – Logical Form	Forma Lógica – FL
GB – Government and Binding	Regência e Ligação – RL

I – Inflection	Flexão
IP – Inflectional Phrase	Sintagma Flexionado
NP – Noun Phrase	Sintagma Nominal – SN
PRO – Big PRO	Prozão – PRO
pro – little pro	prozinho – pro
RP – Resumptive Pronoun	Pronome Resumptivo
SPEC – Specifier	Especificador
Wh-operator	Operador QU
Top – Topicalization	Top – Topicalização
WFRS – Semantic Well-Formedness Rules	Regras de Semântica Bem-Formada
Pid – <i>Pied-piping</i>	
PDs – Preposições Desacompanhadas	
L1 – Língua Materna	
L2 – Língua Estrangeira	
NURC – Norma Urbana Culta	
DID – Diálogo entre informante e documentador	
* – indica que a estrutura é agramatical	
?? – indica grau intermediário de inaceitabilidade; marca estruturas como mais aceitáveis do que aquelas julgadas completamente agramaticais	

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Percentagem de Relativas de acordo com estratégia em 5 funções sintáticas segundo Tarallo (1981).....	53
Quadro 2: Esquema do Estatuto do QU e processos de movimento .....	76
Quadro 3: Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos).....	85
Quadro 4: Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos).....	86
Quadro 5: Informantes Masculinos de 3ª fase (+ 55 anos).....	87
Quadro 6: Resumo dos informantes Masculinos.....	87
Quadro 7: Informantes Femininos de 1ª fase (25-35 anos).....	88
Quadro 8: Informantes Femininos de 2ª fase (36-55 anos).....	89
Quadro 9: Informantes Femininos de 3ª fase (+ 55 anos).....	90
Quadro 10: Resumo dos Informantes Femininos.....	90
Quadro 11: Totalização das Estratégias Preferidas.....	91

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Pronomes Relativos mais utilizados na formação de <i>Cortadoras</i> .....	77
Gráfico 2: Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos).....	86
Gráfico 3: Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos).....	86
Gráfico 4: Informantes Masculinos de 3ª fase (+ 55 anos).....	87
Gráfico 5: Resumo dos Informantes Masculinos.....	88
Gráfico 6: Informantes Femininos de 1ª fase (25-35 anos).....	89
Gráfico 7: Informantes Femininos de 2ª fase (36-55 anos).....	89
Gráfico 8: Informantes Femininos de 3ª fase (+ 55 anos).....	90
Gráfico 9: Resumo dos Informantes Femininos.....	91
Gráfico 10: Totalização das Estratégias Preferidas.....	92

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Pronomes Relativos, segundo Cunha e Cintra.....	31
Figura 2: Princípio & Parâmetros (P&P) .....	47
Figura 3: Representação Arbórea I de Relativa, segundo Langacker.....	50
Figura 4: Representação Arbórea II de Relativa, segundo Langacker.....	50
Figura 5: Elementos Relativos, segundo De Vries (2004).....	73
Figura 6: Pronomes Relativos – Preferência, segundo Frank Kersch.....	78

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A ESTRUTURA DAS ORAÇÕES RELATIVAS.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 As orações relativas, segundo a GN.....</b>	<b>19</b>
1.1.1 Classificação das orações relativas / adjetivas.....	21
1.1.2 Particularidades.....	27
1.1.3 Pronomes relativos.....	30
1.1.4 Pronomes relativos com preposição.....	39
<b>1.2 As inovações das relativas no Português Brasileiro.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A ANÁLISE GERATIVA.....</b>	<b>46</b>
2.1 A teoria gerativa.....	46
2.2 As análises gerativas das orações relativas.....	51
2.3 O cotejamento das análises sobre a <i>Relativa Cortadora</i> .....	75
2.4 Evidências do PB em favor da estratégia <i>Cortadora</i> .....	77
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA APLICADA.....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISES.....</b>	<b>83</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>113</b>

## **INTRODUÇÃO**

***Destino não é uma questão de escolha:  
não é uma coisa que se espera, mas algo que se busca.***

*William Jennings Bryan*

Este trabalho é um estudo gerativo sobre a estrutura das orações relativas (chamadas de orações “adjetivas”, por corresponderem muitas vezes a adjetivos) em que a presença da preposição diante do pronome relativo é considerada obrigatória pela gramática normativa (GN), mas que não ocorre no Português Brasileiro informal. O objetivo primeiro desta pesquisa era revisar todas as abordagens gerativas existentes sobre esse tipo de construção de apagamento da preposição ou da preposição mais pronome relativo – *Relativa Cortadora* – para, a seguir, verificar o que é de consenso entre os pesquisadores que poderia servir para a formulação de uma hipótese concisa que pudesse justificar a construção *cortadora* no Português Brasileiro, doravante denominado de PB. No entanto, como seria impossível realizar um levantamento de todas as abordagens realizadas até então, fizemos, sem sermos exaustivos, a apresentação de algumas pesquisas que têm sido relevantes para a compreensão da estrutura sintática dessas orações, apesar de, algumas vezes, serem divergentes. Antes de tudo, relembramos as estruturas tradicionais das orações relativas e algumas particularidades, os pronomes relativos com ou sem o emprego de preposições, e as inovações dessa estrutura no PB, que são de grande importância para o estudo desse fenômeno de apagamento em orações relativas.

O apagamento da preposição que antecede o pronome relativo, em construções relativas cujo verbo a exige, tem sido um fenômeno muito recorrente nas línguas naturais e, por isso, tem recebido muita atenção dos lingüistas.

Conforme pesquisas divulgadas por Tarallo (1983) e Kato (1996) e, sucessivamente, trabalhos investigativos realizados por pesquisadores da língua, esse fenômeno vem crescendo e se alastrando nos discursos produzidos pelo falante do PB. Considerando sua abrangência, é necessário que se faça uma análise descritiva desse processo – e por isso foi escolhido o Modelo de Princípios e Parâmetros, doravante denominado de P&P – para apontar mudanças de ordem sintática nas análises das estruturas superficial (Estrutura-S) e profunda (Estrutura-P), considerando o efeito dessa construção nos estudos acadêmicos e sua conseqüente repercussão na gramática, pois pode mexer com os parâmetros e critérios de ensino e romper com a regularidade da sintaxe padrão descrita nas gramáticas tradicionais (GTs). Entre os enunciados “*o livro de que eu gosto*” e “*o livro que eu gosto*”, há uma modificação, ou melhor, uma transformação que precisa ser explicada.

Se a teoria gerativa, usando o método dedutivo, crê na validade de formulação de hipóteses a respeito da natureza da linguagem humana, é razoável dizer que a formação de estruturas sintáticas de orações relativas sem a presença de preposição faça parte das estruturas de formação de sentenças gramaticais. Portanto, o enfoque dado à pesquisa será a identificação do processo que subjaz a esta construção, uma vez que ela vem se realizando, e cada vez com mais propriedade, sem a preposição exigida pelo verbo, apesar de a GN não permitir essa organização sintática.

De acordo com Humboldt (1767-1835) *apud* Borba (1977, p. 16), “não se pode ensinar a linguagem, mas somente apresentar condições para que ela se desenvolva espontaneamente na mente a seu próprio modo”. Desta afirmação, pode-se depreender que o homem pode ouvir e compreender tudo o que lhe é ensinado, mas somente desenvolverá a linguagem de acordo com o seu modo. Então, se a linguagem apresenta seu modo, sua arquitetura dotada de módulos geneticamente determinados, e somente se desenvolve a partir dele, as construções objeto desse estudo são produzidas com base neste modelo. Logo, devem-se procurar as razões que levam um falante nativo a produzi-las, ou melhor, revelar o sistema de regras e arranjos permitidos na “língua-I”, cuja iniciativa se concretiza nesta dissertação e cujo objetivo se configura na descrição dos constituintes, que possibilita tal estrutura sintática, partindo dos seguintes questionamentos:

1. O que leva o falante do português brasileiro (produtor do discurso) a realizar a construção *Relativa Cortadora*?



2. O que permite que o “que”, caso seja um pronome relativo que se origina de um DP em movimento, se licencie sem a preposição?
3. O termo “que” realmente é um pronome relativo ou simplesmente se configura como conetivo (complementizador)?
4. A relação semântica da preposição com o verbo pode permitir ou restringir o apagamento da preposição?
5. Para a interpretação semântica, é necessária a realização fonética da preposição?

Para realizar a pesquisa delimitada e alcançar os objetivos propostos, serão considerados os estudos de Tarallo (1983), cuja pesquisa comprova a existência da estratégia de relativização denominada *Relativa Cortadora* no PB, de Kato (1996), que investiga os processos lingüísticos do PB, de Corrêa (1998), que confirma a preferência dessa estratégia de relativização, inclusive por escolares, entre outros, brasileiros e estrangeiros, elencados no capítulo segundo, intitulado “A análise gerativa”. Não trazemos a completa bibliografia sobre a construção das orações relativas porque, simplesmente, esta seria uma tarefa excessivamente complexa. É necessário considerar, ainda, que o presente estudo, mesmo constituindo-se apenas de uma hipótese, apresenta novos dados sobre a descrição dessa construção não-padrão, denominada de *Relativa Cortadora*.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro aborda a estrutura e a classificação das orações relativas, os pronomes relativos com e sem o emprego da preposição conforme a GN prevê e as inovações dessas estruturas no PB; o segundo capítulo apresenta o Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) e aborda as análises gerativas das orações relativas sob o ponto de vista de alguns autores como Tarallo e Kato, entre outros; o terceiro capítulo revela a metodologia empregada e aponta os objetivos desta dissertação, e, por fim, o quarto capítulo divulga trechos do NURC e as respectivas discussões e análises sobre o aparecimento destas relativas sem preposição, obedecendo ao modelo de P&P.

Passaremos, a partir de agora, a explorar cada capítulo no que tange aos aspectos mais fundamentais para a realização dessa proposta investigativa, mantendo sempre o foco na estrutura *cortadora* e na apresentação desta como uma estratégia capaz de garantir a mesma interpretabilidade do que a forma *padrão*, prescrita nas gramáticas normativas.

## **CAPÍTULO 1 – A ESTRUTURA DAS ORAÇÕES RELATIVAS**

*Toda pessoa sabe a língua que fala.*

*Celso Pedro Luft*

Neste capítulo, serão abordadas a conceituação e a estrutura das orações relativas sob o enfoque de diferentes autores de GTs, a classificação dessas orações e os pronomes relativos com ou sem as preposições que podem acompanhá-las em funções específicas, bem como serão abordadas as inovações dessa estrutura relativa no PB. Consideramos, para tanto, gramática tradicional (GT), conforme Bechara (2000, p. 71), toda aquela que se refere à tradição greco-latina, ou seja, toda aquela gramática que, além da tradicional tripartição fonética, morfologia, sintaxe, represente a língua como um conjunto de regras rígidas a serem seguidas. Na época de sua construção, não se imaginava que a língua pudesse ser um mecanismo parcialmente inato e, por isso, supôs-se a necessidade de equalizar os conhecimentos gramaticais, como forma de garantir a uniformidade e evitar que se perdessem as formas da escrita que representavam, e representam até hoje, a cultura de um povo.

Entretanto, isso não significa que devemos ignorar as mudanças na língua, provocadas tanto pelo avanço da linguagem no tempo como pela diversidade de falares a que estamos expostos diariamente. A tecnologia e a velocidade com que as informações estão sendo transmitidas vêm impulsionando a linguagem a produzir alterações significativas em sua organização estrutural. A língua externa, hoje, é muito mais um mecanismo prático do que uma amostra de nossas origens. De certa forma, é isso o que Nascimento (2006, p. 9) registrou no excerto que reproduzimos a seguir:

Do ponto de vista histórico, o trabalho do gramático nasce entre os gregos a partir da

necessidade de exegese<sup>1</sup> dos textos literários, em particular os poéticos, e da consciência da preservação da língua de incorreções, pois a consideravam patrimônio cultural. Nesse sentido, a gramática antiga difere da gramática atual, pois o processo de gramatização corresponde a uma mudança de tecnologia e deve estar associado às necessidades do homem.

A *internet* e seus recursos de comunicação estão acelerando esse processo de mudança, e a redução de palavras nos enunciados está fortemente ligada a essa modernidade. Porém, a compreensão desses enunciados “reduzidos” é realizada como se houvesse todas as marcas de concordância, regência e emprego das normas ortográficas segundo a gramática tradicional.

Nós, falantes de PB, admitimos que a representação fonética diverge da semântica, mas, inconscientemente, representamos mentalmente uma estrutura completa que se organiza, apesar de seu registro, formal e único, muitas vezes, ser muito menos freqüente do que se supunha. Observa-se esse fato na análise do *corpus* do NURC, no capítulo 4, em que falantes de linguagem culta transgridem constantemente a formalidade (em sentido normativo) para expor suas idéias, sem prejuízo do significado.

Dessa mesma forma também faz o professor, em sala de aula, que ensina as regras, mas não as emprega em sua exposição, como bem observa Castilho *apud* Bortoni-Ricardo (2005, p. 35).

Chamamos de língua oficial a descrita na gramática normativa. Do fato de se basear em escritores não contemporâneos resulta o seu distanciamento, em muitos pontos, da realidade lingüística oral e literária no Brasil. Detentora, porém, do beneplácito do sistema sociopolítico, que a considera correta em detrimento de todas as outras variedades, impõe-se o seu emprego em documentos oficiais e formais, bem como o seu estudo na escola, onde o professor a ensina, embora ele próprio não a use em sua fala coloquial.

A questão de optar ou não pelo uso de todos os constituintes previamente marcados na sentença é uma hipótese que merece maior investigação e promete ser, também, um estudo de grande relevância para a pesquisa lingüística. Por ora, basta lembrar os fundamentos tradicionais de nossa língua na constituição e formação das orações relativas e, junto com elas, os pronomes relativos e as situações particulares em que se observa a “obrigatoriedade” da preposição anteposta a esse.

---

<sup>1</sup> Exegese, segundo Houaiss (2001, p. 1283), é o comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra.

## 1.1 As orações relativas, segundo a GN

Abordando autores anteriores à NGB, encontramos Ernesto Carneiro Ribeiro (1919, p. 512), que concebe as orações subordinadas adjetivas como incidentes. Elas são proposições que conservam não dependência lógica, mas gramatical com a proposição a que se subordinam. São denominadas de incidentes porque fazem parte de outra, ampliando ou restringindo-lhe alguns dos termos, exercendo a função de adjetivo, modificando um substantivo ou uma palavra que representa as mesmas funções dessa categoria gramatical, que não pode ser modificada senão por adjetivos. E, como são dependentes de outra para a integridade do seu sentido, são também denominadas de relativas.

Avançando para autores pós NGB, Bechara (2000, p. 465) define orações relativas – orações que apresentam como transpositor um pronome relativo – como adjetivas, pela equivalência semântica e sintática com o adjetivo equivalente, funcionando, num nível inferior, como adjunto adnominal de um substantivo. Semelhante conceituação tem Kury (2000, p. 78), quando apresenta as orações adjetivas como orações subordinadas que têm valor de adjetivo e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente. Já Vilela e Koch (2001, p. 397) definem as orações relativas como sendo “frases subordinadas introduzidas por um pronome ou advérbio relativo”.

Com um outro enfoque, Perini (2001, p. 140) nomeia a “oração adjetiva” como uma **construção relativa** na qual os relativos são introdutores. E fornece o seguinte exemplo:

(1) *O gato que lambeu meu queijo era angorá.*

A construção relativa é *que lambeu meu queijo* e, para Perini, a função dessa oração subordinada é a de modificador. Trata-se, portanto, de um constituinte de nível suboracional, componente do NP *O gato que lambeu meu queijo*. É uma oração subordinada (*op. cit.*, p. 140), porque apresenta traços específicos que torna fácil a identificação da construção e seus traços são:

- (a) presença de um relativo (os relativos são *que, o qual, quem, onde, cujo*), precedido às vezes de uma preposição;
- (b) presença de uma estrutura oracional aparentemente incompleta logo após o relativo;

(c) articulação de um elemento nominal (parte de um NP) + o relativo + a estrutura oracional mencionada, formando uma seqüência que é um NP; o elemento nominal inicial nem sempre está presente.

Vejamos a aplicação desses traços no exemplo (1), agora reescrito em (2):

(2) [*O gato [que]<sup>a</sup> [lambeu meu queijo]<sup>b</sup> ]<sup>c</sup> era angorá.*

(a) presença do relativo *que*;

(b) presença da seqüência *lambeu meu queijo*, que vem logo após o relativo e tem a estrutura de uma oração incompleta (falta o sujeito); e

(c) presença da seqüência *o gato que lambeu meu queijo*, que é formada de um elemento nominal (*o gato*), seguido de *que* mais a estrutura oracional, e que é um NP (no caso, é o sujeito de *era*).

No exemplo acima, a oração aparentemente incompleta necessita de sujeito. No próximo exemplo (3), o termo de que a oração aparentemente incompleta necessita é o objeto direto. Vejamos:

(3) [*O estrago [que]<sup>a</sup> [o gato fez]<sup>b</sup> ]<sup>c</sup> ficou sem conserto.*

(a) relativo *que*;

(b) a oração (aparentemente) incompleta *o gato fez*, à qual faltaria o objeto direto; e

(c) a seqüência *o estrago + que + o gato fez*, que é um NP (sujeito de *ficou*).

Num terceiro exemplo (4), Perini (2001, p. 141) expõe uma construção relativa em que a presença da preposição anteposta ao pronome relativo é necessária. Vejamos:

(4) [*O bicho [do qual]<sup>a</sup> [eu falei]<sup>b</sup> ]<sup>c</sup> é um gato.*

(a) O relativo *o qual*, precedido da preposição *de*;

(b) a estrutura oracional *eu falei*; e

(c) o NP *o bicho + do qual + eu falei*. (sujeito de “é”)

Perini (2001, p. 141) encerra seus exemplos registrando que “a estrutura nominal do NP que contém a construção relativa nem sempre aparece”. Acrescenta que, nesses casos, “a construção relativa se inicia diretamente com o relativo (com ou sem preposição)”, como em (5), que autores gerativos denominam de relativas livres:

(5) *Ele fala mal [[de quem]<sup>a</sup> [o ajuda]<sup>b</sup> ]<sup>c</sup>.*

(a) O relativo *quem*, precedido da preposição *de*;

- (b) A estrutura oracional *o ajuda*, aparentemente sem sujeito; e  
 (c) o NP formado de *quem + o ajuda*.

Perini (2003, p. 152) delimita, então, as seguintes características da estrutura da construção relativa:

- A – presença de um relativo, precedido às vezes de uma preposição;  
 B – presença de uma estrutura oracional aparentemente incompleta, logo após o relativo;  
 C – articulação de uma elemento nominal (parte de um NP) + o relativo + a estrutura oracional mencionada, formando uma seqüência que é um NP; o elemento nominal inicial nem sempre está presente.

Além da estrutura das orações relativas, devemos ficar atentos ao traço semântico que elas carregam. Para isso, seguem, na próxima seção, alguns esclarecimentos.

### 1.1.1 Classificação das orações relativas / adjetivas

De acordo com Ribeiro (1919, p. 512-513), as adjetivas<sup>2</sup> dividem-se em ampliativas ou explicativas e restritivas ou determinativas. A idéia da explicativa é acrescentar ao sujeito em toda a extensão, e da restritiva é determinar e limitar a extensão do sujeito. Enquanto a incidente ampliativa “pode cercear-se da phrase sem quebra de sentido, sem alterar a verdade e o sentido da principal, a incidente restrictiva, bem ao revés, cerceada da phrase, quebra-lhe o sentido, alterando a verdade da principal”.

A ampliativa pode transformar-se em principal, pela substituição do conjuntivo pelo seu antecedente (6), enquanto que com a restrictiva isso não é possível (7).

(6) Deus, [que é onnipotente], é infinitamente bom e justo.



Deus é onnipotente

(7) O homem [que é justo] respeita os direitos de seus semelhantes.



\*\*O homem é justo

Não podemos dizer que o homem é justo, pois só um grupo de homens, aqueles que são justos respeitam os direitos dos semelhantes.

<sup>2</sup> Denominadas de incidentes, por Ribeiro (1919).

Conforme Bechara (2000, p. 467), as orações adjetivas, tratadas neste trabalho como relativas, apresentam-se subdivididas em adjetiva explicativa e restritiva. A adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e, por ser mero apêndice, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente. Na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas, podendo ser dispensada sem prejuízo total da mensagem, conforme exemplo (8).

(8) *O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.*

Nessa construção, percebe-se que a oração adjetiva apenas está caracterizando o homem e que só havia um homem vindo. Já na construção (9),

(9) *O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,*

pressupõe-se que havia mais de um homem e que apenas aquele que vinha a cavalo parou defronte da igreja. Essa oração chama-se restritiva.

Kury (2000, p. 78) também classifica as orações adjetivas em dois tipos: em restritivas e explicativas, definidas da seguinte forma:

- a) Restritivas: apresentam como de uma classe o substantivo antecedente, a qual delimitam ou definem mais claramente; por isso mesmo são indispensáveis à significação cabal de toda a oração complexa, que, sem elas, pode não fazer sentido, ou tê-lo incompleto e até absurdo. Na fala, ligam-se ao antecedente SEM PAUSA; portanto, não se isolam, na escrita, por vírgula.
- b) Explicativas: exprimem o sentido geral do substantivo antecedente; têm o valor aproximado de um aposto explicativo ou atributivo; sua eliminação, por isso, não traz, em princípio, prejuízo lógico, mas principalmente estilístico, ao sentido geral. Na fala, isolam-se do antecedente por uma pausa indicada na escrita por vírgula.

Segundo Borba (1991, p. 196), as orações adjetivas diferenciam-se prosódica, sintática e semanticamente. Quanto à prosódia, as explicativas são pronunciadas com pausa marcada ou entonação suspensiva (daí as vírgulas na escrita); as restritivas, não. No que se refere à sintaxe, as restritivas equivalem a um adjetivo, funcionam como adjuntos adnominais subordinados ao núcleo, enquanto que as explicativas equivalem a apostos, justapõem-se ao núcleo. E, quanto à semântica, a idéia expressa pelas explicativas constitui uma nota ou traço constitutivo do valor semântico total do núcleo; os traços semânticos expressos pelas restritivas não fazem parte dos traços do núcleo. Borba sublinha que nem sempre as orações relativizadas são exclusivamente restritivas ou explicativas. Muitas vezes é uma questão pragmática, e uma ou outra interpretação depende do momento da fala, conforme observamos nos exemplos (10) e (11):

(10) *O pajé curou os índios que estavam doentes.*

(11) *As senhoras que usavam jóias foram assaltadas.*

Em (10), a oração adjetiva, por ser restritiva (não separada por vírgula), pressupõe que alguns índios estavam doentes. Se fosse separada por vírgula da oração matriz, traria a idéia pressuposta de que todos os índios estavam doentes ou “os índios” seriam um referente já apresentado antes no texto.

Em (11), o fato de a oração adjetiva não ser separada por vírgulas da oração matriz indica o pressuposto de que havia, no local, senhoras que não usavam jóias e que, conseqüentemente, não foram assaltadas. Se a oração fosse isolada por vírgulas, o pressuposto seria outro: todas as senhoras usavam jóias e, assim, todas foram assaltadas, ou “as senhoras” teriam sido apresentadas em contexto precedente, sendo um referente já conhecido pelos interlocutores.

De acordo com Borba, essas orações são ambíguas, podendo ser lidas como explicativas ou restritivas. Para que a interpretação seja única, é necessário alterar o alcance semântico do núcleo. Restringindo-o, a interpretação será obrigatoriamente restritiva e assim as orações serão reescritas em (12) e (13):

(12) *O pajé curou aqueles índios que estavam doentes.*

(13) *Só as senhoras que usavam jóias foram assaltadas.*

Vilela e Koch (2001, p. 293) são categóricos quando afirmam que “a vírgula é um dos meios privilegiados para distinguir as relativas explicativas das restritivas”. E exemplificam em (14) e (15):

(14) *O homem, que sai à noite, trabalha pouco durante o dia.*

(15) *O homem que sai à noite trabalha pouco durante o dia.*

Percebe-se, então, que estes autores refutam a idéia de Borba de que nem sempre as orações relativizadas são exclusivamente restritivas ou explicativas, uma vez que a presença ou ausência da vírgula é um dos principais critérios de classificação para Vilela e Koch. Assim, se houver vírgula, a oração é explicativa; caso contrário, é restritiva.

Cabe assinalar, no entanto, que é pertinente a observação de Borba quanto à potencial ambigüidade das adjetivas antes de sua pontuação, pois, para saber se se usam



vírgulas para isolá-las (ou não), deve-se, muitas vezes, recorrer ao contexto comunicacional, a fim de saber que conhecimentos os interlocutores partilham e que efeito de sentido o contexto autoriza.

Vilela e Koch trazem também relevantes contribuições quanto à classificação dessas orações. Para as orações explicativas, dão a seguinte conceituação e exemplos:

- a frase explicativa, apositiva ou não-restritiva, é a que fornece, para a identificação do denotado, uma informação suplementar, não necessária (embora importante do ponto de vista comunicativo). Pode ser suprimida sem que a frase subordinante se torne incompreensível ou se altere semanticamente, e está separada da frase subordinante por uma pausa:

(16) *Estas férias, que eu passei na montanha, foram as melhores que tive até hoje.*

(17) *Em Mongadouro, onde Trindade Coelho nasceu, há boas artesãs.*

Ressaltam que “são frases relativas explicativas as relativas de nomes próprios, pronomes pessoais (inclusive gente ou formas de tratamento)”.

Para as orações restritivas, apresentam a seguinte conceituação:

- a frase atributiva restritiva é a que fornece indicação de propriedades que delimitam um indivíduo ou um grupo de indivíduos relativamente a outros de igual designação. Tais frases atributivas são necessárias para a compreensão clara e unívoca do complexo frásico, delimitam o campo de aplicação da palavra de referência por meio de informações precisas e seguem-se à palavra antecedente sem qualquer pausa. Exemplo:

(18) *Apenas vê aquele que quer ver.*

Além das frases relativas explicativas e restritivas, Vilela e Koch (2001, p. 398) incluem a designação frase relativa continuativa, exemplificada em (19) e a definem como

tipos de frase que não são frases elementos frásicos<sup>3</sup> ou parte de elementos frásicos. O critério para estas frases é o de terem capacidade para serem transformadas numa frase autônoma, o de não se referirem a uma palavra, mas a uma frase total”.

- (19) *A nossa atleta ganhou, o que nos alegrou muito. (= A nossa atleta ganhou e isso alegrou-nos muito)*

Uma leitura mais atenta deste enunciado propicia outra compreensão, como em (20). Vejamos:

- (20) *A nossa atleta ganhou, o que nos alegrou muito.*

O fato de que a atleta tenha ganho traz, implicitamente, a causa da alegria expressa na segunda oração. Portanto, há uma relação de causalidade, em que a segunda oração é a conseqüência da primeira, ou seja, é uma oração consecutiva, uma vez que um fato dá origem ao outro, numa seqüencialidade. Logo, é possível depreender desse enunciado uma relação de causalidade.

Posto isso, pode-se concluir que a oração adjetiva não assume apenas sentido qualificativo, mas pode ainda exprimir outras relações de sentido, conforme acrescenta Bechara (2000, p.129):

A oração adjetiva não assume apenas sentido qualificativo, mas pode ainda exprimir uma relação de *fim, condição, causa, conseqüência, concessão* ou *adversativa*.

Dessa mesma forma Kury (2000, p. 82) apresenta, também, as orações adjetivas circunstanciais, que vêm ao encontro do sentido qualitativo mencionado por Bechara. Essas orações, tal como acontece com alguns predicativos, além de seu valor qualificativo ou atributivo, podem, simultaneamente, exprimir, embora com menos nitidez e precisão do que nas orações adverbiais, matizes circunstanciais de causa, concessão, condição, conseqüência e fim.

CAUSA:

(21) “Henriette, *que era muito branca*, devia atrair Heráclito, mestiço.” [Observe-se que *mestiço* já está reduzido a simples predicativo.]

CONCESSÃO:

(22) “Eu, *que disse mal das vaidades*, vim a cair na de ser autor.”

CONDIÇÃO:

(23) “Eu *que digo isto* é porque sei o que V. Ex.<sup>a</sup> é para Jorge.”

<sup>3</sup> Elementos frásicos, segundo Vilela e Koch (2001, p. 338), são as funções sintáticas de constituintes da frase verbal, que são determinados por meio das suas relações sintáticas hierárquicas na dependência da forma conjugada do verbo.

CONSEQÜÊNCIA:

(24) “Ele distribuía palmatoadas com uma agilidade *que não se esperaria de sua corpulência.*”

FIM:

(25) “Mandou, pois, Saul uns beleguins, *que trouxessem preso a Davi.*”

Perini (2001, p. 156) adota outra denominação para classificar as orações relativas (adjetivas). Ele chama de **apositiva** a explicativa e de **não-apositiva** a restritiva. E as diferencia:

As construções relativas positivas têm estrutura sintática semelhante à das não-positivas, com algumas diferenças, a saber:

- (a) só as positivas se separam por vírgula do resto da frase;
- (b) só as positivas podem ocorrer com o relativo *o qual* sem preposição;
- (c) só as positivas admitem as construções múltiplas, resultantes da movimentação de um NP que contém relativo modificador para o início da oração, conforme o exemplo:

(26) *O uniforme, do qual o Ministério especifica o feitio dos bolsos.*

(27) *O uniforme, dos bolsos do qual o Ministério especifica o feitio.*

(28) *O uniforme, o feitio dos bolsos do qual o Ministério especifica.*

Para Borba (1977), os processos ligados à economia sintagmática se definem sintaticamente, como é óbvio, mas têm evidente dimensão pragmática. Esse autor é o único, dentre os estudados para essa pesquisa, que aborda explicitamente essa interpretação “pragmática” para classificar as orações adjetivas, apesar de Bagno (2001, p. 38) também afirmar que a “articulação sintaxe – semântica – pragmática é uma ferramenta indispensável para compreender os fenômenos da língua de modo mais completo e criterioso”.

Mostrar que há diferentes aspectos a serem considerados na classificação das orações relativas, seja para as explicativas, seja para as restritivas, facilita a introdução também da aceitabilidade de que a pragmática muito interfere na relação das palavras na sentença, na sintaxe. Mesmo ocorrendo o apagamento da preposição que antecede ao pronome relativo, nas explicativas ou nas restritivas, o sentido é completado pela inserção “transparente” de uma preposição que não se apresenta foneticamente.

Portanto, assim como a pragmática ajuda na compreensão do sentido restritivo ou explicativo, bem como a prosódia também faz, a inserção abstrata da preposição existe, mesmo que ela não esteja representada foneticamente e não interfira no sentido explicativo ou restritivo; o contexto comunicacional, muitas vezes, é o que auxilia no efeito de sentido pretendido. Há, também, outras minúcias que devemos observar na identificação das orações

relativas, com o fim específico de evitar uma classificação que possa interferir na compreensão de sua relação com a oração principal, expressadas na seção que segue.

### 1.1.2 Particularidades

Ribeiro (1919, p. 513), já naquela época, bem antes da NGB, levanta a questão da transformação da adjetiva ampliativa em outras subordinadas pela substituição do relativo QUE por uma das conjunções causativas: porque, como, visto que, ou por qualquer expressão análoga como em (29) e (30).

(29) *Deus, como onipotente, é...*

(30) *Deus, porque é onipotente, é ...*

Com as adjetivas restritivas (*op. cit.*), o processo só pode ocorrer com a conjunção condicional SE, com o advérbio QUANDO ou por qualquer outra expressão análoga que tenha por fim reduzir ou diminuir e limitar a extensão do termo modificado, como em (31) e (32).

(31) O homem, se é justo, deve...

(32) O homem, quando é justo, deve...

Há outros dois processos importantes, segundo Bechara (2000, p. 467-468): a adjetivação de oração originariamente substantiva e a substantivação de orações originariamente adjetivas.

Na adjetivação de oração originariamente substantiva,

a unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

(33) O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

(34) A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

(35) A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

(36) Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

(37) O negociante estava cômico *de que sua responsabilidade era grande*.

Bechara (2000, p. 468) observa que, sendo as expressões preposicionadas modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamadas complementos nominais) e

funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas, e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós.

O autor defende a idéia de que as orações subordinadas substantivas completivas nominais deveriam ser classificadas como orações adjetivas por compreender que funcionam como “modificadoras de substantivos e adjetivos, mediante o concurso da preposição” (Bechara, 2000, p. 468).

Já na substantivação de orações originariamente adjetivas, de acordo com Bechara (2000, p. 468), dá-se o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização, como nos exemplos a seguir:

(38) O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora*.

(39) *Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males.

Bechara (2000, p. 468) assinala que

alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que*, *aquela(s) que* e considerar a unidade *o*, *a*, *os*, *as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo que, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou* = *Não conheço aquele que chegou*. *Não conheço os que chegaram* = *Não conheço aqueles que chegaram*.

O estudioso completa a informação indicando que as duas maneiras de analisar tais construções são possíveis: orações substantivas e orações adjetivas. No entanto, Bechara (2000, p. 470) declara que a análise que adota – de oração substantiva – tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale. E observa, ainda, que não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Para encerrar, Bechara afirma que a oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo, conforme o exemplo (40).

(40) *O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos*.

A oração substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho*. Também a oração relativa transposta a substantiva pode, com o concurso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial, dessa forma:

(41) Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* (comparativa).

(42) O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Há situações específicas em que as orações não se apresentam de forma desenvolvida, e Kury (2000, p. 79) diferencia essas duas formas de apresentação das orações adjetivas: desenvolvidas (com o verbo no indicativo ou no subjuntivo) e reduzidas (com o verbo no gerúndio ou no infinitivo). As orações desenvolvidas podem ser, ainda, segundo ele, do tipo RELATIVAS ou JUSTAPOSTAS. São orações relativas aquelas introduzidas por um pronome relativo, muitas vezes precedido de preposição, ou por um advérbio pronominal relativo, que já trazem incluso no seu significado uma preposição (*onde = em que; como = por que; quando = em que*), como no exemplo (43), e justapostas às orações introduzidas por um pronome indefinido, sem antecedente, vindas sempre regidas da preposição *de*, como o exemplo (44)

(43) “A maneira [*como* o receberam] era um aviso.”

(44) “Não vemos os defeitos [*de quem* amamos].”

As orações reduzidas não apresentam conetivo e podem ser formadas a partir de verbo no infinitivo ou no gerúndio. Porém, com o verbo no infinitivo, é necessária a preposição *a*.

1º) De infinitivo:

(45) “Recebi prospectos dos aparelhos [*a serem* adquiridos].”

2º) De gerúndio:

(46) “Havia ali um bêbado [*tresvariando* em voz alta].”

A preposição expressa em determinadas construções relativas podem, segundo os autores citados nesta seção, impedir a transposição a outro tipo de oração e, por isso talvez ela não seja apagada pelo falante que, inconscientemente, detém o domínio de toda a gramática permitida pela língua.

Após essas reflexões sobre a definição, a classificação e a estrutura das orações relativas, bem como suas particularidades, é necessário identificar, também, o pronome relativo, que é o constituinte central para a identificação das orações relativas, foco deste trabalho, visto que o objeto de análise são as orações relativas chamadas desenvolvidas.

### 1.1.3 Pronomes relativos

Antes da NGB, Soares Barbosa (1830, p. 164) chamava os pronomes relativos de demonstrativos, por indicarem “os objetos por sua localidade”, e de conjuntivos, por atarem as orações e, na frente delas, encontrarem-se os antecedentes, fazendo-as se tornarem parte da mesma, como incidentes. O autor exemplifica em:

Couza a qual                      couza                      qual pessoa                      couza possuída – tudo  
 (47) Qual he a couza, que pode faltar a quem tem por seu hum Deos, cujo é tudo, quanto há no ceo, e na terra.

O autor observa que o relativo *cujo* (*op. cit.* p. 165) vale o mesmo que “do qual” e exemplifica em:

(48) *A árvore [cujo fructo Eva comeu] ...*  
*... fructo do qual Eva comeu...*

Já naquela época percebia-se que o demonstrativo *que* (pronome relativo) possuía uma notável força conjuntiva, como em :

(49) *Quem são os ricos neste mundo?*  
*Os que tem muito? Não.*

↓  
 Os homens que

Assim como em Soares, em Ribeiro (1919, p. 201) e em Maciel (1931, p. 134), os pronomes relativos eram chamados de conjuntivos, por servirem de conetivos às proposições. Dentre os relativos *que*, *o qual* (e flexões), *quem*, *cujo* (e flexões), *onde* e *quanto*, Maciel (*op. cit.*, p. 310) alerta que o *que* e o *quem* não possuem flexão; enquanto que *o qual* e *cujo* são flexionados. O *qual* é flexionado em gênero e número do substantivo substituído e *cujo* assume a flexão de gênero e número do substantivo conseqüente.

Após a NGB, Cunha e Cintra (2001, p. 342) e Bechara (2000, p. 171) afirmam que os pronomes relativos são assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – o antecedente – e servem de elo subordinante da oração que iniciam. São eles:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
MASCULINO		FEMININO		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

Figura 1 – Pronomes Relativos, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 343)

Lembramos, aqui, que “quando” é visto, como um relativo, como na oração  
(50) *No tempo quando o animais ainda falavam...*

Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Essas funções podem ser de:

a) sujeito;

(51) *Quero ver do alto o horizonte, **que** foge sempre de mim.*  
[*que* = sujeito de *foge*].

b) objeto direto;

(52) – *Já não se lembra da picardia **que** me fez?*  
[*que* = objeto direto de *fez*].

c) objeto indireto;

(53) *Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.*  
[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

d) predicativo;

(54) *Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.*  
[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

e) adjunto adnominal;

(55) *Há pessoas **cuja**<sup>4</sup> aversão e desprezo honram mais **que** os seus louvores.*  
[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

f) complemento nominal;

<sup>4</sup> Cujos vem do genitivo latino de “qui” (quæ, quod), cuius (de + que = cujo) e por isso corresponde sempre à adjunto adnominal.



(56) *Lembrava-me de que toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.*

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

g) adjunto adverbial; e

(57) *Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde**<sup>5</sup> eu morava.*

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

h) agente da passiva.

(58) – *Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!*

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Almeida (1999, p. 202) complementa a definição dizendo que relativo é a palavra que, vindo numa oração – adjetiva –, se refere a termo de outra. O autor não considera a palavra “quanto” um pronome relativo, mas sim interrogativo e denomina “onde” de advérbio relativo.

Já para Perini (2003, p. 140), pronome relativo é o elemento introdutor de uma *construção relativa*, enquanto Travaglia (2003, p. 94) o define como palavra que se acrescenta a uma oração para formar um sintagma adjetivo.

Bechara (2000, p.486-488) define as funções de cada relativo, conforme seguem:

- a) Que – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de sujeito, objeto direto ou predicativo;
- b) Que – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de objeto indireto, complemento relativo<sup>6</sup>, adjunto adverbial ou agente da passiva;

<sup>5</sup> Também chamado de “complemento adverbial”, ou “locativo”.

<sup>6</sup> Complemento relativo, de acordo com Bechara (2000, p. 419), é um argumento determinante do predicado complexo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada à semelhança do complemento direto,. A diferença é que o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição. Para o autor, a preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal. Incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica. Para diferenciar o complemento relativo do objeto indireto, Bechara explicita que o complemento objeto indireto é: (a) introduzido apenas pela preposição A; (b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; (c) expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”; (d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe/lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto

- c) Quem – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas: objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial, agente da passiva;
- d) Cujo (s), cuja (s) – precedidos ou não de preposição – valem sempre “do qual, da qual, dos quais, das quais” (caso em que a preposição de tem sentido de posse) e funcionam como adjunto adnominal do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número.

Observação: em lugar de em que, de que e a que, nas referências a lugar, empregam-se respectivamente onde, donde e aonde, que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo (Bechara, 2000, p. 487).

- e) O qual – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui que e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza, pode-se até repetir o antecedente depois de o qual.

É mais comum a substituição de que por o qual depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente de que, ou do qual, com que ou com o qual, a que ou ao qual, sem que ou sem o qual, mas só ocorrem apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais, etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o qual), e não átono (como que).

Bechara (2000, p. 171) ressalta que o pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome relativo, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exerce função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. Ele ainda alerta que o transpositor relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo sempre exerce função sintática, acumulando o papel de reintroduzir o antecedente a que se refere e a função, de acordo com a estrutura da oração na qual está inserido. O *que* pode vir antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o relativo se refere e,

---

(*o, a, os, as*). Ele acrescenta, ainda, que é possível não anunciar o objeto indireto, mas que não se pode fazer o mesmo com o complemento relativo nem com o objeto direto.

por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso. Nas orações adjetivas explicativas, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual, os quais, as quais*). Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.

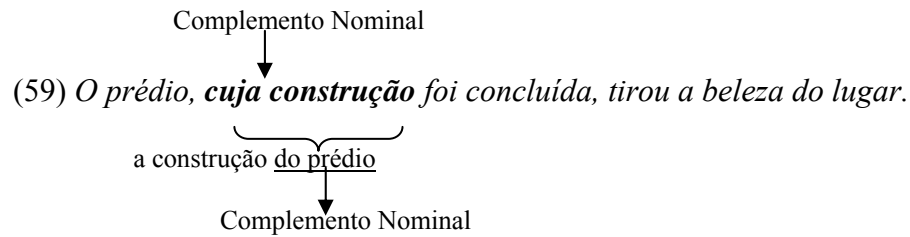
O mesmo autor (op. cit., p. 199) indica o uso de O QUAL (e flexões) em lugar de QUE, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação. E, em geral, substitui-se QUE por O (A) QUAL, depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas.

Na linguagem contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou alguma coisa personificada. Como simples relativo, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a “o qual” e vem sempre antecedido de preposição. Bechara (op. cit., p.171) aponta que *que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos.

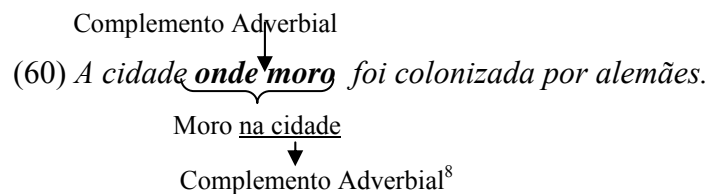
*Cujo* é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual, de quem, de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número. Bechara (op. cit., p. 202) indica que, conforme a função do núcleo do sintagma nominal do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição. E acrescenta que *cujo* reclama, em geral, antecedente e conseqüente expressos, sendo o antecedente possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere, e que, em autores modernos, de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem conseqüente. *Quanto*, como simples relativo, tem por antecedentes os pronomes indefinidos tudo/todos (ou todas), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO.

Cunha e Cintra (2001, p. 346) e Bechara (2000, p. 172) concordam que os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem antecedentes. São chamados, então, de pronomes relativos indefinidos. Mas alertam que muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que*.

Cunha e Cintra (op. cit., p. 346) ressaltam que o pronome relativo *que* é o relativo básico – usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou plural, e pode iniciar orações adjetivas restritivas e explicativas –, *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal e *onde* é apenas adjunto adverbial. No entanto, observa-se uma lacuna nessa afirmação, pois “cujo” pode também desempenhar a função de complemento nominal – forma do genitivo objetivo<sup>7</sup> –, como no exemplo (59) abaixo:



Além disso, “onde” pode exercer a função sintática de complemento adverbial ou circunstancial, como em (52):



Vilela e Koch (2001, p. 226) caracterizam o pronome relativo *que* como o relativo universal e explicitam os demais pronomes relativos e suas respectivas funções como seguem abaixo:

- a forma *que* pode ter como antecedente pessoas ou coisas e é capaz de desempenhar qualquer função frásica e ser precedido de preposição;
- a forma *o qual* substitui *que*, e, em certos casos, é mesmo obrigatório o seu uso;
- a forma *quem* apenas se refere a pessoas e pode não ter antecedente, pelo menos aparentemente, e, se tiver antecedente expresso, é regido de preposição;
- *quem* é precedido de preposição, mas com a preposição *sem* é substituído por *qual*;
- a forma *cujo* usa-se apenas como determinante e a sua ligação ao antecedente equivale ao que a gramática designa como complemento determinativo (PB: adjunto adnominal) e concorda com o nome que acompanha na oração subordinada;
- *onde* reporta-se a um “lugar” e por isso equivale a “em que”, “no qual”, podendo ter como antecedente um advérbio de lugar; desempenha sempre a função de adverbial e depende de um verbo preposicional;
- a forma *quanto* tem quase sempre como antecedente *tudo/todos*.

<sup>7</sup> De acordo com Napoleão Mendes de Almeida (1999), o genitivo pode ser objetivo ou subjetivo. O genitivo objetivo corresponde a complemento nominal, e o genitivo subjetivo, a adjunto adnominal.

<sup>8</sup> A NGB denomina de *Adjunto Adverbial* e alguns autores, como Lima, Luft e Bechara utilização a denominação *Complemento Adverbial*.

Todos esses pronomes relativos, além de marcarem a subordinação, exercem função sintática na oração a que pertencem e esta função sintática nada tem a ver com a função de seu antecedente: é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.

Kury (2000, p. 83) estende-se na função sintática dos relativos, declarando que os pronomes relativos SEMPRE exercem, na oração em que se encontram ou numa oração substantiva que a segue, uma função sintática. Sua posição é reiterada quando diz que, em certas construções, o pronome QUE, introdutor de uma oração adjetiva, nela não exerce nenhuma função: vai exercê-la numa oração substantiva dela dependente (*op. cit.*, p. 85). É o que ele chama de cruzamento sintático. E exemplifica:

(61) “Não façam a outrem o [que não queres] [que te façam].”

Kury afirma que *que não queres* é objeto direto de *façam*, verbo da oração objetiva direta *que te façam*. No entanto, há uma complexidade muito maior nesta análise, visto que essa mesma construção poderia perfeitamente ser submetida à seguinte análise: *que não queres* é uma oração adjetiva, na qual o pronome relativo “*que*” se refere ao pronome demonstrativo “*o*” (= “aquilo”), que exerce a função de núcleo do objeto direto de “*façam*”. A oração “*que não queres*” restringe ou especifica o pronome demonstrativo “*o*”. Já a oração “*que te façam*” funciona como objeto direto do verbo “*queres*”, sendo classificada como oração subordinada substantiva objetiva direta.

Comparando as duas análises, temos o seguinte esquema:

Esquema 1:

“Não façam a outrem o [que não queres] [que te façam].”

oração adjetiva                      oração substantiva  
 (objeto direto de “façam”)      (objeto direto de “queres”)

Para Kury, a oração adjetiva *que não queres* é objeto direto de *façam*, verbo da oração subordinada substantiva objetiva direta *que te façam*.

Esquema 2:

“Não façam a outrem o [que não queres] [que te façam].”

= aquilo (pronome demonstrativo – núcleo do OD de “façam”)  
 pronome relativo                      conjunção integrante  
 oração relativa                      oração substantiva  
 (adjunto adnominal de “o”)      (objeto direto de “queres”)

Vilela e Koch (2001, p. 397) compreendem que o pronome relativo “representa sintaticamente um elemento frásico da frase subordinada e é semanticamente preenchido pelo recurso a um elemento frásico da frase de referência”. Portanto, consideramos o esquema 2 muito mais coerente, visto que o pronome relativo, na oração “*que não queres*” refere-se ao demonstrativo “o” da primeira oração, restringido por “*que não queres*” (oração relativa). Assim, o OD de “façam é “o que não queres”, sendo “o” núcleo desse objeto. Se se considerar “*que não queres*” como objeto direto de “*façam*”, essa oração deveria ser objetiva direta e não adjetiva.

Como o traço semântico funcional geral de todas as frases relativas é, segundo Vilela e Koch (2001, p. 397), o de caracterizarem indivíduos, grupos ou classes de indivíduos por meio de descrições de estados de coisas (= frases subordinadas), a conclusão exposta no parágrafo anterior se confirma, pois a oração “*que não queres*” caracteriza ou delimita “aquilo” (“o”).

Perini (2001, p. 153) esclarece que

o relativo propriamente dito funciona sempre como um NP (daí poder ser sujeito ou objeto); mas pode vir precedido de preposição e, nesse caso (como qualquer NP preposicionado), pode ocupar funções típicas de “sintagmas adverbiais”.

Não só no nível oracional os relativos desempenham funções. De acordo com Perini (2001, p. 153), o relativo pode exercer uma função subordinada, a de modificador externo, como o caso do *cujo* em (62):

(62) *O urso [cuja pata eu cortei] era branco.*

*Cujo* é modificador externo de *pata* e *cuja pata eu cortei* é modificador externo de *urso*. Conforme o autor, “há uma alternativa estrutural à construção com *cujo*”. Pode-se usar um relativo comum (*quem* ou *o qual*), precedido de *de*. E isso pode acontecer porque a forma “*cujo*” provém do genitivo latino *qui* (nominativo) / *cuius* (genitivo), que correspondem ao adjunto adnominal *de + que*. Como uma espécie de forma amalgamada de preposição + NP, que não pode ser considerada um NP.

Luft (1996, p. 90) observa que “alguns verbos são seguidos de um adverbial que não é adjunto, visto que integra o verbo, e este fica incompleto sem aquele”, como *Morar em Brasília*, ou *Ir ao Rio*. Bechara (2000, p. 436), por sua vez, aponta para o mesmo fato e explica que, como são adverbiais obrigatórios, não podem ser chamados de adjuntos – pois os

adjuntos são facultativos – mas sim de complementos relativos. Ainda há muitas outras noções mais complexas que se referem à transitividade dos verbos, mas não serão aqui expostas por serem de grande extensão e gerarem, ainda, muitas dúvidas. Basta saber que há elementos que são obrigatórios para determinadas sentenças enquanto que, para outras, são facultativos. E isso deve ser analisado em cada oração.

Na abordagem de Vilela e Koch (2001, p. 226), “os pronomes relativos (RELATIVUM: ‘que se refere a algo’) têm dupla função”:

- a de significado mostrativo (ou valor generalizante)
- e a de integrar e caracterizar uma oração subordinada.

Na função de integrar e caracterizar uma oração subordinada, “o relativo tem também uma função frásica: desempenha as funções de substituto e de determinante”. Os autores completam a informação dizendo que “os relativos reportam-se a uma palavra da subordinante, com a qual concordam em gênero e número” e que “a função sintática que desempenham está dependente do valor sintático assumido na frase em que ocorrem”.

Vilela e Koch (2001, p. 46) relatam que “entre os elementos da língua há relações sintagmáticas (= horizontais e lineares) e paradigmáticas (= verticais), através das quais são determinadas as possibilidades de uso e combinação de cada elemento da língua”. Quando se constrói uma oração relativa em que o pronome relativo exerce a função sintática de complemento, seja verbal ou circunstancial, essa relação sintagmática é alterada, gerando a chamada *transformação* ou *permutação* (*op. cit.*, p. 47). É essa permutação que propicia “o apagamento” da preposição diante do pronome relativo, pois o enunciador, ao transportar o complemento para o início da oração relativa, não percebe a regência verbal, devido à distância entre o antecedente (verbo) e o conseqüente (preposição).

E, como último tópico para encerrar os itens que compõem a estrutura das relativas estão os pronomes relativos que aparecem com preposição e que, freqüentemente, não se apresentam dessa forma na fala culta, representada nesta pesquisa pelo *corpus* de análise dos dados do NURC.

#### 1.1.4 Pronomes relativos com preposição

Segundo Bechara (2000, p. 466), o pronome relativo é precedido por preposição quando exerce a função de complemento relativo, ou seja, quando reintroduz um argumento marcado por um índice preposicional. Em

(63) *O livro [de que gostas] está esgotado.*

*de que gostas* equivale por *gostas do livro* e *do livro* funciona como complemento relativo do núcleo verbal *gostas*. A preposição que introduz esse complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal e a sua escolha depende da norma estabelecida pela tradição. Segundo o autor (*op. cit.*, p. 296), “ela não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz”, que tanto pode ser um complemento relativo (64) ou um adjunto adnominal (65).

(64) *Aldenora gosta de Belo Horizonte.*

(65) *O homem de coragem*

O que diferencia o complemento relativo do adjunto adnominal é que, enquanto neste (65) a preposição apenas age como um transpositor, isto é, como um elemento gramatical que habilita uma determinada unidade lingüística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce, naquele (64), introduz um predicado complexo<sup>9</sup>, unindo a forma verbal ao seu termo complementar.

O relativo *cujo* traduz a idéia de posse, com valor dele(a), do(a) qual, como em

(66) *O livro cujas páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*)*

e, conforme a função do núcleo do sintagma nominal do qual o pronome *cujo* serve de adjunto, poderá vir precedido de preposição, como em (67), (68) e (69).

(67) *Os pais de cujos filhos damos aula... (= aos filhos *dos quais*) (*sic*)*

(68) *O clube em cujas dependências faço ginástica... (= *nas* dependências *do qual*)*

(69) *A cidade por cujas ruas, na infância, arrastou seus sonhos... (= *pelas* ruas *da qual*)*

<sup>9</sup> Predicado complexo – contém verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica e que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, como em “Todos nós *gostamos de cinema*”, “O marido não *concordou com a mulher*” ou “Poucos *assistiram ao concerto*”.



Já Cunha e Cintra (2001) observam que se usa o *que*, preferencialmente, depois das preposições monossilábicas *a, com, de, em e por*; e as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome O QUAL, que também é usado como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos.

Na linguagem contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou alguma coisa personificada. Como simples relativo, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a “o qual” e vem sempre antecedido de preposição. Bechara (2000, p.171) aponta que *que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos.

Bechara (2000, p. 571) lista os seguintes casos em que a presença da preposição anteposta ao pronome relativo faz-se necessária:

a. *Complemento relativo:*

(70) O livro de *que* precisamos esgotou-se.

b. *Objeto indireto:*

(71) Este é o aluno a *que* dei o livro.

c. *Adjunto adverbial:*

(72) O livro por *que* aprendeste a ler é antigo. A casa em *que* moro é espaçosa.

d. *Agente da passiva:*

(73) Este é o autor por *que* a novela foi escrita.

De acordo com o autor, essas funções sintáticas exigem a preposição, mas faz a ressalva de que se deve evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal “que”<sup>10</sup>, considerado um mero elemento transpositor oracional, desprovido de qualquer função sintática, apesar de ser um recurso lingüístico “extremamente prático” (BECHARA, 2000, p. 492). O termo universal (que) é conetivo – conjunção (integrante, causal, ...)

---

<sup>10</sup> Relativo que freqüentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome.

Entretanto, encontramos aqui um ponto de conflito. Se *que* é considerado relativo universal e como tal desprovido de função sintática, a preposição também haveria de ser dispensada, aparecendo, portanto, mais adiante, no elemento ou no sintagma que preenchesse de fato essa função, seja com conteúdo fonético ou com operador nulo. O elemento transpositor, como ele próprio afirma, não tem condições de exigir preposição, logo, ela seria desnecessária na posição que antecede ao “que”.

Tanto Almeida, Rocha Lima, Cunha e Cintra, como Luft e Bechara procuram detalhar o uso e o emprego da preposição precedente aos pronomes relativos nos registros escritos e, em seções à parte, atentam para o efeito da elipse. Todos eles indicam que essa é uma figura de sintaxe permitida pela língua e muito corriqueiras em nosso PB. Percebemos, com isso, que até mesmo a gramática normativa trabalha com a hipótese das categorias vazias, ou seja, nem tudo previsto tem realização fonética na língua.

A partir de tudo o que foi exposto, segue uma reflexão acerca do ensino de gramática, ou de língua, como muitos professores ainda a chamam, apesar de ser completamente diferente, pois não se ensina “língua”. As regras expressas na gramática tradicional não devem ser encaradas como uma forma opressiva de impedir qualquer outra situação que fuja às normas ou limitar a criatividade. As exceções já estão previstas e, a cada nova reedição, novas situações especiais vão sendo incorporadas às já existentes, caracterizando a flexibilidade defendida por muitos lingüistas. Desejamos, aqui, apontar que há sentenças reais de análise diferentes das expressas pela norma e que são possibilidades de nova estruturação, como seguimos com a descrição na próxima seção.

## **1.2 As inovações nas orações relativas do PB**

Ilari e Basso (2006, p. 09) apontam que é possível olhar para o português brasileiro sem se prender a representações prontas e que a variabilidade lingüística deve ser aceita como um fato natural, pois (*op. cit.*, p. 15) a variedade de latim que deu origem ao português não foi nem o latim literário, nem o latim da Igreja, mas sim uma terceira

variedade, conhecida como latim vulgar, ou *vernáculo*<sup>11</sup>, que era particularmente diferente do clássico tanto em sua estrutura gramatical quanto em seu léxico.

Foi a partir do final do século XIX e do início do XX que ocorreram não só uma série de fatos e eventos que afetaram a língua “de fora para dentro”, mas também algumas importantes transformações estruturais, como as sintáticas que seguem, segundo Ilari e Basso (2006, p. 85):

- prevalece o uso do “objeto nulo”, isto é, a omissão do objeto direto quando ele consistiria num pronome átono:  
(74) Comprei um livro e li (em vez de comprei um livro e li-o)
- prevalece o uso de sujeito pronominal:  
(75) *eu fiz* (em vez de simplesmente fiz)
- prevalece a construção das orações relativas como cortadoras (como em (3)) ou copiadoras (como em (4)), de preferência à construção completa ou clássica (5):  
(76) *a colega que eu saí ontem* (cortadora) ou  
(77) *a colega que eu saí ontem com ela* (copiadora), em vez de  
(78) *a colega com quem eu saí ontem* (completa ou clássica)
- prevalece o uso da ordem sujeito-verbo (e não verbo-sujeito):  
(79) *ele era adepto da homeopatia*, em vez de *era ele adepto da homeopatia*

Segundo os autores, “as construções representadas em (74), (75), (76) e (77) passaram a ter um uso quantitativamente superior ao das construções concorrentes, e essas mudanças são características do português brasileiro, pois não aconteceram no português europeu”.

Para Chomsky (*apud* Ilari, 2006, p. 85), “essas mudanças não são fatos independentes, mas manifestações de um mesmo rearranjo pelo qual teria passado a sintaxe da língua”. Esse rearranjo valorizou a posição que os sintagmas nominais ocupam em relação ao verbo como principal recurso para marcar sua função.

Para as relativas, especificamente, o que conta é que o pronome pessoal que aparece na sentença copiadora está exatamente na mesma posição em que o encontraríamos numa oração simples, e essa posição diz qual é a sua função sintática. Comparem-se (*op. cit.*, p. 86):

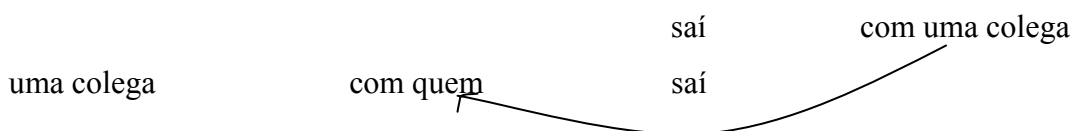
- (80) *encontrei uma colega no shopping*,  
(a posição indica que *uma colega* é objeto direto)
- (81) *encontrei ela no shopping*  
(a posição indica que *ela* é objeto direto)
- (82) *vou mostrar para você a colega que encontrei ela no shopping*

---

<sup>11</sup> Vernáculo: modo de aprender a língua. O aprendizado se dá por assimilação espontânea e inconsciente, no ambiente em que as pessoas são criadas.

(a posição indica que *ela* é objeto do verbo *encontrei* / *ela* tem por antecedente *a colega* / a palavra *que* funciona como um conectivo entre orações, não tem antecedente e por isso não é verdadeiramente um pronome relativo)

Antes da mudança, o português brasileiro indicava função sintática por meio de deslocamento, e ainda o fazem para as construções de posposição do sujeito e padrão das orações relativas (pois entendem que, nesta última, o pronome relativo “sai” da posição própria de sua função sintática e vai para o início da oração subordinada):



Ilari e Basso (2006) resumem tudo isso dizendo que, no final do século XIX, o português do Brasil elegeu a posição como principal estratégia para indicar função sintática, dando menor importância ao movimento. É uma hipótese com pressupostos teóricos muito precisos, que faz sentido no contexto da Teoria de Princípios e Parâmetros, de Chomsky.

Além disso, os autores (*op. cit.*, p. 116) informam estudos mais recentes que confirmam as duas velhas teses a respeito dos pronomes relativos:

(1) que eles reúnem numa única palavra as funções de conjunção e de demonstrativo ou possessivo (*No aeroporto havia uma delegação esportiva que vinha da China* = *No aeroporto havia uma delegação esportiva, e essa delegação esportiva vinha da China*; *Atracou no porto um navio cujo nome era Mileto* = *Atracou no porto um navio, e seu nome / e o nome desse navio era Mileto*);

(2) que eles são um termo (sujeito, objeto etc.) da oração subordinada que introduzem.

É fácil perceber essa dupla função no português culto; no português sub-*standard*, ao contrário, tudo indica que o pronome relativo guardou apenas valor de conectivo. Neste último registro, as formas *o qual* e *cujo* são praticamente desconhecidas, e são possíveis sentenças que se caracterizam pela presença de um “pronome cópia” (*O carro que andei nele era um fusca*). A presença desse pronome cópia mostra, precisamente, que o relativo já não é percebido como um sintagma nominal da oração que introduz.

As orações adjetivas virem acompanhadas ou não de preposição anteposta ao pronome relativo irá depender da regência do verbo da oração adjetiva. Conforme Bagno (2001, p. 88), nas orações relativas *padrão*, as preposições são *deslocadas* para um lugar que elas normalmente não ocupam na imensa maioria das suas demais ocorrências da língua. Essa construção, por ser diferente da sintaxe habitual da ordem ANTECEDENTE – PREPOSIÇÃO – CONSEQÜENTE propicia o apagamento da preposição, gerando a chamada “*relativa cortadora*”.

Como afirma Perini (2001, p. 44), “é importante ter uma boa noção da estruturação das frases em constituintes, porque toda a análise se baseia nela”. Portanto, quando se tem a posição linear, conforme denominação utilizada por Perini (2001, p. 44), fica fácil perceber a regência verbal e mais difícil omitir as preposições.

Bechara (2000, p. 491) adota outra explicação para o caso de omissão das preposições. Ele alega que o relativo, na linguagem popular e coloquial, está despido de qualquer função sintática e, por isso, serve apenas como mero transpositor oracional, denominado de relativo universal, “um elemento lingüístico extremamente prático”. A função que o relativo exerceria vem mais adiante, *in situ*, expressa por substantivo ou pronome. O autor reforça seu ponto de vista quando exemplifica que *que* e *quem* vêm sendo seguidos por pronome pessoal oblíquo (83), quando a tradição exigiria o relativo precedido de preposição (84), e que o relativo, às vezes, não se refere à forma do seu antecedente, mas sim à idéia que ele traduz (85).

(83) *Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda.”*



(84) *Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem a quem dói a fazenda.”*

(85) *Bem vês as lusitanas fadigas*

*Que eu já de muito longe favoreço. (que = lusitanas)*

É importante manifestar e apoiar a mudança na forma de encarar a expressão gramatical, libertada do ensino preconceituoso. É inegável que há ingredientes novos em nossa língua, e estimular uma linha de reflexão na qual o lingüista e o professor de língua portuguesa, juntos, possam explorar a diversidade de falares, é garantir espaço para novas descobertas e possibilitar a investigação científica, tão necessária para o desenvolvimento de um povo. Pessoas, lingüisticamente informadas se debruçando sobre o ensino, munidas de informações mais articuladas e confiáveis sobre os "conteúdos" a serem ensinados, é o ideal para o ensino escolar. Daí a possibilidade de confrontar a persistência das práticas tradicionais com as expectativas de inovação (ou de volta à razão), estimuladas pela ciência da linguagem.

A gramática tradicional é, antes de tudo, um livro que esboça o que temos à disposição em nossa língua externa, a língua-E<sup>12</sup>, e não podemos, em hipótese alguma, deduzir que seja desnecessária do ponto de vista gerativo. É a partir daquilo com que estamos em contato que deduzimos toda a geração da linguagem, e a escola, como instituição que privilegia o saber escolarizado, deve apoiar-se em algo concreto, que assegure um ensino igualitário. O que temos de fazer, portanto, é estimular a reflexão sobre o que lá está prescrito e analisar, em confronto com a real situação comunicacional, e isso exige uma mudança de atitude e não a mera importação ou repetição daqueles conhecimentos passados e repassados várias vezes.

Não falamos aqui em substituição do português padrão por qualquer forma de português não-padrão, mas que as variedades não-padrão possam ser utilizadas como um fator positivo no ensino, e até por esse motivo devem ser tratadas com respeito. A língua portuguesa não é somente o que está nas gramáticas normativas, e isso permite ao professor ensiná-la sem ter de “ensinar” somente gramática.

A partir de tudo o que foi exposto neste primeiro capítulo, fica bastante claro que a postura da Gramática Tradicional, que prescreve o português padrão, só admite a hipótese de movimento do pronome relativo, seja ele NP ou PP – topicalização do pronome relativo – já que é um conetivo que não perde sua função sintática na oração a que pertence, apresentando essa função dupla de conetivo + pronome relativo. Todavia, a mesma gramática tradicional apresenta o “que” universal, que perde sua qualidade de relativo e passa a ser simplesmente um conetivo, gerando estruturas novas.

Discutir e refletir sobre os padrões de “língua” utilizados e prescritos na escola e nas gramáticas, respectivamente, é criar um espaço alternativo que acompanhe a evolução de nossa linguagem, que em nada é estanque. Em espaços como este, de metalinguagem, surgem olhares mais atentos ao que está sendo realizado, praticado pelos falantes, e nascem ótimas propostas de investigação que podem, *a priori*, motivar pesquisadores, que se servem de riquíssimos exemplos para dar conta de uma gama enorme de variedades lingüísticas e possibilidades combinatórias até então não aceitas. O mérito dessa conquista não é só do pesquisador, mas daquele professor que está sempre vigilante aos fatos lingüísticos.

---

<sup>12</sup> Língua-E, entendida como “a totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade de fala”. (CHOMSKY, 1994)

## CAPÍTULO 2 – A ANÁLISE GERATIVA

*Não nos podem ensinar nada cuja idéia não tenhamos já em nossas mentes.*

*Leibniz*

Neste capítulo, trazemos uma síntese das idéias gerativistas que se agregaram até a formação do Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) – modelo adotado para análise –, expomos as análises gerativas das orações relativas realizadas por Tarallo, Kato, Lefebvre e Fournier, Bouchard, Corrêa, Kayne, Cohen, Ross, Pontes, Klein, Barros e Silva, Vicente e De Vries, e fazemos um cotejamento dessas análises. Por fim, destacamos algumas evidências do PB que propiciam a confirmação de nossa hipótese e que corroboram para reforçar a ausência de movimento nas *Relativas Cortadoras*, cujos dados e análise seguem no capítulo 4.

### 2.1 A teoria gerativa

Chomsky foi principal estimulador da investigação lingüística gerativa. Em sua publicação, *Aspects of the theory of syntax*, obra datada de 1965, apresentou o modelo gramatical conhecido como “Teoria Padrão”, cujo objetivo era responder sobre a natureza do conhecimento da língua. Entretanto, por defender uma faculdade da linguagem inata, específica da espécie humana, essa teoria foi muito criticada. Após alguns anos, surgiu então uma resposta às críticas, com sua reformulação, passando a chamar-se de “Teoria Padrão Alargada”, que preparou o caminho para uma nova concepção de gramática gerativa: uma gramática vista como um sistema de Princípios e Parâmetros – P&P. Esta

nova perspectiva vê a faculdade da linguagem como um sistema parcialmente especificado: princípios absolutos (universais) e parâmetros por fixar (de acordo com as diferentes línguas de contato, formam a chamada gramática particular, núcleo). Assim, desde então, Chomsky passou a ser uma das figuras mais proeminentes da lingüística, com a publicação de *The knowledge of language: its nature, origins and use* (1986).

E foi a partir dessa proposta “gerativa” que muitos lingüistas colaboradores obtiveram avanços consideráveis na compreensão dos fenômenos lingüísticos, inserindo modificações no arcabouço teórico inicial, eliminando as inadequações e incorporando novas descobertas. Apesar das sucessivas modificações, duas características se mantiveram constantes:

1) a preocupação de que o aparato técnico seja capaz de gerar as seqüências bem-formadas nas línguas;

2) o desejo de que esse aparato técnico se insira numa perspectiva que relacione linguagem e mente/cérebro, refletindo a tese central de que há um componente da mente humana consagrado à linguagem e interagindo com outros sistemas mentais.

O que o gerativismo propõe, então, não é o estudo de uma determinada língua, mas, a partir dela (*bottom up*), chegar à gramática núcleo<sup>13</sup>, cuja formação se dá pela combinação de diversos processos, representados pela figura:

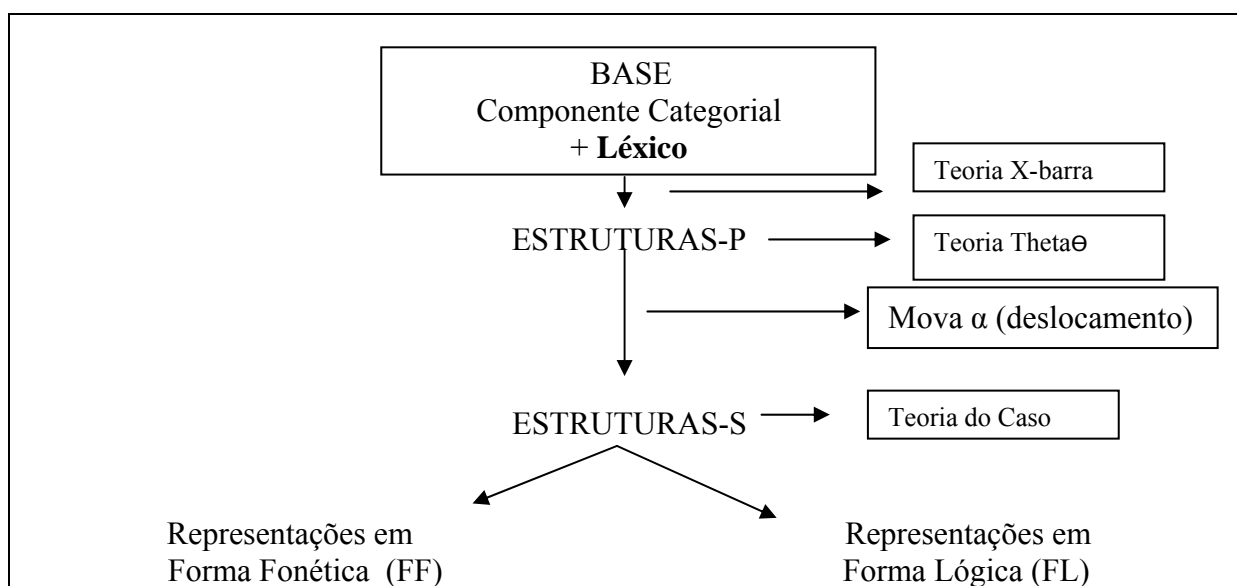


Figura 2 – Princípios e Parâmetros (P&P)

<sup>13</sup> Língua-I, um objeto mental, o saber que as pessoas têm da língua que lhes permite falar e entender essa língua. (CHOMSKY, 1994)



Resumidamente, a figura acima se constitui da Estrutura Profunda (Estrutura-P), da Estrutura Superficial (Estrutura-S), da Forma Lógica (FL) e da Forma Fonética (FF); todos os níveis construídos a partir de um conjunto de dados do léxico. Estruturas-P são geradas na base, que consiste do léxico e do componente categorial, satisfazendo a Teria X-barra, em particular, a noção de que toda categoria é uma projeção de um núcleo lexical. São definidas, também, nesse nível, as relações gramaticais e temáticas relacionadas às propriedades semânticas dos itens lexicais em posições argumentais (A), que obedecem ao Critério- $\theta$ , cujo teor é de que a todo argumento deve ser atribuído um papel- $\theta$  e, reciprocamente, a todo papel- $\theta$  deve ser atribuído um argumento. Logo, um argumento NP, por exemplo, é uma expressão à qual é atribuído um papel temático desempenhando uma “função referencial”.

As Estruturas-P são associadas às Estruturas-S através do componente transformacional que, por sua vez, está restrito a regras de Mova- $\alpha$ . Mova- $\alpha$  pode ser entendida como “tome qualquer coisa e coloque em qualquer lugar, deixando vestígios atrás de si”, observando sempre a Condição de Subjacência, que diz que um movimento pode cruzar, de cada vez, apenas uma barreira<sup>14</sup>. Um vestígio corresponde a uma categoria vazia (*ec*) do mesmo tipo que o elemento movido (deslocado); e o deslocamento consiste em uma substituição ou em uma adjunção, como é o caso das relativas, segundo concepção de Raposo (1992). Portanto, uma Estrutura-S deriva de uma Estrutura-P pela aplicação de Mova- $\alpha$ , mas também uma Estrutura-P pode ser derivada de uma Estrutura-S pela suspensão dos efeitos da mesma regra Mova- $\alpha$ . E isso é o que fazemos para chegar à geração das estruturas da linguagem: partimos de um enunciado de um falante/ouvinte ideal e descrevemos os processos pelos quais a sentença passou até chegar à base, Estrutura-P. Nesse sentido, a Estrutura-P e o Mova  $\alpha$  são componentes da Estrutura-S, que pode ser pensada como uma Estrutura-P enriquecida com vestígios.

No Princípio de Projeção, os itens lexicais assumem parte importante na representação sintática. A categoria lexical do núcleo do sintagma determina a categoria do sintagma, e a estrutura temática do predicado determinará os componentes mínimos da sentença. Esse Princípio garante que não se pode aumentar ou diminuir o número de argumentos ou posições argumentais selecionadas por um núcleo, mas podemos deslocar o

---

<sup>14</sup> Barreira, segundo Chomsky, são ilhas sem extração possível.

constituente, através do Mova- $\alpha$ , deixando, em seu lugar, um vestígio ( $t$ ), que pode formar cadeia – seqüência de posições de mesmo índice. Enquanto esse Princípio determina, com base em propriedades lexicais, quais são as configurações que devem aparecer em cada nível sintático, o Critério- $\theta$  determina quais os elementos que aparecem nessas configurações. E, quando o Critério- $\theta$  exige uma posição que não está realizada foneticamente, ocorre, então, uma categoria vazia ( $ec$ ).

A estrutura-S não só caracteriza o nível em que os vestígios dos deslocamentos estão representados, como também o nível em que os Casos são atribuídos. As duas representações sintáticas, Estrutura-P e Estrutura-S, são associadas. As estruturas estabilizadas na Estrutura-P devem ser preservadas na Estrutura-S, trazendo conseqüências, também, para movimento. NPs só podem ser movidos para posições de projeção máxima, núcleos só podem ser movidos para posições de núcleo, e assim por diante. Entretanto, NPs podem ir para QU, que não são categorias especificadas por uma categoria sintática. A preservação de estrutura não impede que um elemento movido seja posto em uma posição não existente na Estrutura-P, o que não pode é uma posição em Estrutura-P sumir. Qualquer indivíduo é capaz de produzir sentenças e encaixá-las com uso de conectores (elementos de ligação), formando uma sentença complexa, resultado, também, de uma estrutura conceptual complexa. Em uma oração encaixada como

(86) *the woman who was with him went out*

a mulher que estava com ele saiu

(87) *who was with him*

“que estava com ele” é interpretada como uma oração que modifica um nome (*woman*) e é chamada de oração relativa, enquanto que

(88) *the woman went out*

a mulher saiu

é outra oração, a principal, à qual a relativa está subordinada.

Conforme Langacker (1968, p. 113), “a estrutura de superfície de uma sentença representa apenas uma faceta da sua organização sintática. Toda estrutura de superfície manifesta uma estrutura conceptual subjacente derivada de regras sintáticas e de escolhas de itens lexicais”. Ainda nos falta conhecimento sobre cognição humana para descrever as estruturas conceptuais, mas sabemos que elas são muito abstratas. Para mostrar a derivação de orações relativas, Langacker considerou a sentença

(89) *The brick with which I broke the window was heavy.*  
 O tijolo com o qual eu quebrei a janela era pesado.

↓  
 com que

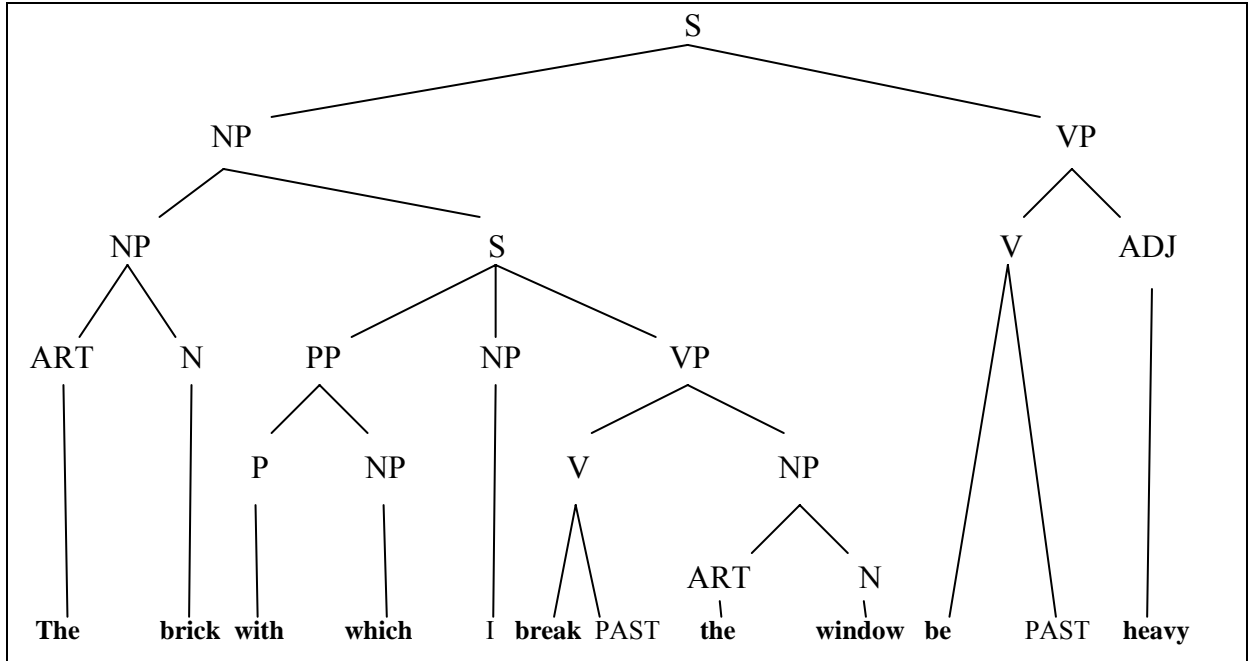


Figura 3 – Representação arbórea I de relativa, segundo Langacker (1968)

A estrutura que subjaz à sentença complexa é

(90) *The brick was heavy e I broke the window with the brick*

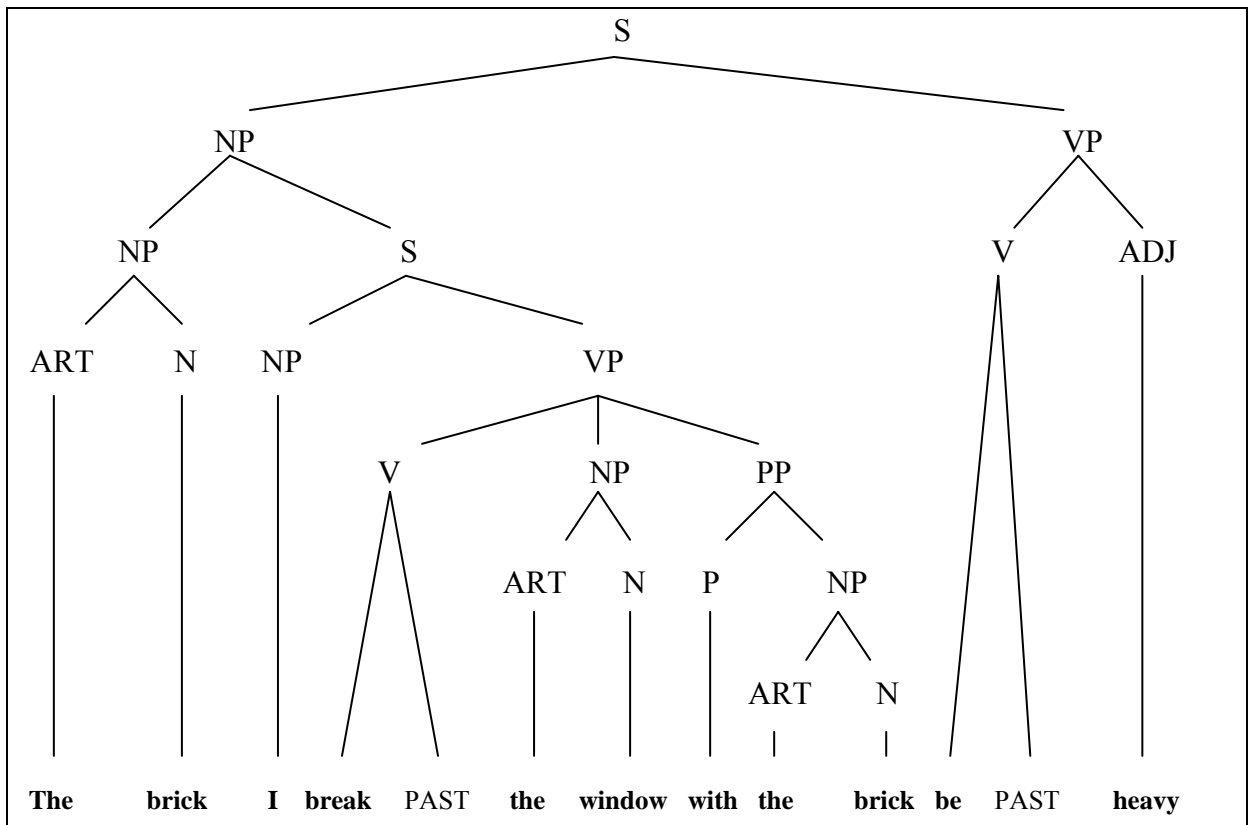


Figura 4 - Representação Arbórea II de Relativa, segundo Langacker (1968)

Estas duas estruturas diferem em dois aspectos:

1º) O PP está no final da oração relativa em (90) e no começo em (89).

2º) O “which” (que) aparece em (89) no lugar do NP “the brick” (o tijolo).

A regra de “elevação de NP” (*The Noun Phrase Advancement Rule*) explica a primeira, e a relativização, a segunda. “*The noun phrase advancement Rule*” move o NP idêntico para o começo da oração encaixada; se a preposição precede os NPs, ela também é transportada, assim:

(91) *The brick [with the brick I broke the window] was heavy.*

The brick ocorre duas vezes, e a regra de relativização reduz a segunda ocorrência do NP para a forma which/que, produzindo:

(92) *The brick [with which I broke the window] was heavy.*

which<sup>15</sup>/ é o pronome relativo que substitui o NP.

Parece óbvio que os sons são produzidos e organizados para formar as sentenças, mas para nós, lingüistas, essas estruturas concatenadas, formadas a partir de elementos do léxico, são bastante complexas, pois enxergamos além do superficial, conseguimos ver todas as estruturas derivadas sintaticamente. Nós, como gerativistas, procuramos saber que parâmetro deve ter tido seu valor alterado de tal forma que essa alteração justifique as mudanças superficiais ocorridas.

Após essa exposição de como a gramática gerativa encara a língua(agem), exploraremos, a partir deste ponto, as análises de alguns autores que trouxeram contribuições, umas mais valiosas e outras menos, para o estudo desse fenômeno.

## 2.2 As análises gerativas das orações relativas

Apresentamos diversos autores, tanto brasileiros como estrangeiros, que estudaram as relativas e suas respectivas análises gerativas sobre o processamento/construção dessas estruturas. Iniciamos essa coletânea, com uma breve amostra de como Langacker (1968) encarava a derivação das orações relativas, exposta na seção anterior, e damos continuidade com a exploração das análises dos seguintes autores: Tarallo (1983), Kato (1996), Lefebvre e Fournier (1978), Bouchard (1982), Corrêa (2000), Kayne (1994), Cohen

---

<sup>15</sup> “Which” para não humanos, “who” para humanos, “that” não segue preposição. Logo, mais uma evidência em favor de “que” do PB corresponder ao “that” do inglês.

(1986/1989), Ross (1968), Pontes (1987), Klein (1995), Barros da Silva (2002), Vicente (2005) e De Vries (2004).

Iniciamos por Fernando Tarallo, que não só investigou as relativas do português do Brasil, em 1983, com a tese *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*, pela Universidade da Pensilvânia, como foi, também, coordenador do grupo de trabalho de Sintaxe II do Projeto de *Gramática do português falado*, cujo objeto de análise é o *corpus* do projeto NURC, que ele mesmo ajudou a constituir e sobre o qual nós, nesta dissertação, também nos debruçamos.

Tarallo (1983), encontrou três tipos diferentes de orações relativas:

a) variante com lacuna (*gap leaving variant*), oração relativa de sujeito e de objeto, que deixa um vazio na posição original do termo relativizado, exemplificada com:

(93) Tem as<sub>i</sub> **que (e<sub>i</sub>) não estão nem aí**, não é?

Há uma lacuna na oração relativa na posição original do NP “QU”. Para as posições sintáticas mais baixas, como objeto indireto, a gramática padrão prescreve o uso de relativas *pied-piping*, exemplificada em (96).

b) variante com pronome lembrete (*pronome resumptivo*), oração relativa na qual a lacuna é preenchida por uma forma pronominal, exemplificada com:

(94) Você acredita que um dia teve uma mulher<sub>i</sub> **que ela<sub>i</sub> queria que a gente entrevistasse ela pelo telefone?**

Esse tipo não envolve lacuna. O que ocorre é o preenchimento dela com um pronome que é correferente com o NP cabeça da relativa. Essa estratégia ocorre na escala sintática inteira, desde as posições mais baixas até as mais altas.

c) variante cortadora (*prepositional phrase-chopping*), oração relativa em que a preposição regente e o sintagma relativizado estão ausentes, exemplificada com:

(95) É uma pessoa que essas besteiras **que a gente fica se preocupando** (com) (ela), ela não fica esquentando a cabeça.

Neste exemplo, também há uma variante com lacuna, porém ocorre somente quando o NP relativizado é o objeto de uma preposição.

A relativa com preposição, considerada *padrão* e exemplificada em (96), não aparece na fala, isto é, na língua vernácula.

(96) É uma pessoa que essas besteiras **com que a gente fica se preocupando**, ela não fica esquentando a cabeça.

Tarallo aponta que os dois tipos principais de relativas são a *cortadora* e a com pronome lembrete (*copiadora*). Sua variável é a presença ou ausência do resumptivo, cuja presença é favorecida pelas funções mais baixas (genitivo, objeto indireto e oblíquo); pelos traços semânticos [+humano], singular, indefinido (para objetos indiretos e oblíquos); pela posição da relativa à direita da matriz, a posição [+distante], o tipo não restritivo, o processamento depois de uma construção existencial.

Os dados que comprovam sua pesquisa estão reproduzidos abaixo (Kato; Roberts, 1996, p. 87):

ESTRATÉGIA	sujeito	objeto direto	objeto indireto	oblíquo	genitivo
com lacuna %	890 89,7%	374 97,4%	-	-	-
<i>Pied-piping</i> %	-	-	3 3,9%	17 7,4%	1 5,9%
pronome lembrete %	102 10,3%	10 2,6%	16 21,1%	24 10,4%	9 52,9%
cortadora %	-	-	57 75,0%	190 82,2%	7 41,2%

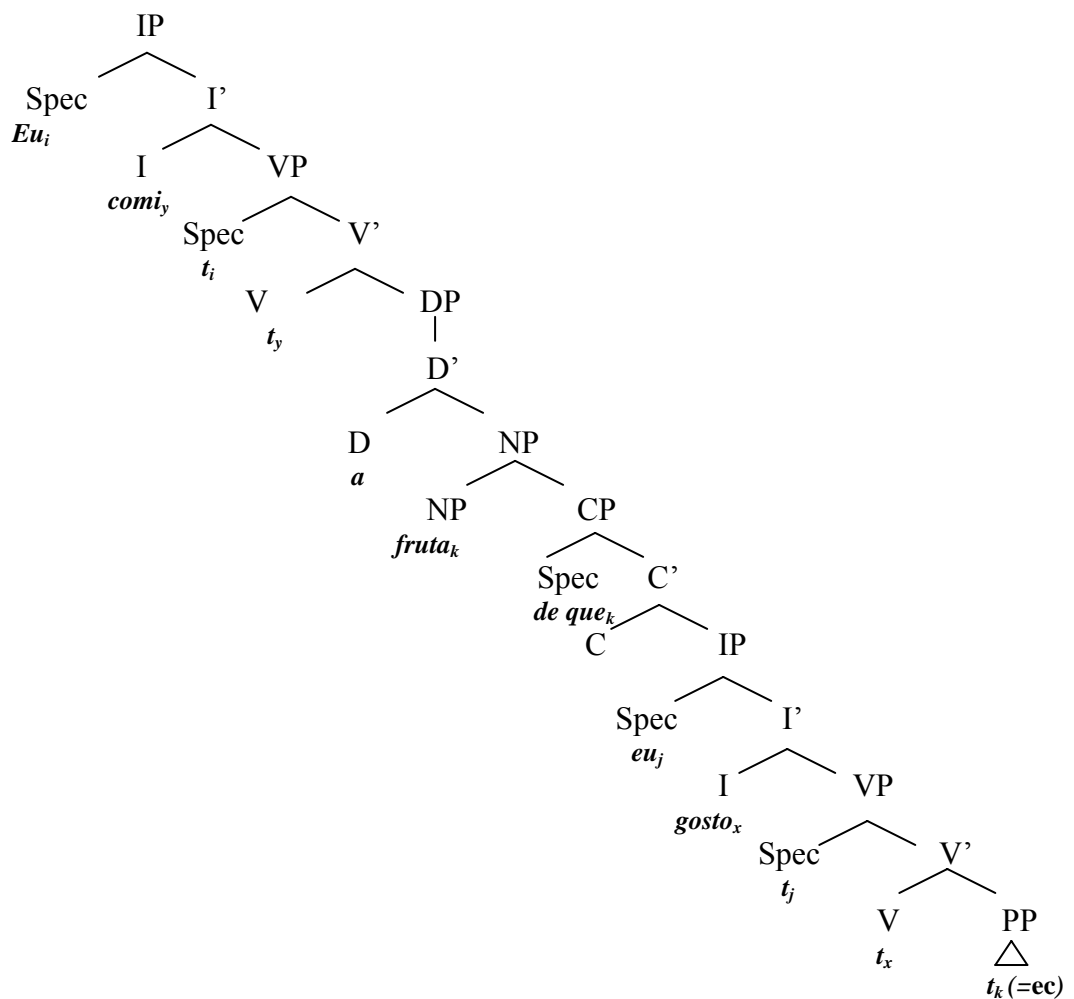
**Quadro 1: Percentagem de Relativas de acordo com a estratégia em 5 funções sintáticas, segundo Tarallo (1981)**

A pesquisa de Tarallo revelou que o apagamento de preposições é um procedimento produtivo em PB em orações relativas. A partir dela, ele conclui que existem dois modelos gramaticais de relativização no português brasileiro (PB) coloquial: um com

movimento, que é considerado *padrão*, e outro sem movimento e com o apagamento do sintagma nominal (NP) relativizado e da preposição (P), que é o modelo *não-padrão*. Essas variantes, “padrão” vs. “não-padrão”, encontram-se em relação de concorrência. Em geral, a variante *padrão* é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico da comunidade; as variantes inovadoras, por outro lado, quase sempre são *não-padrão* e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Tarallo representa dessa forma a relativa com movimento:

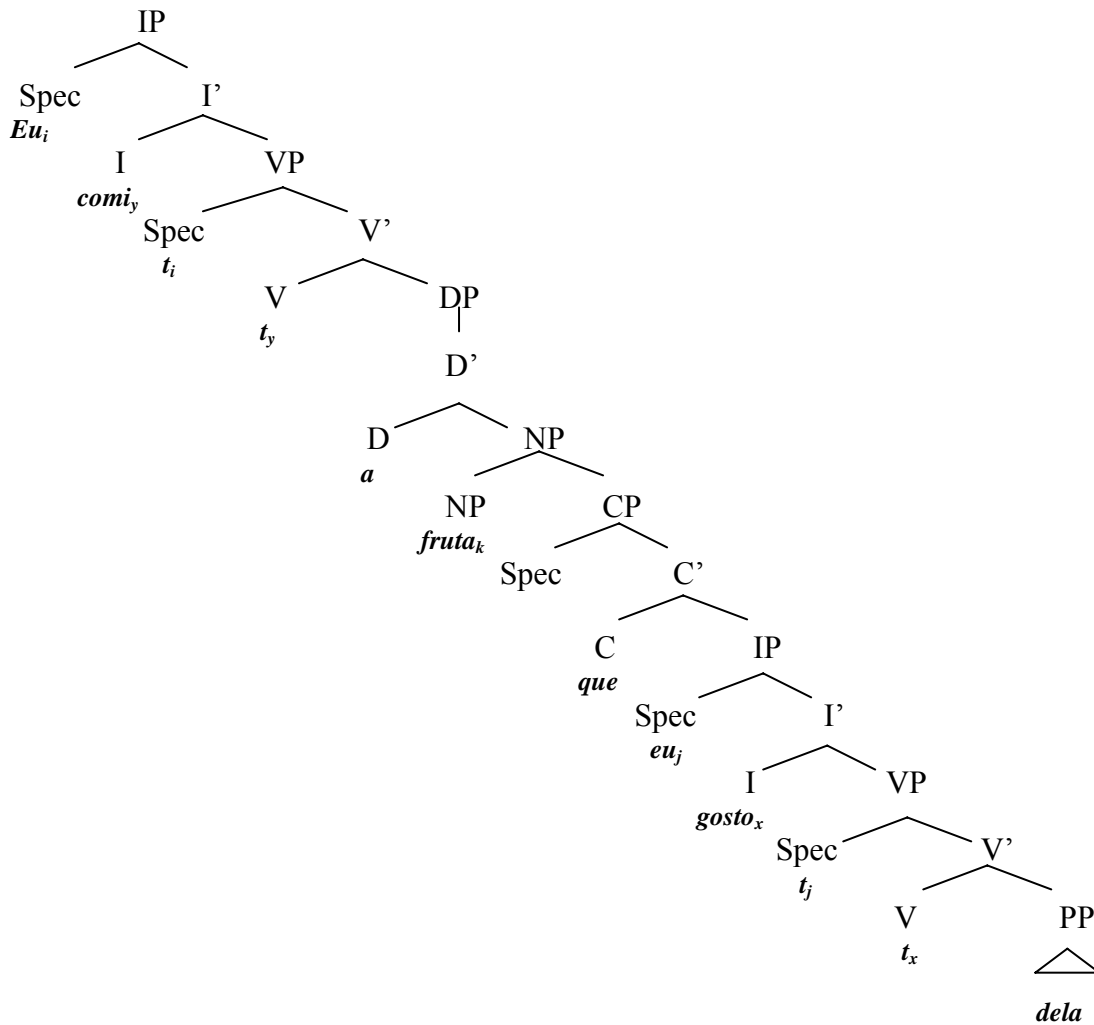
(97) *Eu comi a fruta de que eu mais gosto.*



Nota-se que há uma correferência entre antecedente, QU em COMP e “*ec*” ( $t_k$ ). O sintagma-QU na cláusula relativa é movido para a posição COMP, deixando um traço.

A relativa sem movimento é assim representada:

(98) *Eu comi a fruta que eu mais gosto dela.*



Note-se a ausência de índice referencial no QU em Comp, considerado como complementizador e não um pronome relativo. Essa estratégia não é derivada por movimento uma vez que o sintagma co-referencial permanece *in situ* e um complementizador – que –, não um pronome relativo, aparece na cabeça da relativa.

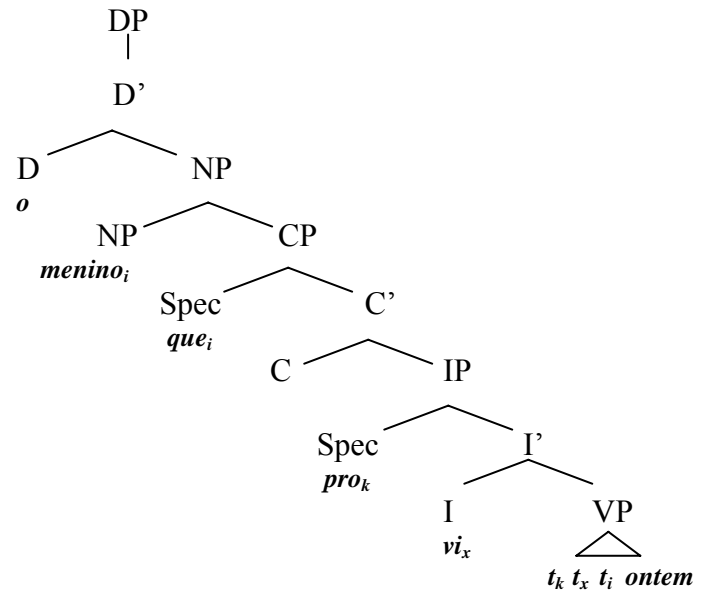
Foi essa estratégia com pronome lembrete, bastante freqüente e generalizada no discurso oral, que influenciou a neutralização do pronome relativo e estimulou os falantes/ouvintes ideais a deixarem vazia a posição PP, que vem ganhando terreno tanto no PB como no PE.

Para Tarallo, a representação da relativa *gap-leaving* é, superficialmente, igual à *padrão*, como em (99).



(99) *O menino que vi ontem.*

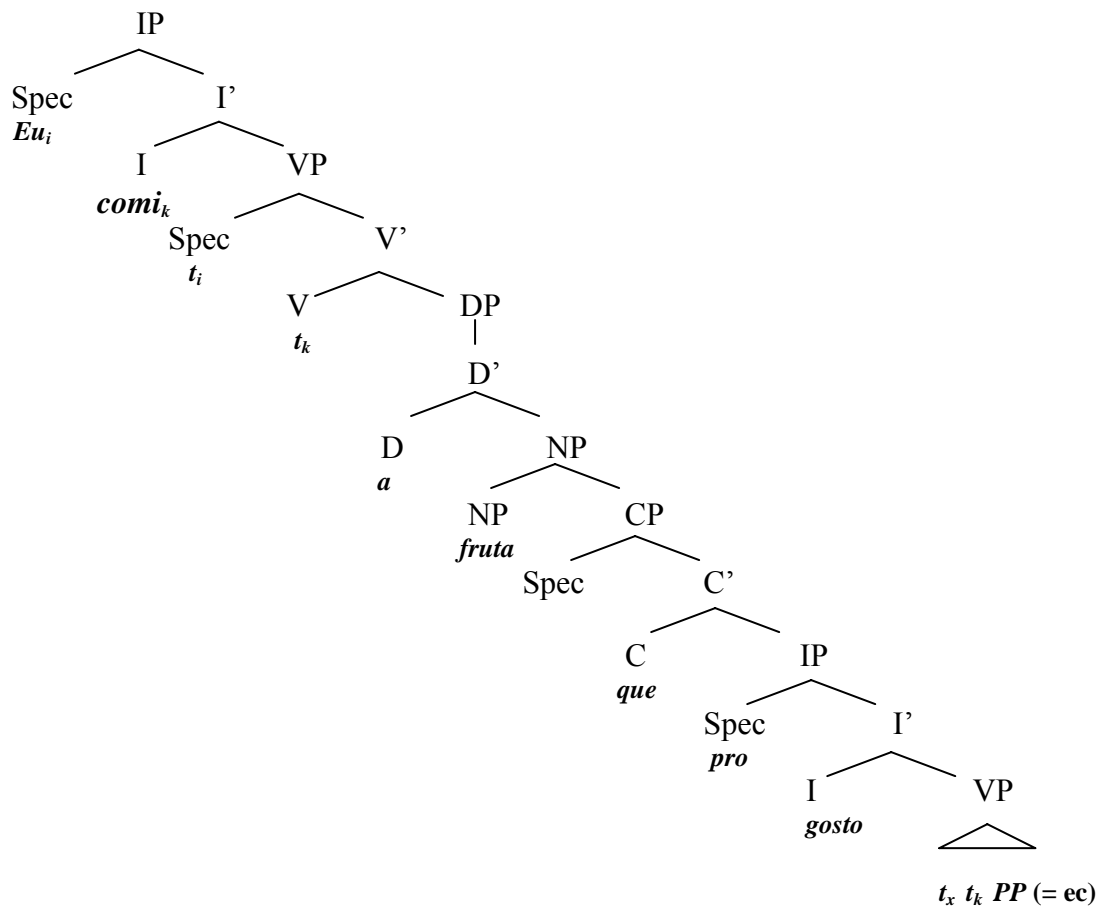
[OD]



A lacuna, neste exemplo, está dentro da oração relativa. O referente *O menino* é estabelecido como o NP núcleo, mas não é mantido na relativa. Nesta representação, vemos que o falante não pronominaliza o NP objeto direto.

A representação da *Relativa Cortadora* pode ser assim apresentada:

(100) *Eu comi a fruta que mais gosto:*



Também neste exemplo, a lacuna está dentro da oração relativa; o referente *a fruta* é estabelecido como NP núcleo, mas não é mantido na oração relativa.

De acordo com a análise de Tarallo (1983), tanto em (100) *Eu comi a fruta que mais gosto (e)* como em (98) *Eu comi a fruta que eu mais gosto dela*, o COMP é preenchido por um complementizador que [QU], seguindo o padrão de subordinação, e a palavra QU da relativa, correferente com o antecedente, *in situ*, pode estar ou não preenchida por um resumptivo lexical.

Amparado pelo estudo diacrônico, Tarallo explicou a origem da variante cortadora (não-padrão) como sendo resultado de uma drástica mudança no sistema de pronominalização que começou no século XIX, por volta de 1880. Nessa mudança, os pronomes começaram a ser apagados nas orações principais<sup>16</sup>, das posições mais altas (sujeito, objeto direto) até as mais baixas da escala sintática<sup>17</sup>, movendo-se para as relativas e outras subordinadas, culminando com o apagamento dos sintagmas preposicionais (PPs). Segundo Tarallo, o clítico deu lugar à anáfora nula e o apagamento de PPs, que antes não era permitido, passou a ocorrer, explicando-se, assim, o *PP-chopping*. Esse apagamento ocorreu, segundo ele, em duas etapas em que primeiro o objeto pronominal da preposição é apagado e depois a própria preposição, para evitar a violação da restrição contra as preposições órfãs. A estratégia com pronome lembrete, no entanto, mantém-se em baixa percentagem, mas constante.

Tarallo afirma que, se o movimento de QU não se aplica para a derivação das relativas, uma relativa *não-padrão* aparece. Considerando que não há apagamento de pronome relativo no PB, a partícula introdutória das variantes *não-padrão* (QUE) é analisada como complementizador [QU], com o resumptivo (ou sua correspondente categoria vazia – *ec*) e o antecedente partilhando o mesmo índice. Os seus dados levam-no a concluir que a relativização no PB falado, diferentemente do PE, que é fortemente marcado por regras de movimento, se faz via apagamento de constituintes *in situ* e não por movimento, já que os dois argumentos apresentados pela teoria para comprovar movimento – presença de lacuna e

<sup>16</sup> Para Kato (1996), existe uma correlação entre relativização e processos anafóricos que estão acontecendo na língua.

<sup>17</sup> Keenan e Conrie (1977).

efeito de ilha – não se sustentam. A variação se explica pelo eventual apagamento do resumptivo em todas as posições e da preposição nas posições mais baixas.

Tarallo observa que a relativização de sujeito e de objeto direto por meio de movimento explica (101) e (102), mas não (103) e (104).

(101) *O menino que esteve aqui*

(102) *O menino que eu vi ontem*

(103) *O menino que ele esteve aqui*

(104) *O menino que vi ele ontem*

Os exemplos (103) e (104) não são explicáveis pela presença do resumptivo no lugar da suposta variável deixada pelo movimento e, no exemplo que segue, pelas barreiras entre antecedentes e categorias vazias.

(105) O menino que [<sub>IP</sub> eu tenho a suspeita [<sub>CP</sub> de que [<sub>IP</sub> (e) veio aqui ontem]]].

O autor também aponta que não só no PB, mas no francês e em outras línguas em que as construções de tópico são produtivas, as variantes com pronome lembrete e sem preposição são concorrentes. O relativizador foi reduzido ao subordinante principal da língua: o complementizador invariável *que*. A marcação de caso é mais transparente em relativas *Pied-piping*, apesar de ser quase inexistente na fala, e as duas estratégias de relativização – com pronomes resumptivos e *Relativa Cortadora* – serem ambos processos de apagamento, isto é, a oração relativa introduzida por um complementizador invariável *que*, e a variável – o NP correferente – ou é apagada *in situ* (variante *Cortadora* ou com lacuna) ou é retida na forma de um pronome (pronome resumptivo). Resta, ainda, constituir uma discussão sobre a pronominalização, que demonstrou estar intimamente ligada como processo de relativização.

Tarallo (1990, p. 165) ainda trouxe algumas características da sintaxe das adjetivas no latim clássico, cujos itens relevantes para essa análise transcrevemos a seguir:

1. COMP não pode aparecer vazio.
2. o nome antecedente da matriz pode aparecer recopiado dentro da adjetiva, sendo, portanto, duplamente marcado: pelo COMP preenchido e pela cópia, conforme o exemplo que segue:

(106) (...) *ultra eum locum, quo in loco germani consederant.*

Para além daquele lugar, no qual lugar os germanos haviam acampado.

Observa-se que *locu(m)* aparece representado duas vezes: através do pronome relativo em COMP (*quo*), que concorda em gênero, número e caso com *locus* e, redundantemente através da cópia (*in loco*). Neste momento, trazemos a reflexão sobre a *Relativa Copiadora* que, como o constituinte não concorre com outro elemento que tem os mesmos traços, se realiza na sua base e lá permanece, confundindo-se com o “falso” relativo.

Já Mary Kato (1996, p. 226), apoiada nos estudos de Tarallo, propõe uma análise alternativa e um pouco diversa. Ela reconhece as três estratégias apresentadas por Tarallo, só que, em todas as três, mantém o tradicional estatuto de pronome relativo para a partícula “que” e associa a ocorrência das estratégias não-padrão com o fato de a língua ter proeminência de tópico, como o japonês, em deslocamento à esquerda (LD - *left dislocation*).

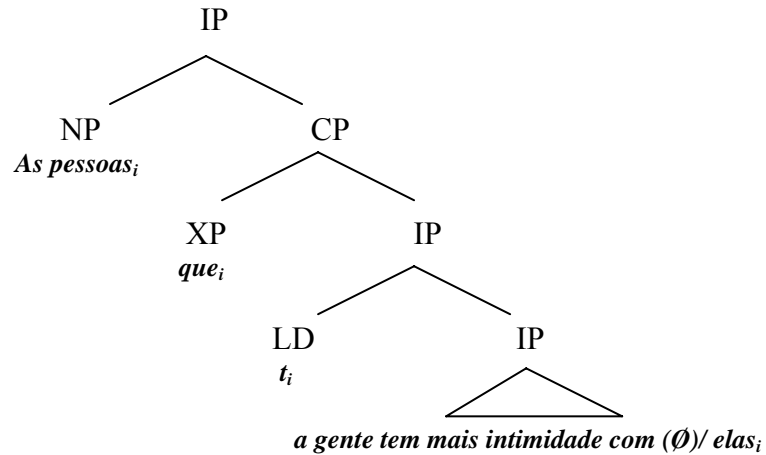
Para a autora, o processo de relativização em PB seria sintaticamente o mesmo nas três estratégias, havendo sempre a ligação do operador relativo QU com a sua variável na posição vazia (*ec*) deixada com o deslocamento (*op. cit.*, p. 227). A relativização, então, se dá a partir da posição de termo deslocado à esquerda, estando essa posição em relação de correferência com um constituinte interno da oração. Vale lembrar que Pontes (1987) e Kato (1996) ressaltaram que tópico é, preferencialmente, sem cabeça, portanto, sem preposição funcional. Kato considera o PB uma língua com proeminência tanto de tópico como de sujeito e isso significa que as sentenças básicas incluem a posição adjacente de tópico, além das argumentais, como demonstrado a seguir:

(107) [<sub>TOP</sub> Umas pessoas<sub>i</sub>, [<sub>IP</sub> a gente tem mais intimidade (Ø)/com elas<sub>i</sub>]]

A inclusão do tópico fornece mais uma posição a ser relativizada já que para o processo de relativização não há restrição de função. Termos deslocados à esquerda é que são relativizados e a diferença entre a relativa *padrão* e a *não-padrão* é uma questão de estratégia do lugar de extração, com o vernáculo sempre extraindo de posição de LD e a língua culta (que segue as normas) extraindo dos vários termos de dentro da oração, como exemplificado abaixo:

(a) *não-padrão*

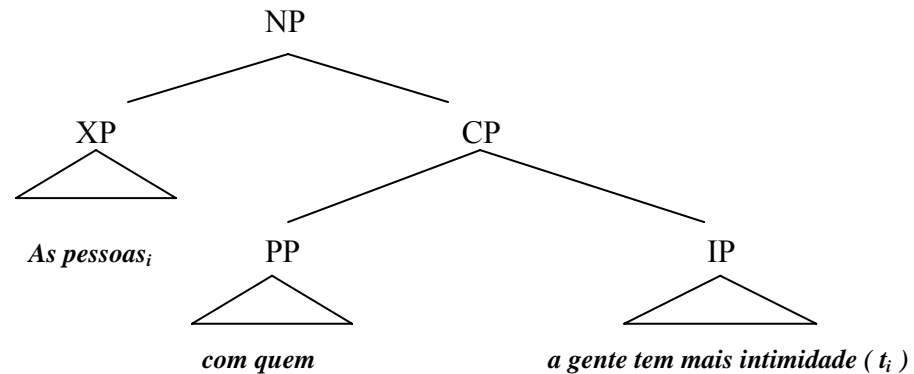
(108) *As pessoas<sub>i</sub> [CP que<sub>i</sub> [LD t<sub>i</sub> [IP a gente tem mais intimidade (Ø)/com elas<sub>i</sub>]]*  
 (*t* – vestígio) (pr. lembrete)



O pronome relativo “que” em XP é ligado ao seu vestígio em LD, e este é correferente com o pronome pessoal “elas”, dentro de IP

(b) *padrão*

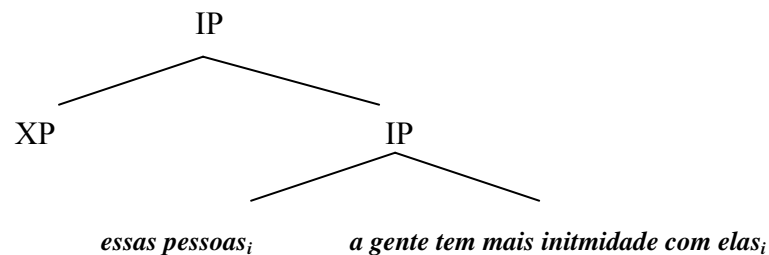
(109) *As pessoas [CP com quem<sub>i</sub> [IP a gente tem mais intimidade PP t<sub>i</sub>]]*



Em (a), o termo relativizado controla um resumptivo (lexical ou nulo) dentro do IP, neste caso, um complemento nominal. Em (b), a variável deixada pelo movimento do termo relativizado está dentro do IP e nada pode ocupar essa posição vazia. A *ec* em (a) resulta de uma elipse que se dá no caminho para a Forma Fonética (FF) e que, embora não ocorra na sintaxe, “tem como *input* descrições estruturais em nível de estrutura-S”.

Kato, com suas reflexões, afirma que a GU possibilita a extração tanto de uma posição interna à sentença, como de uma posição de LD, posição essa postulada como regida por um núcleo freqüentemente nulo. Ao se relativizar a posição em deslocamento, resulta uma cadeia legítima, pois sua cauda tem caso e papel temático, atribuídos por esse núcleo. Propôs, ainda que o NP deslocado regido por núcleo nulo é sempre acusativo, o que torna o pronome relativo invariável, conforme segue a representação arbórea a seguir:

(110) *essas pessoas<sub>i</sub> a gente tem mais intimidade com elas<sub>i</sub>*



Sumarizando, Kato diz que, quando LD é dispensável, a diferença se instaura da posição de onde é extraído o QU e de onde fica a variável. É fácil perceber o local de extração quando temos um PP, porém, um NP dificulta a descoberta, pois é difícil discriminar entre uma extração a partir de posições canônicas e de uma extração de LD não-canônica.

Para resolver essa questão, Kato postula LD sempre como posição de extração de relativas que, além de não ferir a teoria, oferece as seguintes vantagens:

- a. explica de forma integrada e elegante todo o processo de relativização, no PB;
- b. resolve alguns problemas deixados por Tarallo;
- c. explora o fato de que a LD é a “posição que maior leque de possibilidades de relativização oferece às línguas e a que menos exige em termos de custo derivacional”;
- d. vem ao encontro de algumas tendências da língua, como a proeminência de tópico do PB, o uso cada vez mais generalizado das relativas com resumptivos ou cópia, além da constatação de uso mais produtivo da LD (crianças).

A autora considera o termo “que” invariável e não um operador-complementizador; seria uma neutralização, em forma acusativa, de gênero, número e caso.

Quanto à lacuna no interior das relativas, quer em posições preposicionadas, quer não, ela seria o resultado da elipse de expressões-R no caminho para FF. Diz a autora que, na relativa, a repetição de expressão-R correferencial, tanto quanto a presença do resumptivo, é permitida dada a sua relação com o vestígio em LD que não o C-comanda. No caso de posições PP, a sua elipse ocorreria em função das elipses, ou de VP que sobe para INFL para receber flexão, ou de NP que sobe para AGR na Estrutura-S. Então, é a elevação de N ou V, na Estrutura-S que esvazia respectivamente NP ou VP.

Se a relativização se dá a partir de LD e não das posições de objeto, sujeito ou adjunto, como coloca Kato (1996, p. 227), teremos as seguintes representações na Estrutura-S:

a) A moça [<sub>CP</sub> com quem<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> eu falei [<sub>PP</sub>  $t_i$ ] ontem].

QU deslocado

b) A moça [<sub>CP</sub> que [<sub>LD</sub>  $t_i$ ] [<sub>IP</sub> eu falei com ela<sub>i</sub>] ontem].

Resumptivo

c) A moça [<sub>CP</sub> que [<sub>LD</sub>  $t_i$ ] [<sub>IP</sub> eu falei  $t_i$ ] ontem].

Cortadora

O fato de apresentar um regente próprio e de o NP deslocado não c-comandar o pronome resumptivo ou a lacuna faz com que a estrutura de deslocamento mantenha com a relativa uma relação paratática, e o pronome resumptivo e a lacuna na relativa seriam apenas epifenômenos desses processos anafóricos gerais da parataxe.

A *ec* da relativa pode ser um pronome resumptivo, mas não com a estrutura subjacente à relativa proposta por Tarallo. Segundo ele, o significado desse resumptivo nada tem a ver com a partícula introdutória da sentença, o “que”. A relação de correferência se dá apenas com a categoria que chamamos de antecedente do relativo, a cabeça da relativa. Mas como nessa posição não há pronome relativo referencial com um antecedente, não há também um antecedente, resultando um resumptivo que se refere a uma categoria que pode estar em posição argumental.

Para explicar essas mesmas estratégias identificadas por Tarallo (1983) e por Kato (1996), os autores franceses, Lefebvre & Fournier (1978), propõem três regras para as relativas restritivas com cabeça nominal ou pronominal do francês de Montreal:

## 1) (a) as frases do tipo

(111) *ceux pour qui j'ai du respect*  
aqueles por quem eu tenho respeito

resultam da aplicação de movimento do elemento [+QU], forçada pela presença do elemento [+QU] na relativa;

## (b) as frases do tipo

(112) *ceux que j'ai du respect pour eux autres*  
aqueles que eu tenho respeito por esses outros

resultam da ausência de deslocamento devido à ausência do elemento [+QU] na relativa. A presença/ausência do elemento [+QU] na relativa depende de uma escolha que se opera no plano lexical;

- 2) inserção facultativa do complementizador “que”;
- 3) inserção e supressão lexical.

Para analisar os sintagmas preposicionais, os autores organizam as preposições em quatro grupos:

1° - *sur, sous, dans*;

2° - *pour, contre, avec*;

3° - *à [-datif], de*;

4° - *à [+datif]*.

Os pronomes complementos dessas preposições são afetados pelos traços [±QU] e [±animado]. No momento da inserção lexical, Pro [+QU] e [±animado] será lexicalizado por *lequel*, a regra de deslocamento do elemento QU ocorrerá e o resultado será uma relativa do tipo padrão. Pro [-QU] e [-animado] não será lexicalizado, porque em francês a forma forte do pronome pessoal não pode ser usada para referir-se a inanimados em outras posições que não sejam de sujeito e de objeto. Pro [-QU] e [+animado] pertencem ao mesmo tipo de construção em que se pode postular que há supressão lexical, mas esse tipo de Pro pode se manifestar superficialmente. Neste caso, uma regra opcional de inserção lexical traduz Pro em *lui, elle, etc.* resultando os tipos vernaculares de relativa, com preposição órfã

(113) *lê gars que je travaillais pour*

o rapaz que eu trabalhei para

ou com resumptivo

(114) *le gars que je travaillais pour lui*

o rapaz que eu trabalhei para ele



Lefebvre & Fournier (1978) afirmam que o francês também usa a topicalização e tem relativa resumptiva, como em

(115) *La fille, elle pleurait*

A menina, ela chorou

(116) *J'ai une de mes amies que je suis amie avec elle depuis l'âge de 11 ans.*

Eu tenho uma de minhas amigas que eu sou amiga dela desde os 11 anos.

Para esses autores, existe uma gramática ampla que permite a variação nas relativas, isto é, tanto a relativa padrão como as formas vernaculares partem de um mesmo sistema e não de dois sistemas diferentes.

Kato (1996), observando os estudos desses autores, relembra que, para Bouchard (1982), a variedade do francês vernacular introduzida pelo complementizador “que” contém um pronome anafórico que pode estar ausente na superfície, caso em que sua preposição desaparece também se for fraca (*à, de*), ou permanece se for forte (*dessus, avec,...*). Já as relativas que correspondem à variedade do francês considerado *padrão* contêm um pronome relativo. Logo, Bouchard defende que não há pronome relativo na estratégia *não-padrão*, apenas um complementizador que é confundido com o relativo, mas que, na verdade, só está sendo usado como conetivo que liga orações; a retomada é realizada pelo pronome apagado que leva consigo a preposição. É o que muitos estudiosos chamam de “operador nulo”.

Corrêa (2000, p. 11), partindo das informações de Tarallo, Kato e Bouchard e das análises que vem realizando, observa que as crianças relativizam sempre pela estratégia sem preposição – *Relativa Cortadora*. Além disso, ela aponta que a presença de variantes nas relativas não é exclusividade do PB, pois o francês de Montreal e o inglês dos indianos sul-africano apresentam certas semelhanças. O estudo sobre o francês do Centro-Sul de Montreal, de cunho teórico, traz contribuições significativas para uma descrição da sintaxe, bem como da aquisição das relativas do Brasil, enquanto que o estudo sobre o inglês sul-africano é de cunho sociolinguístico e cataloga os tipos de relativas existentes.

Corrêa (2000) também contrastou o PB com o português europeu (PE) e concluiu que ambos possuem as mesmas formas variantes de relativização, parecendo lícito apresentar uma proposta de análise única para as duas variedades do português. Seu parecer é

de que estamos lidando com um conetivo e que conetivos também podem ser classificados por tipo. Para ela, o QUE tem dupla função:

1<sup>a</sup>) introduz uma subordinada;

2<sup>a</sup>) serve de pronome referencial para seu antecedente, como sugere a grade temática do verbo da relativa.

O QUE, então, tem o mesmo sentido do nome que substitui e, como pronome, tem também papel temático, devendo ter-se perdido no tempo a marca morfológica. Em contrapartida, exerce também a função de conetivo e, como tal, completamente desprovido de significado temático ou referencial.

Para concluir, Corrêa (2000, p. 22) retoma a proposta já apresentada por Lefebvre & Founier (1978) de que a diferença básica entre *padrão* e *não-padrão* está na possibilidade de se inserir ou não o traço [+QU] na relativa. Se a relativa for padrão, o traço é [+QU] e, se for não padrão, o traço será [-QU]. Desse modo, na relativa vernacular, existe um pronome nulo na posição vazia, que é, portanto, invisível na representação fonológica e não pode ser lexicalizado.

Além disso, Corrêa relembra que Bouchard teoriza que as palavras QU em relativas são semanticamente vazias e, portanto, podem apagar-se em Comp. Se for um sintagma preposicional, isso não é mais possível, porque as preposições não são recuperáveis. O problema é que algumas preposições são apagadas. E isso acontece porque a preposição é estritamente subcategorizada e pode ser facilmente recuperada no léxico. Há também exemplos de preposições não-estritamente subcategorizadas que podem não aparecer, por terem uma relação semântica muito próxima com o verbo, como em “A faca que eu corto” (com) – instrumento, tornando-se, assim, uma preposição nula recuperável. Bouchard enfatiza a natureza da palavra QU: não um quantificador, como quer Chomsky, mas um ligador, um “*matchmaker*” (operador que põe elementos em relação). Assim, as palavras QU podem ter ou não um antecedente e não são vazias de sentido. Outra análise que faz é de o elemento QU ser um complementizador, no caso das relativas vernaculares do PB.

Em 1982, Bouchard já afirmava que o QUE é um pronome relativo e as *Relativas Cortadoras* são resultado de movimento para COMP e posterior apagamento do NP

ou do PP nessa posição, já que ela não encontrou evidências de apagamento de PP em outras posições. Entretanto, Tarallo defendia que o apagamento do PP ocorria na posição de origem e não na posição de destino, pois, para ele, não havia movimento.

Richard Kayne (1994) propôs a análise da relativa como complemento de D'. Para ele, o núcleo nominal (antecedente do relativo) é o próprio NP relativizado dentro da relativa, que se move para especificador de CP. Logo,

- 1) a relativa é gerada como complemento de D';
- 2) o PP move-se para Spec CP;
- 3) o NP se move para Spec PP.

Cohen (1986/1989), por sua vez, descreveu a “that-relative” do inglês, cuja análise tem sido proposta para as relativas do espanhol, do catalão e do francês, da seguinte forma:

- a) uma regra de movimento leva o elemento QU de sua posição original para Comp;
- b) esse elemento é apagado em Comp;
- c) o complementizador é inserido nessa posição vazia.

(117) *The man Comp I was talking to who*

(117) *The man who I was talking to*

(117) *The man I was talking to*

(117) *The man that I was talking to*

A postulação de um elemento Q- e seu conseqüente apagamento decorre do fato de que o complementizador THAT não se move.

A autora, diante da dificuldade para a classificação desse QUE, tanto complementizador como relativo, busca, na diacronia, uma possível explicação e descobre que o QUE complementizador resultou da convergência de QUOD/QUID (latim), que subordinava sentenças no subjuntivo, e QUI(A), que subordinava sentenças no indicativo. Quanto ao QUE relativo, resulta de uma evolução por fases de dois paradigmas do latim, o paradigma dos relativos e o paradigma dos interrogativos, muito semelhantes entre si. As formas de nominativo neutro QUI(D)/QUO(D) e de acusativo átono QUE(M) se

neutralizaram, resultando no QUE, uma partícula que perdeu as flexões de caso, gênero e número. Já no Romance antigo, foram encontrados exemplos de relativas com pronome resumptivo, como (118), em que a partícula introdutória é certamente o pronome relativo ainda na forma quem, acusativa.

(118) *Homem QUEM ego beneficium el feci.*

O homem que eu em favor a ele fiz.

Resumidamente, Cohen (1986/1989) sugere uma regra de movimento para todos os casos de relativização em português. Para ela, assim como para Tarallo (1983), a *Relativa Cortadora* se dá por apagamento do resumptivo. A diferença entre ambos está na forma como a relativização se processa. Para Tarallo, sem movimento ocorre com complementizador, e a relativização resumptiva ocorre com pronome nulo; enquanto que, para Cohen, a relativização ocorre com movimento de QU pronome relativo.

Já na análise de Ross (1967), há um elemento Top que fica à direita da sentença, isto é, em adjunção. Ele diferencia a construção Top da construção de deslocamento à esquerda – LD, descritas em (a, b), respectivamente:

(a) *Beans<sub>i</sub>, I don't like Ø<sub>i</sub>.*

Feijão<sub>i</sub>, eu não gosto Ø<sub>i</sub>.

(b) *(As for) John<sub>i</sub>, I saw him<sub>i</sub> yesterday.*

O João<sub>i</sub>, eu o<sub>i</sub> vi ontem.

A construção de LD (*left-dislocation*) (b) é uma adjunção na base e tem um resumptivo dentro de IP<sup>18</sup>, enquanto que Top (a) resulta de movimento e se identifica por uma lacuna, análise esta que vai ao encontro da análise de Chomsky (1977). Entretanto, Pontes (1987) diz que no PB essa distinção nem sempre é possível, devido à ocorrência de resumptivos nulos em construções LD, que é freqüente e possível sempre que não haja prejuízo do significado, como em:

(119) *Esse buraco<sub>i</sub> taparam ele<sub>i</sub> outro dia.*

(120) *Essa cerveja<sub>i</sub> eu não gosto Ø<sub>i</sub>.*

<sup>18</sup> Esse resumptivo é o pronome chamado de cópia.

Essa opção em empregar ou não o pronome<sup>19</sup> abre duas possibilidades para a análise dessas construções, segundo Pontes (1987, p. 66):

- (a) que exista uma construção só, sendo o pronome opcional. Sua ocorrência seria devida a fatores como: eliminar ambigüidades e tornar mais claro o sentido;
- (b) que existam duas construções diferentes, com o pronome sendo opcional numa e, na outra, ausente. Ou seja:
- topicalização não tem pronome;
  - deslocamento à esquerda tem pronome, mas este pode ser elidido.

Fica evidente, portanto, a dificuldade em distinguir uma construção de outra. E Pontes (1987) ainda avança mais, afirmando que casos semelhantes podem ocorrer em relativas, quando é possível a presença ou não do pronome cópia, como no exemplo (121).

(121) Encontrei o homem que eu gosto  $\left\{ \begin{array}{l} \text{dele} \\ \emptyset \end{array} \right.$

No exemplo (121), considera-se que a elipse é simplesmente opcional, ao contrário da construção (122), em que a ausência do pronome causa um estranhamento devido ao fato de *feijão* não ser definido.

(122) Feijão eu não gosto. (\*dele)

Pontes (1987, p. 82), após diferentes análises e comparações de sentenças, reorganiza sua teoria e propõe a seguinte distinção, apesar de ainda parecer nebulosa:

- (a) Top – sem pausa, sem pronome, contrastivo, com NPs tanto definidos como não.
- (b) LD – com pausa, com pronome, não contrastivo, com NPs definidos, dados.

Elaine C. Klein, vinculada à “*City University of New York*”, em 1995, deu início à sua pesquisa sobre o apagamento de preposições em interrogativas na aquisição de inglês como L2. Em seu estudo, ela revela que esse fato é um exemplo evidente da existência de “gramáticas ilícitas” na aquisição de uma segunda língua, ou seja, esses erros estão previstos. Enquanto muitos autores não consideram esse tipo de erro possível na aquisição de

---

<sup>19</sup> Pronome cópia.

L1, há outros que questionam se isso não seria possível, também, na aquisição da língua materna, argumentando que a criança pode, temporariamente, violar princípios universais. A controvérsia existe porque, enquanto para alguns autores os mecanismos envolvidos na aquisição de L1 e de L2 são muito diferentes (e somente a aquisição de L1 é guiada pela GU, e mecanismos mais gerais são os responsáveis pela aquisição de L2), para outros, menos extremistas, como é o caso desta autora, há influência parcial da GU na aquisição de L2.

Klein (1995) mostra que aprendizes de inglês como L2 omitem preposições e produzem estruturas com “preposição nula”, como (123) e (124).

(123) *\*Which problem is the woman worrying?*

\*Que problema a mulher está se preocupando?

(124) *??Here's the test that the pupil is worrying.*

??Aqui está o teste que o aluno está se preocupando.

Na verdade, deveriam produzir sentenças como (125) e (126).

(125) *Which problem is the woman worrying about?*

Com que problema a mulher está se preocupando?

(126) *Here's the test that the pupil is worrying about.*

Aqui está o teste com o qual o aluno está se preocupando.

Em se tratando de línguas naturais conhecidas, Klein (1995) observa que “preposições nulas” são possíveis somente com orações relativas, nunca com perguntas. Conforme sua defesa, essas construções com “preposições nulas” não envolvem movimento de QU e só ocorrem em línguas que permitem o apagamento de complementos pronominais (“objetos nulos”), ressaltando as seguintes restrições para a sua ocorrência:

a) somente são permitidas em orações relativas introduzidas por complementizadores e nunca por pronomes relativos;

b) seu uso é permitido como uma alternativa aos sintagmas preposicionais contendo pronomes-lembretes que não são restringidos por subjacência, o que demonstraria que não envolvem movimento de QU.

A evidência mais clara de que o uso de “preposições nulas” se limita a construções sem movimento é o fato de sua ausência em perguntas que, segundo ela, são feitas através de movimento QU. Mesmo assim, no caso de haver perguntas sem a ocorrência

de preposição (quando há necessidade de alguma), elas constituiriam o que a autora chama de “gramática ilícita”. Isso foi concluído a partir de sua pesquisa, em que os aprendizes conheciam o complemento verbal usado nas frases interrogativas e relativas, e os resultados mostraram que as “preposições nulas” representam erros que ocorrem em grupos de aprendizes de inglês como L2 provenientes de diversas línguas maternas. Além disso, indicam que “preposições nulas” fazem parte de um estágio de desenvolvimento em L2 no qual aprendizes omitem preposições mesmo quando mostram conhecimento da subcategorização de verbos que requerem complemento preposicional.

Ao mesmo tempo em que os aprendizes formam frases gramaticalmente corretas como (127).

(127) *He is very worried about his dissertation*

Ele está muito preocupado com sua dissertação  
eles também produzem frases gramaticalmente incorretas como (128)

(128) ??*What is she worrying?*

??O que está se preocupando?

Na opinião de Klein (1995), uma língua com “preposições nulas” é restringida pela GU, mas os aprendizes de inglês como L2 estariam inventando formações gramaticais que não são permitidas em línguas naturais. Ela aponta que é preciso descobrir se construções como essas ocorrem por causa de fatores específicos do *input* das línguas ou por processos mais gerais de aquisição da linguagem. Um problema que essa defesa de Klein apresenta é que ela parte do pressuposto de que não existe apagamento de preposição em perguntas WH em qualquer língua natural. Quanto a esse fato, é necessário que haja novas pesquisas, pois há dúvidas quanto a essa afirmação.

Sumarizando as informações de Klein (1995), podemos dizer que ela acredita que as “preposições nulas” são possíveis em orações relativas que não apresentam movimento de QU e considera o “que” apenas como complementizador e não um pronome relativo, justificável pelo uso concomitante dos pronomes-lembretes. Salvo isso, acredita que os aprendizes de L2 apresentam um estágio de aprendizagem em que há o movimento de operador nulo no desenvolvimento de interrogativas, antes de realizar movimento QU.

Pensa dessa mesma forma também Barros da Silva (2002), que estudou a aquisição de preposições desacompanhadas (PDs) por aprendizes brasileiros adultos de inglês como língua estrangeira, e obteve os seguintes resultados:

I) O uso de *pied-piping* foi praticamente nulo com *phrasal verbs* (PVs); quase não houve uso de *pied-piping* com complementos indiretos, e não houve progresso de seu uso com adjuntos PPs em NPs. O apagamento foi a opção de maior incidência, presente em todos os níveis de aprendizagem.

II) O uso de estratégias alternativas gramaticais<sup>20</sup> teve grande influência para a estrutura PP em NP. Nos níveis intermediário e avançado houve pouco uso, tanto de preposições desacompanhadas (PDs), como de *pied-piping*; e o apagamento de preposição foi bastante significativo em PPs complementos e PPs adjuntos.

Com esses resultados, a autora afirma que há um estado inicial de aquisição de PDs, caracterizado pelo movimento de QU com apagamento de preposição e que há princípios universais atuando nesta aquisição, pois:

a) não há problemas nas interrogativas com *phrasal verbs* (PVs), isto é, os aprendizes brasileiros são guiados pelo princípio da dependência de estrutura e, por isso, não separam verbos de suas partículas;

b) há diferença entre complementos e adjuntos: quanto maior o nível de proficiência dos alunos, maior é o uso de PDs com complementos e menor é o uso de apagamento de preposições com adjuntos. Porém, os alunos pré-avançados não usam PDs, preferindo a estratégia de apagamento.

Luis Vicente (2005, p. 43-67) afirma, em sua pesquisa que, assim como o verbo topicalizado ocupa a posição de Spec TP, o elemento QU também ocupa esta posição, derivando de movimento de argumento interno a V. O autor acredita neste movimento porque é possível recuperar suas características na interpretação e porque não há nenhuma barreira que impeça esse movimento. Por outro lado, se o elemento QU é gerado na sua base (C de CP), ele não deriva de movimento, e o argumento interno a V permanece ausente (nulo), que pode ser explicado pela *Relativa Copiadora*, realizada por uma parcela razoavelmente pequena da população. Normalmente, uma cópia da cadeia é pronunciada em FF.

---

<sup>20</sup> A autora não explicita quais estratégias.



No entanto, se somente a cópia mais baixa for pronunciada, nós violaremos a força de tópico. Se, ao contrário, só a mais alta for pronunciada, estaremos violando a flexão e quebrando o nível morfológico. Logo, a pronúncia dupla estaria cumprindo com as duas exigências e satisfazendo a condição de boa formação. E, como Luis Vicente reforça em seu artigo, sua análise de topicalização pode ser facilmente estendida para outros casos similares.

De Vries (2004), para abordar um pesquisador mais contemporâneo, em sua tese de doutorado, defende que as orações relativas têm as seguintes propriedades que, até certo ponto, se encaminha para a concepção que a GN também defende:

- a. é subordinada;
- b. é conectada à oração que a cerca por um constituinte pivô<sup>21</sup>;
- c. os papéis semântico e sintático que o constituinte pivô assume na oração relativa são, em princípio, independentes dos assumidos fora da relativa, como se nota no exemplo (129) que segue:

(129) *O rato que eu peguei  $\Delta$  ontem estava esfomeado.*

O papel de *o rato*, representado pelo  $\Delta$  na relativa, é semântica e sintaticamente independente dos papéis representados na oração matriz. O pivô é semanticamente um experienciador na oração matriz e um paciente na oração relativa; enquanto que sintaticamente é o sujeito na oração matriz e o objeto direto na oração subordinada (relativa).

Vejamos o estudo que De Vries (2004) realizou em sua tese de doutorado. Para ele, as orações relativas são frequentemente marcadas por um elemento relativo que, em inglês, por exemplo, pode se estabelecer por um pronome relativo (a), por uma partícula relativa (b) ou nenhum destes (c).

- (a) *Do you know the woman who we met this morning?*  
Você conhece a mulher que nós encontramos esta manhã?
- (b) *Do you know the woman that we met this morning?*  
Você conhece a mulher que nós encontramos esta manhã?
- (c) *Do you know the woman  $\emptyset$  we met this morning?*  
\*Você conhece a mulher nós encontramos esta manhã?

---

<sup>21</sup> Pivô é um constituinte semanticamente compartilhado pela oração matriz e pela oração relativa.

Fazendo relação com o português, podemos supor que a estratégia (a) do inglês corresponde à estratégia padrão do PB, com o uso de pronomes relativos que estabelecem concordância de gênero, número e pessoa com seu referente: *qual* e suas flexões; e que a estratégia (b) equivaleria ao uso do *que* das relativas cortadoras, que é invariável/neutro. O *que*, nesta concepção, seria uma partícula relativa e não um pronome relativo. Já a construção (c), que no inglês é perfeitamente gramatical, não tem correspondência no português.

De Vries (2004) expõe os elementos relativos nesta figura:

ELEMENTOS RELATIVOS				
<b>Pronomes Relativos</b>	<b>Partículas Relativas</b>			<b>Pronomes Resumptivos</b>
	Complementizadores	Marcadores	Afixos	
	Relativos	Relativos	Relativos	

Figura 5: Elementos Relativos, segundo De Vries, 2004

Os pronomes relativos (*relative pronouns*), em Inglês, são *which* e *who*. Os pronomes resumptivos são os pronomes demonstrativos ou pessoais que ocupam a posição vazia na oração relativa (o *gap* – lacuna); eles não são movidos. O complementizador relativo *that* é uma partícula relativa. Os marcadores relativos e afixos não são complementizadores porque apresentam características de pronomes, em particular, traços, mas não são movidos e nem ocupam a posição vazia, eles são encontrados nas línguas Éwe<sup>22</sup> e Geez<sup>23</sup>. Um afixo relativo é um afixo verbal encontrado nas línguas Hopi<sup>24</sup> ou Kongo<sup>25</sup>. Em suma, ousamos afirmar que o “*que*” do PB equivale ao “*that*” do inglês, que De Vries (2004) considera complementizador em oposição ao *which* ou *who*, que são pronomes relativos.

A lacuna (*gap*) em relativas restritivas, de acordo com o mesmo autor, pode ser preenchida com um operador ou um pronome, mas obviamente não com um NP lexical completo.

(130) \**The man that I saw (the) man.*

<sup>22</sup> Língua do grupo Níger-Congo, falada em Gana e no Togo.

<sup>23</sup> Língua falada na Etiópia

<sup>24</sup> Língua pertencente ao grupo Uto-Azteca

<sup>25</sup> Língua do grupo Níger-Congo.

Para ele, são os pronomes resumptivos que ocupam essa posição, e eles podem ser pessoais ou demonstrativos. Normalmente não ocupam a posição inicial na sentença, a não ser por coincidência, e não são movidos. Haegeman (1994, p. 410) sublinha que algumas línguas usam os pronomes resumptivos como uma estratégia reparadora e cita o seguinte exemplo:

(131) *I am looking for those documents which I can never remember where I put them.*

Sem o pronome resumptivo *them*, a sentença seria agramatical, visto que *them* está em uma “ilha” e, conseqüentemente, o movimento QU seria impossível. De fato é impossível usar os resumptivos em contextos em que não há ilha, como

(130)\* *...that man that I saw him*

apesar de estudos indicarem que a estratégia *relativa cortadora* tem sido utilizada em larga escala por determinadas classes sociais.

Os pronomes relativos são diferenciados porque passam por movimento QU. De acordo com De Vries (2004), eles se estabelecem em posição inicial, sustentam um subcaso e concordam com o núcleo nominal, se presente. Eles podem ser morfologicamente complexos e seu uso está limitado, sem exceção, a relativas pós-nominais e correlativas<sup>26</sup>, e ocorrem, predominantemente, em línguas indo-européias. Tudo o que não é pronome relativo ou resumptivo, segundo De Vries (2004) é chamado de partícula relativa, que se apresenta de várias formas – complementizadores, marcadores e afixos. A principal característica dessas partículas é não ocupar a lacuna na oração relativa em nenhum estágio da derivação.

As partículas relativas canônicas são os complementizadores relativos, que não apresentam caso nem concordância com o núcleo nominal, ocupando a posição C sem envolver movimento. Predominantemente, complementizadores relativos ocorrem em posição pós-nominal. Entretanto, De Vries (2004) alega que todas as relativas apresentam movimento de QU e isto implica dizer que sempre há um operador relativo e um complementizador relativo concomitante. Normalmente o antecedente é um DP, mas outra categoria também pode anteceder uma relativa

---

<sup>26</sup> ... *tão* importante *que* ... (O<sub>1</sub> – correlação – O<sub>2</sub>).

### 2.3 O cotejamento das análises sobre a Relativa Cortadora

Na seção anterior, foram apresentadas as análises gerativas sobre as relativas segundo Fernando Tarallo (1983), Mary Kato (1996), Lefebvre e Fournier (1978), Bouchard (1982), Vilma Corrêa (2000), Richard Kayne (1994), Cohen (1986/1989), Ross (1967), Pontes (1987), Klein (1995), Barros da Silva (2002), Luis Vicente (2005) e De Vries (2004). As hipóteses de cada um desses autores sobre uma das formas de relativização – a *Relativa Cortadora* – servem como base para a análise sintática no capítulo quatro e, em nossa concepção, são necessárias não só para apontar o que já vem sendo discutido, mas para sustentar ou refutar as hipóteses apresentadas no capítulo analítico. Com este propósito de reunir dados até então levantados a respeito de movimento ou não de elemento QU, resumimos as informações de cada autor sobre a *Relativa Cortadora* e esquematizamos as hipóteses no quadro 2, que segue logo após o resumo.

Tarallo (1983) defende a hipótese de que a *Relativa Cortadora* não apresenta movimento de QU, sendo este apenas um complementizador (conetivo de oração subordinada) que ocupa a posição COMP, e que o sintagma preposicionado (P + NP) é apagado na posição de origem. Dessa mesma concepção compartilham Corrêa (2000), Klein (1995) e De Vries<sup>27</sup> (2004). Esses quatro autores se aproximam da primeira das duas possibilidades já levantadas por Lefebvre e Fournier (1978): 1ª) QU é um complementizador e o constituinte (P + NP) é apagado na origem; 2ª) Há topicalização do constituinte (P + NP), dando origem ao pronome relativo sem preposição. Bouchard (1982) converge para a mesma idéia de que o elemento QU é apenas um conectivo e, por isso, ocupa a posição de complementizador; porém, ela acredita que o constituinte (P + NP) se move para outra posição na qual é apagado, gerando um operador nulo, ou seja, há movimento de um sintagma, mas esse elemento movido não é o QU.

De outro lado temos Kato (1996), Pontes (1987), Kayne (1994), Cohen (1986/1989), Ross (1967), Barros da Silva (2002) e Vicente (2005) que defendem o movimento. Kato (1996) alega que o constituinte PP, que é a união de P + NP, se move para Spec TP, gerando a topicalização e, por isso, perde a preposição; assim como Pontes (1987) acredita que o PB é uma língua com proeminência de tópico e, no processo de topicalização, o

---

<sup>27</sup> Chama QU de partícula relativa quando esta não deriva de movimento.

termo topicalizado não costuma levar consigo a preposição. Engaja-se também nessa hipótese Vicente (2005), quando afirma, em suas pesquisas, que há movimento de um elemento topicalizado. Cohen (1986/1989), Kayne (1994) e Barros e Silva (2002) postulam que há movimento, porém cada qual apresenta características diferentes para o processo. Para Cohen (1986/1989), o QU, pronome relativo, é movido para Comp e, posteriormente, é apagado para a inserção de um QU complementizador; enquanto, para Kayne (1994), o que se move é o antecedente do relativo que sai da oração anterior (principal) em direção à relativa e, posteriormente, sobe para CP. Já para Barros e Silva (2002), há de fato um movimento de QU e, nesse movimento, a preposição simplesmente é apagada.

Podemos, então, a partir do exposto, esquematizar o seguinte quadro, que apresenta características da *Relativa Cortadora*, segundo os autores abordados acima.

<b><u>AUTORES</u></b>	<b><u>ESTATUTO DO QU</u></b>	<b><u>MOVIMENTO OU APAGAMENTO?</u></b>
Tarallo (1983)	Complementizador	- mov QU
Kato (1996)	Topicalização	+ mov QU
Lefebvre e Fournier (1978)	1) Complementizador 2) Pronome Relativo	- mov QU + mov QU
Bouchard (1982)	Complementizador	- mov QU + mov PP
Corrêa (2000)	Complementizador	- mov QU
Kayne (1994)	Pronome Relativo	+ mov QU
Cohen (1986/1989)	Pronome Relativo apagado + Complementizador	+ mov QU
Ross (1967)	Topicalização	+ mov QU
Pontes (1987)	Topicalização	+ mov QU
Klein (1995)	Complementizador	- mov QU
Barros e Silva (2002)	Pronome Relativo	+ mov QU
Vicente (2005)	Topicalização	+ mov QU
De Vries	Partícula Relativa	- mov QU

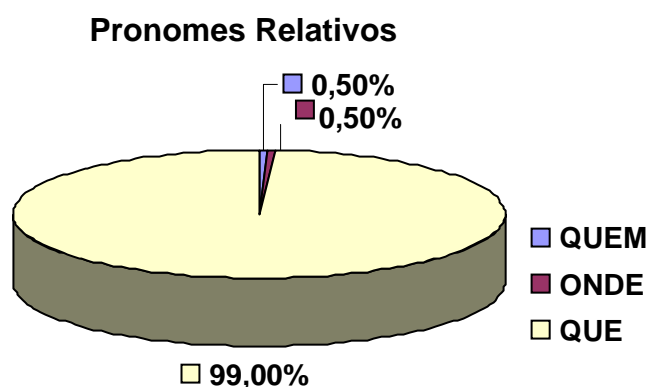
**Quadro 2 –Estatuto do QU e processos de movimento**

## 2.4 Evidências do PB em favor da estratégia *Cortadora*

É fato que ouvimos, com frequência, frases do tipo “O livro que eu gosto está esgotado”, e qualquer cidadão que ouve essa frase sabe, intuitivamente, que se trata de “O livro de que eu gosto está esgotado”, pois seu aparato genético consegue captar essa construção como autêntica do PB e produtora de tal significado. A linearidade dos constituintes na oração possibilita a não realização fonética de alguns termos previstos na sentença, ou seja, a estrutura sintática já está marcada para preenchimento por constituintes que se ajustam à grade temática que, por sua vez, forma a estrutura semântica. E essa é uma das grandes marcas do PB: a ausência de determinados termos que podem ser facilmente recuperados.

Hoje, a construção *Cortadora* é bem aceita na informalidade e tem sido muito usada, inclusive, em alguns textos escritos<sup>28</sup>, e Bagno, em *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*, prova isso. Estamos iniciando, portanto, um novo ciclo, com a abertura plena para essa estratégia que, a cada dia, se impõe mais na prática da linguagem oral e, por consequência, influenciando também a escrita do PB.

Num total de 201 (duzentos e um) contextos de *Relativas Cortadoras* (*corpus* anexo ao trabalho – NURC), 199 (cento e noventa e nove) estruturas foram construídas com QUE e 02 (duas) se realizaram com os pronomes QUEM e ONDE, conforme gráfico que segue:



**Gráfico 1 – Pronomes relativos mais utilizados na formação de *Cortadoras***

<sup>28</sup> Luis Fernando Veríssimo, em *Comédias da Vida Privada*, utiliza muito essas construções *Cortadoras*, assim como muitos textos apresentados na *Revista Veja* também apresentam tal construção.

É de preferência do falante/ouvinte de PB a forma QUE, em detrimento das formas CUJO, O QUAL, QUEM e ONDE, conforme já revelou Frank Kersch (2006, p. 193):

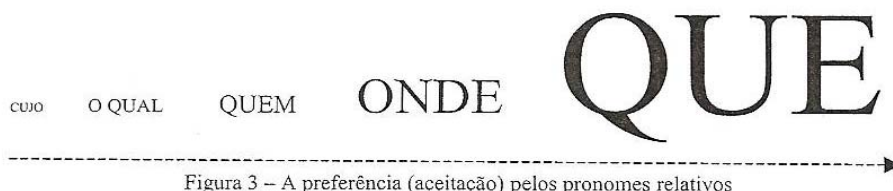


Figura 3 – A preferência (aceitação) pelos pronomes relativos

#### Figura 6 – Pronomes Relativos - Preferência, segundo Frank Kersch

Julgamos esse índice de utilização do QUE bastante alto e consideramos ser esse o fator que tem influenciado os falantes a produzirem a *Relativa Cortadora*. Por desempenhar tanto o papel de conetivo quanto de pronome relativo, o falante/ouvinte de PB utiliza o QUE sempre que possível, uma vez que tanto serve para a estrutura com apagamento de PP como para as demais situações de NP, seja em orações subordinadas adjetivas ou não. Ou seja, o uso do relativo universal<sup>29</sup> é constante.

Posto tudo isso sobre a teoria gerativa, sobre as estruturas relativas e sobre as evidências do PB, encerramos esse capítulo que reforça a nossa análise, expressa no capítulo 4. Não pretendemos encerrar a discussão sobre relativização, mas tentamos construir uma hipótese que contemple a maioria das informações já encontradas e que constituem um núcleo comum, buscando sempre na simplicidade garantir uma forma homogênea que possa dar suporte às línguas em geral. Seguimos, então, com a metodologia empregada e com as respectivas análises.

<sup>29</sup> Conforme Bechara (2000)

### **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA APLICADA**

*Quem fala uma língua sabe muito mais do que aprendeu.*

*Chomsky*

Este trabalho constitui uma pesquisa, em lingüística gerativa, sobre a formação das orações relativas em que o apagamento da preposição diante do pronome relativo impera, transgredindo as normas da Gramática Tradicional (GT).

Como nosso objetivo é desenvolver uma análise descritiva que possa sustentar a construção chamada de *Relativa Cortadora*, utilizamos, para fundamentar nossas reflexões, o modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), por ser uma teoria formal em lingüística, utilizado para dar conta de nossas intuições de falantes nativos, e por ter muito poder heurístico, que é necessário para desvendar os segredos dessa construção em que ainda há muito para revelar. A partir desse ponto, procuramos distribuir o trabalho investigativo em cinco (5) etapas, impondo uma ordem capaz de garantir a evolução do raciocínio e cumprir com as exigências de um trabalho científico.

Na primeira etapa, foi revisada a estrutura das orações relativas, sua classificação e os pronomes relativos com ou sem preposição precedente. Abordamos esse assunto conforme a GN e apontamos as inovações que vêm surgindo nessa estrutura relativa no PB.

Na segunda etapa, foi exposta a teoria gerativa e exploradas algumas análises gerativas sobre a construção das relativas, com o intuito de mostrar como elas são encaradas



pelos autores desta área, além de apresentar um cotejamento dessas análises sobre um tipo específico, a *Relativa Cortadora*, e apontar evidências do PB para a formação dessa estratégia. A partir dessa teoria, podemos avançar, de forma mais consistente e crítica, com a análise descritiva dos constituintes dessas estruturas, dando ênfase, sempre, à descrição da *Relativa Cortadora*, por ser esta a estratégia alvo de nossa investigação.

Na terceira etapa, foi coletada uma amostra representativa (300 períodos) da modalidade “falada” da língua na década de 70, a partir dos dados do NURC – Projeto de estudo da Norma lingüística Urbana Culta. Esse é um projeto de âmbito nacional, e suas gravações foram realizadas em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Para esta pesquisa, entretanto, foram aproveitadas apenas as transcrições das gravações realizadas com informantes cultos de Porto Alegre (entendidos como tais os de formação universitária completa), brasileiros, nascidos nesta cidade e nela residentes pelo menos três quartos (3/4) de sua vida.

As transcrições não seguiram nenhuma convenção adotada; os sinais de pontuação da língua escrita utilizados serviram para assinalar a entoação, que é a variação da linha melódica da voz do falante. Essa variação é importante para a análise sintática, pois não só indica o começo e o fim das frases, como também demarca os grupos sintáticos, os blocos de palavras que se unem e se relacionam para formar as frases com que nos comunicamos. As marcas de pontuação, bem como os registros gráficos dos termos ou palavras foram respeitados literalmente, conforme se apresentavam nas transcrições originais e, por isso, muitas vezes será posposto *sic*, para nos eximir de qualquer responsabilidade sobre a grafia dos termos. Temos consciência, também, de que o ideal seria a audição das fitas K-7 e a transliteração, conforme o discurso se apresenta, pois, qualquer engano na compreensão poderia ocasionar problema na transcrição e conseqüente equívoco na análise. Entretanto, confiamos nas transcrições realizadas pelos profissionais que realizaram essa árdua tarefa.

Para selecionar essa amostra que constitui o *corpus* lingüístico em que se baseia a descrição da língua apresentada no quarto capítulo, utilizamos apenas os diálogos entre informante e documentador, denominado de DID, nos quais um documentador faz perguntas e um informante as responde. Os diálogos escolhidos fazem parte de um conjunto de dados à disposição nesta Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), distribuídos em três faixas etárias: de 25 a 35 anos (1ª faixa/fase), de 36 a 55 anos (2ª

faixa/fase) e mais de 55 anos (3ª faixa/fase), tanto do gênero masculino quanto do feminino. Deste conjunto, selecionamos quatro (4) informantes de cada gênero e de cada faixa etária, totalizando vinte e quatro (24) informantes, identificados pelo número do inquirido, que é o procedimento usado para recolher material lingüístico para análise, alcançando um total de 300 períodos, numerados de 001 a 300. Dessa forma, temos a certeza de que proporcionamos uma visão bastante ampla do vocabulário e emprego dos recursos lingüísticos necessários para a análise, pois contemplamos ambos os gêneros e diversas idades para constituir o *corpus* do trabalho.

Uma vez selecionado o *corpus*, na quinta e última etapa, o mesmo é submetido a análise, a fim de que possam ser encontradas diferentes formas de relativização de orações, tais como: relativas padrão e não-padrão, sendo as últimas classificadas em *Relativas Cortadoras* e *Relativas Copiadoras*. A numeração constante no anexo foi mantida como segundo número em todos os exemplos que foram utilizados no corpo do trabalho, com o propósito de facilitar a localização deste no anexo. Embora não fosse a nossa intenção fazer um estudo quantitativo, tivemos a preocupação de explorar o *corpus* desse Projeto (NURC) por achar interessante apoiar a análise em dados empíricos reconhecidos e registrados como este, que já serviu de suporte inclusive para a produção da *Gramática do Português Falado*. De posse das informações, organizamos os dados em quadros e gráficos a fim de possibilitar uma visão parcial, por faixa e gênero, e global, todas as faixas e gêneros das ocorrências de relativização encontradas. É nessa etapa que tecemos as nossas considerações e confirmamos nossas hipóteses sobre o fato lingüístico objeto deste estudo: o apagamento da preposição.

Durante todo o percurso do trabalho, tivemos um objetivo que preponderou sobre os demais: confirmar a intuição do falante nativo de que é possível gerar estruturas *Cortadoras* e descrevê-las gerativamente. Mantendo essa perspectiva, procuramos aproximar as visões entre “tradicionalistas” e “gerativistas”, haja vista que os interesses das gramáticas tradicional e gerativa são, de certo modo, complementares, conforme Chomsky (1994, p. 26):

Uma boa gramática tradicional ou pedagógica apresenta uma lista completa de exceções (verbos irregulares), paradigmas e exemplos de construções regulares e observações com vários níveis de pormenor e de generalidade acerca da forma e do significado de expressões. Contudo, não analisa a questão de como o leitor da gramática usa tal informação para atingir o conhecimento que é usado na formação e interpretação de novas expressões, nem a questão da natureza e dos elementos desse conhecimento. A gerativa, pelo contrário, ocupa-se

primordialmente da inteligência do leitor, dos princípios e dos processos acionados para atingir o conhecimento total de uma língua.

Com o propósito de unir informações em *prol* da qualidade do ensino e da pesquisa lingüística e passamos, no próximo capítulo, à análise dos dados e à reflexão sobre a origem de tal fenômeno lingüístico que cresce e se espalha cada vez mais entre os falantes de Português Brasileiro (PB).

## CAPÍTULO 4 – ANÁLISES

*Picaretas em punho: vamos cavar!*

*Tarallo*

O objetivo deste capítulo é investigar, em português brasileiro (PB), as características da construção relativa com apagamento da preposição que antecede o pronome relativo – *Relativa Cortadora*. Se constatado que esse elemento se configura apenas como um constituinte de conexão entre as duas orações, o objetivo passa a ser o de analisar o sintagma inteiro que não se realiza foneticamente – a categoria vazia (*ec*) – e investigar as razões que sustentam essa invisibilidade no sistema Articulatório-Perceptual.

Trazemos, para a análise, os dados transcritos no NURC, realizado no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, na década de 70. Tratam-se de 300 (trezentos) períodos apensos ao trabalho, que apresentam as orações relativas em estudo (*Cortadora*, *Copiadora* e *Padrão*), cada qual com a numeração seqüencial de 01 a 300. Tal procedimento visa facilitar a consulta e possibilitar o descolamento rápido e fácil entre o corpo do trabalho e o respectivo anexo. Foi mantida, no corpo do trabalho, a numeração dos períodos que constam no anexo, sendo que o primeiro número remete à seqüência dos exemplos explorados entre o capítulo 1 e 4, e o segundo número refere-se ao período que se encontra alocado no anexo, parte final deste trabalho; os exemplos que constam apenas com uma numeração fazem parte apenas do corpo do trabalho, não constituindo o *corpus* do NURC.

Sabemos que muitas coisas podem ter mudado nestes últimos 30 anos, e o ideal seria fazer uma comparação com informações de 2000. Como isso, no momento, não é possível, ficamos com os dados daquela época e procuramos levantar ocorrências da

construção não-padrão de relativas, tanto do tipo *Cortadora* como do tipo *Copiadora*, e compará-las com as ocorrências da construção padrão, denominadas de *Relativa Padrão*<sup>30</sup>, que está em consonância com a Gramática Normativa e é trabalhada no ensino escolarizado. Dessa forma, podemos ter um panorama da situação<sup>31</sup> de fala, que é a base para a análise gerativa.

Acreditamos que esse trabalho nos dará a chance de refletir sobre como a escola (tradicionalista) vê o aluno – alguém que deve aprender o português padrão – e comparar com a maneira como o gerativismo percebe este mesmo aluno – um ser que possui condições genéticas para aquisição da linguagem e que, através de estímulos, exterioriza sua língua. Parece haver aí dois paradoxos. O que ocorre é que as duas gramáticas – gerativa e normativa – têm objetos de estudo diferentes: enquanto esta descreve e prescreve a língua-E, aquela descreve e tenta explicar a língua-I, e, por isso, enquanto a normativa afirma que a língua se aprende, a gerativa alega que nascemos com o aparato genético necessário para pôr em funcionamento a língua de contato. O intuito desse primeiro momento é aproximar esses dois eixos: tradicionalista e gerativista.

Precisamos nos debruçar sobre o fato de que a criança, muito antes de entrar na escola, já aprende a falar e a se comunicar por frases que jamais copiou, mas criou; logo, temos que concordar com a idéia de que o português não se ensina, e o que se aprende na escola são apenas combinações padronizadas para facilitar a troca universal de informações, seguindo um acordo não só ortográfico, como também sintático. Portanto, é justificável que qualquer cidadão, conhecedor nato de sua língua, profira “Eu comi a fruta que mais gosto” em vez de “Eu comi a fruta de que eu mais gosto”, pois seus conhecimentos naturais permitem tal construção, que é autêntica do português e que é possível de realização, correspondendo a um sinal indicativo de mudança lingüística.

Tarallo (1990, p. 61) já afirmava que “a mudança lingüística inicia-se quando a generalização de uma dada alternância em certo subgrupo da comunidade da fala entra em ação e assume o caráter de diferenciação sistemática”. Podemos considerar, sob este ponto de vista, que o não aparecimento da preposição anteposta ao pronome relativo é mudança

---

<sup>30</sup> Relativas *Cortadora*, *Copiadora* e *Padrão* são denominações assumidas por Tarallo (1983).

<sup>31</sup> Situação entre 1972 e 1978, época em que foram entrevistados os informantes do Projeto NURC, de Porto Alegre.

lingüística e que essa mudança é perfeitamente possível dentro da análise gerativa, tendo em vista que a Gramática Universal (GU) é um sistema de princípios universais e parâmetros em aberto. Logo, na análise diacrônica do processo de relativização, percebemos uma mudança, e é possível que essa mudança fixe um novo parâmetro. Mas permanece a grande questão: o que estaria acontecendo para que a primeira frase seja dita em vez de “Eu comi a fruta de que eu mais gosto”? O emprego dessa estratégia de relativização em detrimento da estratégia padrão no PB já é sabida e está registrada nos trabalhos de Tarallo (1983), Kato (1996) e Corrêa (2000), entre tantos outros pesquisadores que estudam ou estudaram esse fenômeno, conforme se pôde avaliar no segundo capítulo e ratificado na análise dos dados do NURC, apresentados no presente capítulo. O que desejamos, de fato, é revelar o que está por trás desta construção, que não é só um fenômeno estilístico ou social, mas é gramaticalmente possível e previsto pela GU, mostrando que o apagamento, previamente identificado, é uma ocorrência exclusiva da Estrutura-S e da FF, não alterando em nada a Estrutura-P ou a FL e não interferindo negativamente na comunicação humana.

E, para começar os trabalhos investigativos, compilamos as ocorrências do NURC, que estão anexadas a este trabalho, de acordo com critérios estabelecidos no terceiro capítulo, e as reunimos nos quadros e gráficos que seguem ao longo deste quarto capítulo, seguidos de discussão e análise.

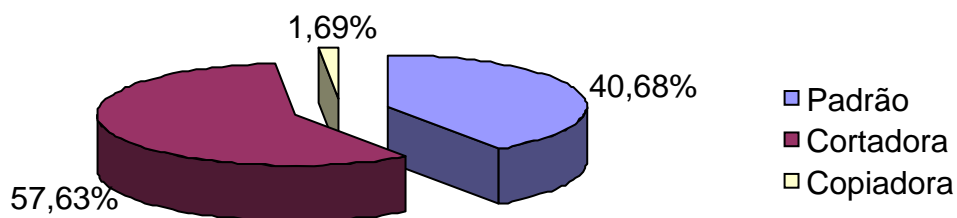
Iniciamos com dados dos 4 informantes masculinos de 1ª fase, com idades entre 25 e 35 anos. Dentre estes, foram encontradas 34 (trinta e quatro) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 24 (vinte e quatro) de *Relativa Padrão* e 01 (uma) de *Relativa Copiadora*, conforme mostra o quadro 3 a seguir:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<i>Padrão</i>	<b>24</b>
<i>Cortadora</i>	<b>34</b>
<i>Copiadora</i>	<b>01</b>
<b>Total</b>	<b>59</b>

**Quadro 3 – Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos)**

Os mesmos dados, representados graficamente a seguir, correspondem a 57,63% de *Relativa Cortadora*, 40,68% de *Relativa Padrão* e 1,69% de *Relativa Copiadora*.

### Informantes Masculinos - 1ª fase (25-35 anos)



**Gráfico 2 - Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos)**

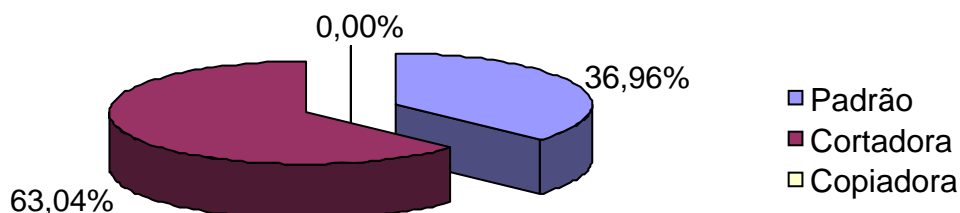
Os 4 informantes masculinos de 2ª fase, com idades entre 36 e 55 anos, apresentaram 29 (vinte e nove) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 17 (dezesete) ocorrências de *Relativa Padrão* e nenhuma ocorrência de *Relativa Copiadora*, que estão distribuídas no quadro 4, que segue:

ORAÇÕES RELATIVAS	QUANTIDADE
<i>Padrão</i>	17
<i>Cortadora</i>	29
<i>Copiadora</i>	00
<b>Total</b>	<b>46</b>

**Quadro 4 – Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos)**

Os dados do quadro 2 representam, proporcionalmente, 36,96% de *Relativa Padrão*, 63,04% de *Relativa Cortadora* e 0,00% de *Relativa Copiadora*, conforme segue:

### Informantes Masculinos - 2ª fase (36-55 anos)



**Gráfico 3 - Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos)**

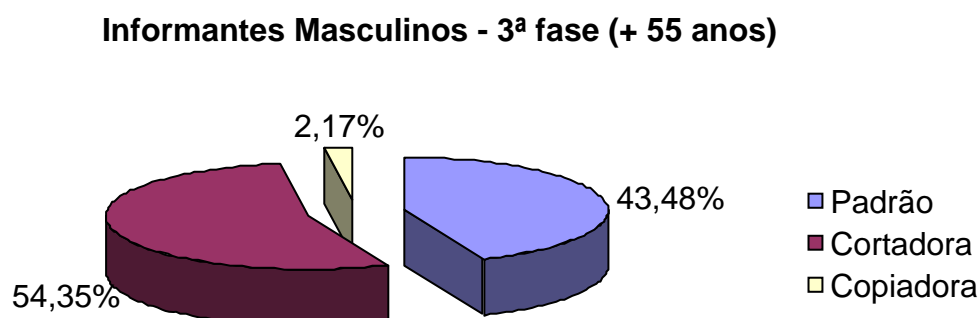
A terceira fase representa os 4 informantes masculinos com mais de 55 anos. Dentre estes, foram encontradas 25 (vinte e cinco) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 20

(vinte) ocorrências de *Relativa Padrão* e 01 (uma) ocorrência de *Relativa Copiadora*, distribuídas no quadro 5, logo abaixo:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<i>Padrão</i>	<b>20</b>
<i>Cortadora</i>	<b>25</b>
<i>Copiadora</i>	<b>01</b>
<b>Total</b>	<b>46</b>

**Quadro 5 – Informantes Masculinos de 3ª fase (+ 55 anos)**

Na escala de porcentagem, as vinte e cinco ocorrências de *Relativa Cortadora* representam 54,35%, as ocorrências de *Relativa Padrão* totalizam 43,48% e as ocorrências da *Relativa Copiadora* representam 2,17% do total das relativas encontradas, conforme podem ser visualizadas no gráfico 3, que segue:



**Gráfico 4 – Informantes Masculinos de 3ª fase (+ 55 anos)**

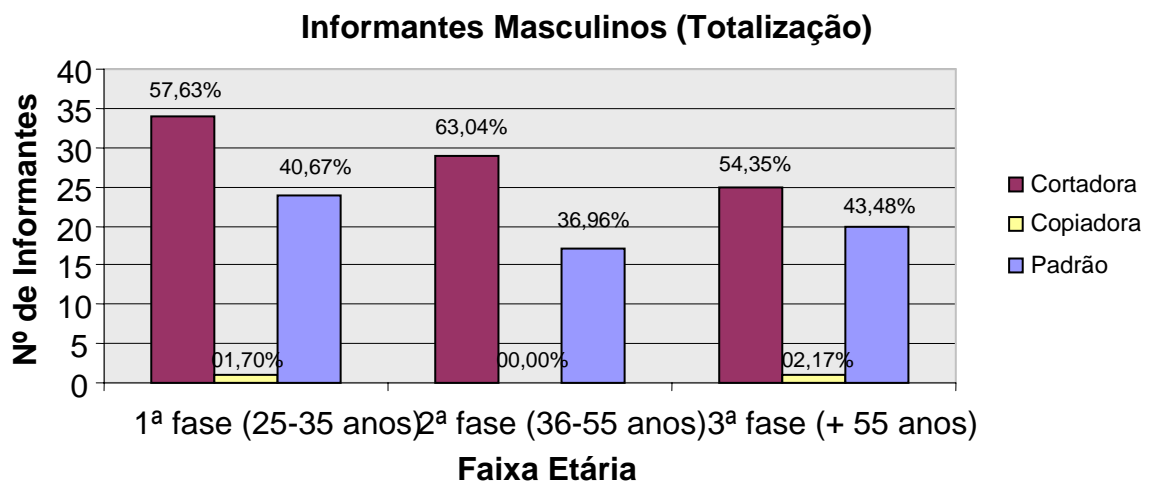
Sintetizando os dados dos informantes masculinos, temos as informações expressas no quadro 6:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>1ª FASE</b>		<b>2ª FASE</b>		<b>3ª FASE</b>	
<i>Padrão</i>	24	40,67%	17	36,96%	20	<b>43,48%</b>
<i>Cortadora</i>	34	57,63%	29	63,04%	25	<b>54,35%</b>
<i>Copiadora</i>	01	01,70%	00	00,00%	01	<b>02,17%</b>
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>100,00%</b>	<b>46</b>	<b>100,00%</b>	<b>46</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 6 – Resumo dos Informantes Masculinos**



Tomando-se por base os dados acima, observamos que há preferência pelo uso da estratégia *Cortadora* em todas as fases analisadas. Entretanto, não é possível fazer um comparativo entre as fases para verificar em qual delas o uso da *Cortadora* prepondera, haja vista que a amostra entre as fases é variável: enquanto na 1ª fase os dados perfazem um total de 59, nas duas seguintes, 2ª e 3ª fases, esse total é de 46. Embora seja arriscado afirmar, apontamos que a segunda fase é a que revela a maior concentração de *Cortadoras*, contrariando a hipótese da sociolinguística de que, por estarem em período de maior produtividade e concorrendo no mercado de trabalho, os falantes/ouvintes ideais de 2ª fase seriam os que mais usariam a estratégia *Padrão*. Esse resultado pode ser melhor visualizado no gráfico 4.



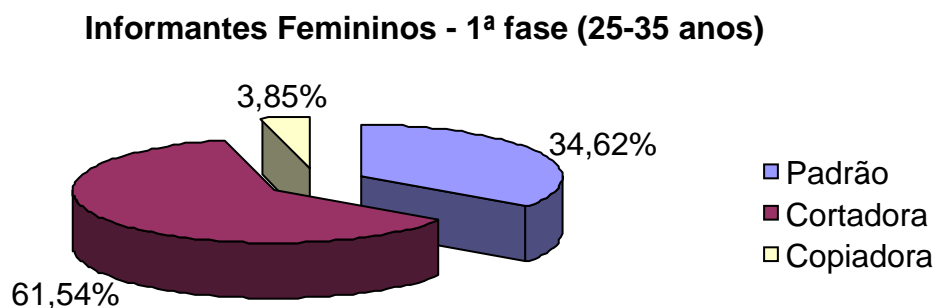
**Gráfico 5 – Resumo dos Informantes Masculinos**

A partir deste ponto, os informantes passam a ser femininos. No quadro 5, estão as ocorrências encontradas entre os 4 informantes da 1ª fase, que correspondem à faixa etária entre 25 e 35 anos. Foram registradas 32 (trinta e duas) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 18 (dezoito) ocorrências de *Relativa Padrão* e 02 (duas) ocorrências de *Relativa Copiadora*:

ORAÇÕES RELATIVAS	QUANTIDADE
<i>Padrão</i>	<b>18</b>
<i>Cortadora</i>	<b>32</b>
<i>Copiadora</i>	<b>02</b>
<b>Total</b>	<b>52</b>

**Quadro 7 – Informantes Femininos de 1ª fase (25-35 anos)**

Esses dados correspondem respectivamente a 61,54% de *Relativa Cortadora*, 34,62% de *Relativa Padrão* e 3,85% de *Relativa Copiadora*, visualizados no gráfico 4 a seguir:



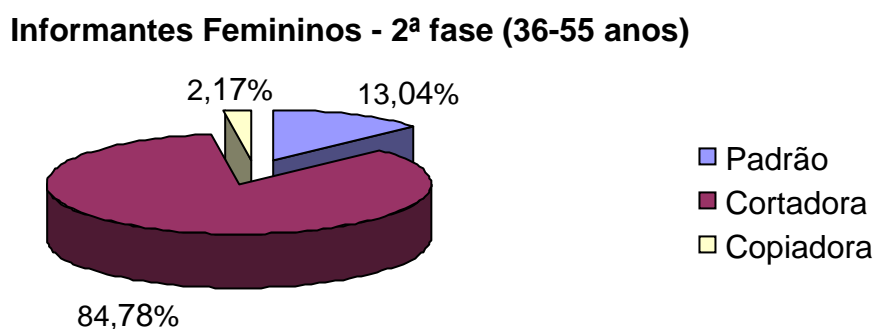
**Gráfico 6 – Informantes Femininos de 1ª fase (25-35 anos)**

Entre os 4 informantes femininos de 2ª fase, com idade entre 36 e 55 anos, encontramos 39 (trinta e nove) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 06 (seis) ocorrências de *Relativa Padrão* e 01 (uma) ocorrência de *Relativa Copiadora*, distribuídas no quadro 8:

ORAÇÕES RELATIVAS	QUANTIDADE
<i>Padrão</i>	<b>06</b>
<i>Cortadora</i>	<b>39</b>
<i>Copiadora</i>	<b>01</b>
<b>Total</b>	<b>46</b>

**Quadro 8 – Informantes Femininos de 2ª fase (36-55 anos)**

O quadro 8, representado graficamente a seguir, revela que 84,78% das relativas produzidas pelos informantes femininos de 2ª fase são do tipo *Cortadora*, 13,04% são do tipo *Padrão* e 2,17% são *Copiadoras*. Os dados podem ser conferidos no gráfico 6:



**Gráfico 7 – Informantes Femininos de 2ª fase (36-55 anos)**

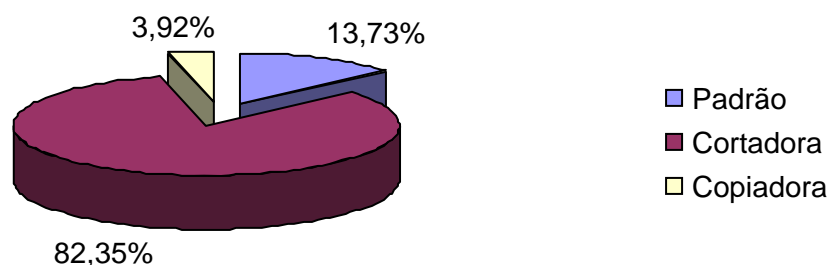
Na última etapa de análise, encontramos 42 (quarenta e duas) ocorrências de *Relativa Cortadora*, 07 (sete) ocorrências de *Relativa Padrão* e 02 (duas) ocorrências de *Relativa Copiadora* entre as informantes de 3ª fase, com idade superior a 55 anos. Os resultados estão tabulados no quadro 9 abaixo:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<i>Padrão</i>	<b>07</b>
<i>Cortadora</i>	<b>42</b>
<i>Copiadora</i>	<b>02</b>
<b>Total</b>	<b>51</b>

**Quadro 9 – Informantes Femininos de 3ª fase (+ 55 anos)**

Finalizando a representação, o gráfico 7 apresenta as ocorrências registradas no quadro 9 na proporção de 82,35% de *Relativa Cortadora*, 13,73% de *Relativa Padrão*, e 3,92% de *Relativa Copiadora*, conforme segue:

**Informantes Femininos - 3ª fase (+ 55 anos)**



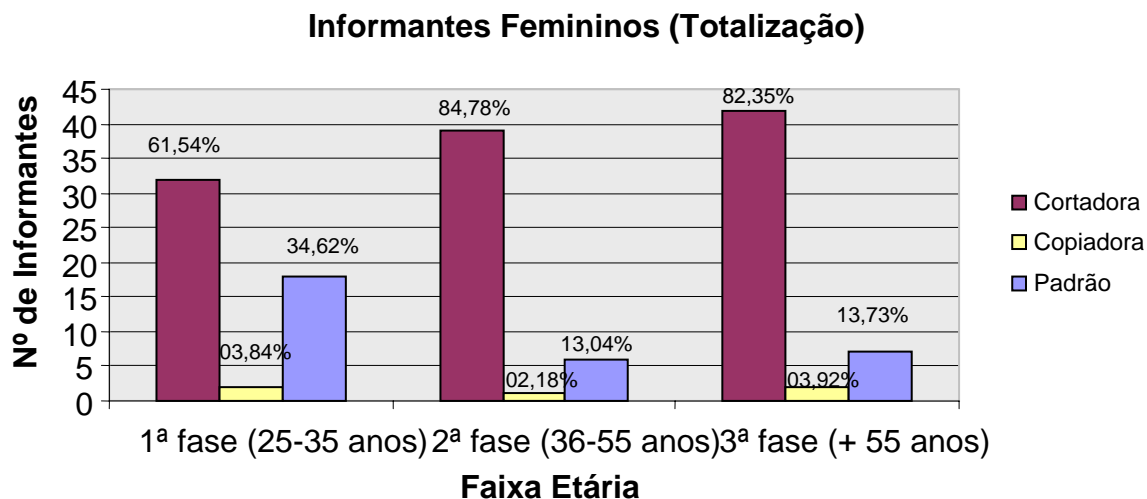
**Gráfico 8 – Informantes Femininos de 3ª fase (+ 55 anos)**

Sintetizando os dados dos informantes femininos, temos as informações expressas no quadro 10:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>1ª FASE</b>		<b>2ª FASE</b>		<b>3ª FASE</b>	
<i>Padrão</i>	18	34,62%	06	13,04%	07	<b>13,73%</b>
<i>Cortadora</i>	32	61,54%	39	84,78%	42	<b>82,35%</b>
<i>Copiadora</i>	02	03,84%	01	02,18%	02	<b>03,92%</b>
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100,00%</b>	<b>46</b>	<b>100,00%</b>	<b>51</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 10 – Resumo dos Informantes Femininos**

Semelhante ao total dos registros masculinos, o público feminino também prefere a *Relativa Cortadora*, que cresce visivelmente na segunda fase. A *Relativa Padrão*, por outro lado, apresenta um decréscimo nas duas últimas fases em relação à 1ª, e a *Relativa Copiadora* oscila muito pouco. Essas informações podem ser melhor visualizadas no gráfico que segue:



**Gráfico 9 – Resumo dos Informantes Femininos**

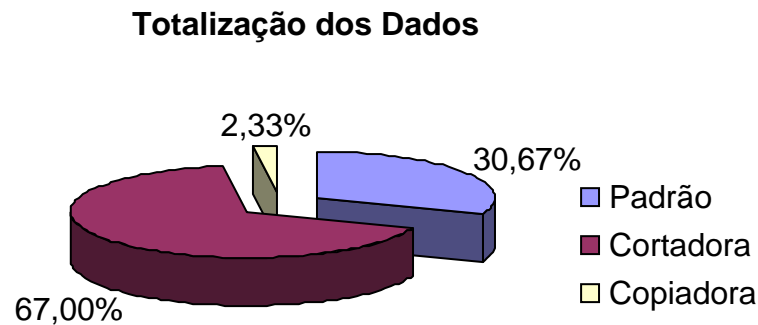
É possível depreender, a partir da análise detalhada dos quadros e gráficos de número 1 a 8, que os informantes femininos fazem mais uso da estratégia *Relativa Cortadora* do que os informantes masculinos, reforçando a idéia da sociolinguística de que a mulher adere mais prontamente a formas inovadoras da língua do que o homem. Além disso, os informantes de segunda fase, com idade entre 35 e 55 anos, tanto do grupo feminino quanto do masculino, são os que se destacam na utilização desse recurso.

A partir deste ponto, não enfatizaremos mais os dados por faixa ou gênero, deixando que estes dados sejam aproveitados numa próxima pesquisa, de cunho sociolinguístico, e nos debruçaremos sobre os dados globais. Para isso, apresentamos o quadro 11, com a totalização dos informantes e as estratégias por eles preferidas:

<b>ORAÇÕES RELATIVAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<i>Padrão</i>	<b>92</b>
<i>Cortadora</i>	<b>201</b>
<i>Copiadora</i>	<b>07</b>
<b>Total</b>	<b>300</b>

**Quadro 11 – Totalização das Estratégias Preferidas**

Os mesmos dados do quadro 9 podem ser melhor visualizados no gráfico 9:



**Gráfico 10 – Totalização das Estratégias Preferidas**

Como podemos perceber, a estratégia *Relativa Cortadora* continua dominante entre os informantes e, conseqüentemente, entre nós, falantes de PB; ela é a estratégia que mais tem se estabelecido como ideal para a comunicação. O fato de todos os informantes analisados possuírem curso superior completo não permite hipotetizar que a preferência pela estratégia *Cortadora* se deve à falta de escolaridade, muito menos ao excesso dela, visto que a escola, como se sabe, segue a gramática normativa cujas regras exigem a presença de preposição antecedente ao pronome relativo sempre que assim for necessário. Ora, isso é mais uma evidência a favor de que a construção *Relativa Cortadora* é possível, e basta, para ser reconhecida, descobrir o processo pelo qual ela se licencia. E é essa a tarefa que faremos a partir dessa etapa, iniciando com o seguinte exemplo retirado do Projeto NURC:

(132) (63) [ ... *mas era o conteúdo humano* ] [ **que** *vocês falaram.* ]

1ª oração

2ª oração

Nesta proposição, o DP/constituente *o conteúdo humano* é o antecedente nominal definido, **que** supostamente é um pronome relativo (está em correferência com *o conteúdo humano*), e **que** *vocês falaram* é a oração relativa restritiva, em que o suposto pronome relativo apresenta o papel de objeto indireto, segundo a NGB.

E, de acordo com Carone (2002, p. 49), o instrumento que vincula a 2ª oração à primeira é o pronome relativo “que”, que tem, entre outras, a propriedade de obrigar toda uma oração a comportar-se como parte de outra, articulando-se a um substantivo e integrando-se a

um NP como termo periférico, em função adjetival. Entretanto, em (132) (63), a preposição *que*, segundo a NGB, deveria estar presente na 2ª oração para satisfazer a exigência do verbo “falar” não está visível.

Essa ausência abre precedente para a análise do elemento “*que*” como um termo conector, estabelecendo a relação de dependência entre as orações, ou como um pronome relativo desacompanhado de preposição. Sendo tanto um como outro, o fato é que um termo está ausente, seja ele a preposição, se o *que* for realmente um pronome relativo, ou um argumento inteiro (objeto indireto, segundo a NGB), se o *que* for um conetivo.

De acordo com Chomsky (1994, p. 84), uma representação estrutural possível para frases análogas a essa, como

(133) O homem *que* eu vi,  
 pode ser [ o homem <sub>i</sub> [ *que* <sub>i</sub> [ eu [vi *ec* <sub>i</sub> ] ] ] ].

Neste caso de deslocamento de QU, o vestígio de onde este saiu diz respeito a uma variável vinculada ao operador QU que foi deslocado para uma posição não-A (não-argumental), para assegurar o Princípio de Projeção. O seu vestígio é interpretado como uma variável na FL, compartilhando de propriedades dos nomes na teoria da vinculação (Princípio C), pelo fato de se encontrar em posição marcada por Caso. Neste exemplo, o vestígio QU está em posição theta de tema, assumindo o papel gramatical de objeto direto do verbo “ver” e recebendo o Caso Acusativo. O operador QU em COMP (posição não-argumental) quebra a cadeia em duas cadeias separadas para efeito de atribuição de Caso e papel-θ.

Enquanto QU recebe Caso e papel-θ não através dos índices de coindexação com o seu vestígio, mas por ter Caso e papel-θ inerentes a partir dos traços de subcategorização e de seleção no léxico (CHOMSKY, 1982, p. 331), a *ec* recebe Caso e papel-θ devido à posição argumental que ocupa (*op. cit.*, p. 332), além de herdar os traços de subcategorização do constituinte deslocado. A reflexão acima se refere no caso de haver o deslocamento.

Entretanto, no exemplo (132) (63), reescrito abaixo em (134) (63), a situação que se apresenta é outra. Vejamos:

(134) (63) [... mas era o conteúdo humano [ que vocês falaram [ *PP ec* ] ] ]

Essa [ *PP ec* ] é uma categoria vazia “especial” que não possui conectividade categorial com o elemento QU presente na periferia esquerda, pois o verbo seleciona um PP como complemento, e o elemento QU não apresenta essa característica, não tem traços de PP. Essa ausência de conectividade categorial nos leva a assumir que nestas construções não há movimento do elemento QU para a periferia da esquerda da sentença, sendo este elemento gerado na base, na posição de [C, CP], assim como qualquer outra conjunção que une orações subordinadas, pois, seguindo as informações de Carone (2002, p. 50), “as conjunções subordinativas são, à semelhança do pronome relativo, instrumentos de inserção de uma oração em determinado ponto de outra” e, como já diziam os gramáticos antes da NGB, os pronomes relativos se inserem na classe dos “conjuntivos”.

Com o lugar do NP vazio na relativa (não-realizado foneticamente), não é exigível também a realização fonética da preposição, visto que o verbo, pela representação da grade temática, induz a representação do complemento possível dentre as possibilidades e busca, na oração anterior, o constituinte que preenche as condições do papel- $\theta$  previsto. O que se recupera não é a preposição, mas a relação que se estabelece entre essa preposição ausente e o seu regente. Assim, torna-se possível a interpretação semântica desta oração em adjunção.

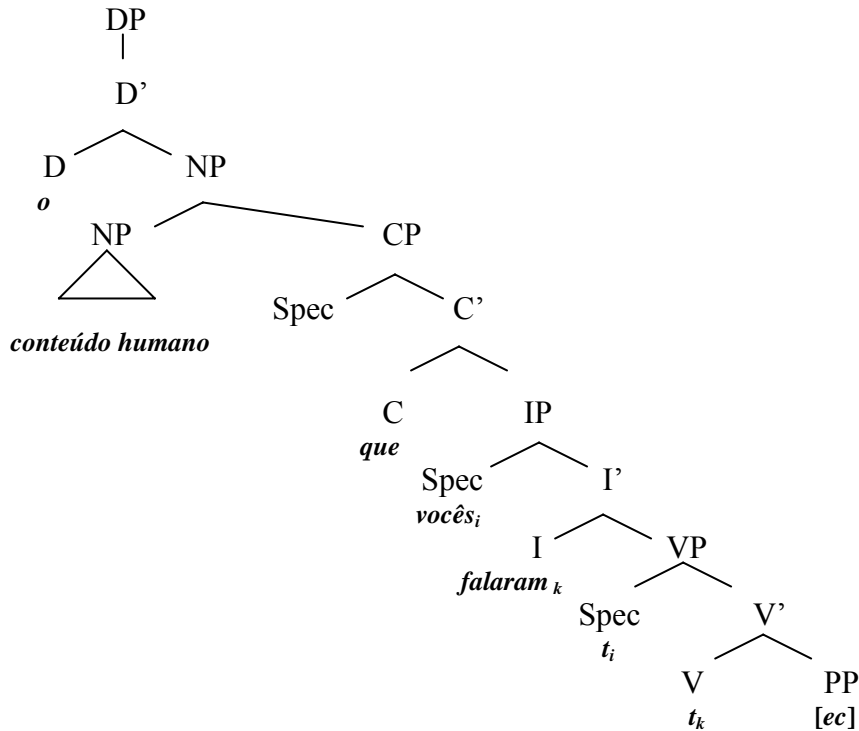
Esse mesmo processo pode ser ilustrado com os exemplos (135) (89), (136) (296) e (137) (286), logo a seguir, em que a posição relativizada é ocupada por um pronome nulo, não sendo possível perceber o movimento do argumento para a posição da esquerda.

(135) (89) ... a única coisa (*de*) *que* eu gosto mesmo é o presunto ...

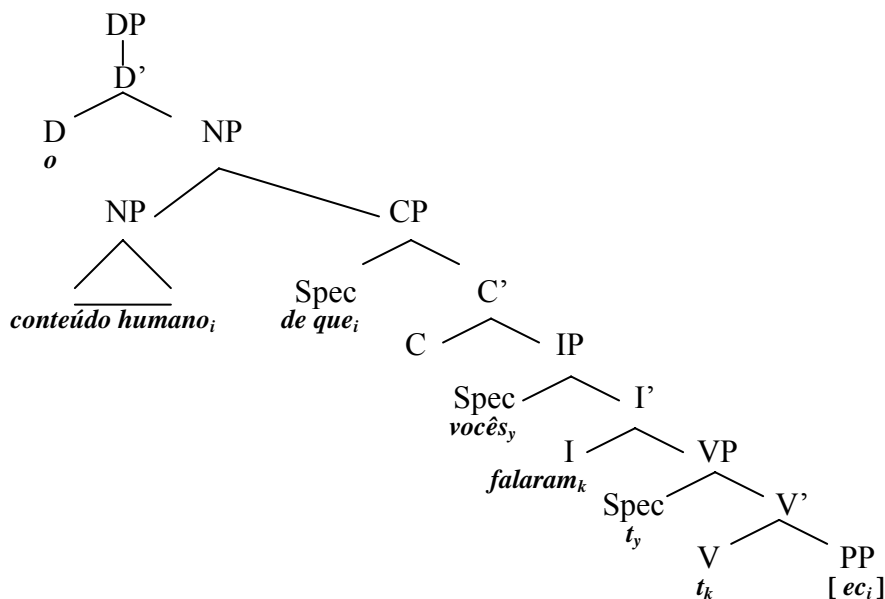
(136) (296) ... esse é um dos jogos (*de*) *que* eu mais me lembro...

(137) (286) ... é evidente que a coisa (*de*) *que* mais a gente cuida, ...

A ausência da preposição, sinalizada com (*de*), aponta para um processo idêntico ao descrito em (134) (63), cuja representação arbórea pode ser assim realizada:



Por outro lado, se assumíssemos que há movimento de PP para a posição [Spec CP], não teríamos como explicar o posterior apagamento somente da preposição, nem como isso se dá, uma vez que, seguindo as orientações de Chomsky quanto à aplicabilidade do Filtro do Caso, quando comprovado movimento, o elemento QU movido deixa vestígios que parecem ter a mesma distribuição de NPs lexicalizados. Portanto, sendo resultado de movimento, o elemento QU deveria levar consigo a P (preposição) que atribui o Caso Oblíquo, tornando o NP visível (licenciado) na FF. A representação arbórea assim seria:





A GT relega a segundo plano as formações de tópico, considerando-as apenas recursos expressivos da língua, de estilo ou vícios de linguagem. No entanto, devemos considerar que o PB informal é uma língua orientada para o discurso e, com isso, o falante/ouvinte ideal utiliza construções de tópico-comentário com certa frequência, deixando, muitas vezes, de usar as construções de sujeito-predicado. São bastante produtivas as construções como em (138), (139) e (140) em substituição às construções (141), (142) e (143).

(138) Essa casa bate muito sol.

(139) A belina cabe muita gente.

(140) Essa janela não venta muito.

(141) Nessa casa bate muito sol.

(142) Na belina cabe muita gente.

(143) Nessa janela não venta muito.

Segundo Pontes (1987, p. 86), as sentenças (138), (139) e (140) têm uma Estrutura-S aparentemente igual à de uma sentença SVO (sujeito-verbo-objeto), apesar de os verbos “caber” e “bater” não admitirem sujeito. Retomamos as palavras de Pontes para pôr em evidência a necessidade de se considerarem tais estruturas como originais e naturais da língua. Tanto em chinês e em outras línguas com proeminência de tópico, bem como em PB, a preposição em locativos (adjuntos e complementos adverbiais), não é necessária como é em inglês. Pode-se falar como em (144).

(144) A casa onde mora a Betânia tá todo mundo doente.

E, da mesma forma, ouvimos (145).

(145) Na época que eu viajei muito.

Nestes dois exemplos, o que ocorre é a mudança de lugar do constituinte para Top da sentença e, nessa transferência, (144) perdeu o “em + a = na” do constituinte “na casa”, assim como (145) perdeu “em” no movimento para Top do constituinte “na época”, pronominalizado em “que”. Cabe observar, neste momento da análise, que Pontes (1987, p. 13) afirma que a preposição em português coloquial não é necessária, seguindo o que ocorre também em chinês (a) e divergindo do inglês (b), no que tange à topicalização.

(a) *he chi tê pê? dà? já (Lahu)*

campo este um-classif. arroz muito bom

“Este campo (tópico), o arroz é muito bom.”

(b) *In Dwinelle Hall people are always getting lost.*

“Em Dwinelle Hall, as pessoas estão sempre se perdendo.”

A topicalização de elementos induz o falante a apagar a preposição do PP da Estrutura-P e, com isso, seria sustentável que a preposição fosse apagada não só de complementos verbais, mas também de outros constituintes, como os adverbiais. Alertamos, no entanto, que mesmo a construção de tópico sendo uma transformação possível e, após o exposto, considerada claramente gramatical, o presente trabalho não defende que haja, nas *Relativas Cortadoras*, o processo de topicalização. No entanto, não descartamos a possibilidade de sua existência, apenas defendemos que o termo “que” não é a pronominalização do constituinte, seja ele um complemento verbal/nominal ou adjunto/complemento adverbial, e, não sendo pronome relativo, não há razões para se pensar em construções de tópico. Dessa forma, reforçamos a hipótese de este “que” ser apenas um “juntor”, e que o constituinte gerado na base lá permanece sem conteúdo fonético, originando a *Relativa Cortadora*.

Além disso, o apagamento da preposição na segunda representação de (127) deixaria o elemento QU sem nenhuma justificativa para a sua realização fonética e não seria, portanto, a representação de um DP, como se crê que os pronomes relativos sejam. Logo, poderíamos aqui pensar numa suposta alternativa para essa construção: assumir que há preposição nula neste PP. Mas, para isso, teríamos que considerar uma regra *ad hoc*, de que a preposição nula só ocorre com elementos também nulos, ou melhor, o que está apagado junto com a preposição é o DP, ou seja, o PP inteiro. Porém, não seria possível utilizar essa mesma explicação para os casos em que o constituinte analisado não é complemento de verbo, como em (146) (300), (147) (171) e (148) (19), transcritos logo abaixo, pois a teoria prevê preposição nula somente em casos de complemento de verbo, e estes são adjuntos adverbiais.

(146) (300) ... teve uma fase assim também (*em*) *que* se destacou bastante...

(147) (171) ... mas eu fiquei até surpresa porque um dia desses (*em*) *que* eu estava lendo no jornal...

(148) (19) ... numa viagem (*em*) *que* ocorre algum pequeno problema ...

Há outra situação que consideramos plausível: a existência de movimento do argumento DP, que carrega junto consigo a preposição (P + DP), para a periferia da esquerda e seu posterior apagamento. Nesse caso, não há movimento de QU, mas sim movimento de operador nulo (OP). Vejamos:

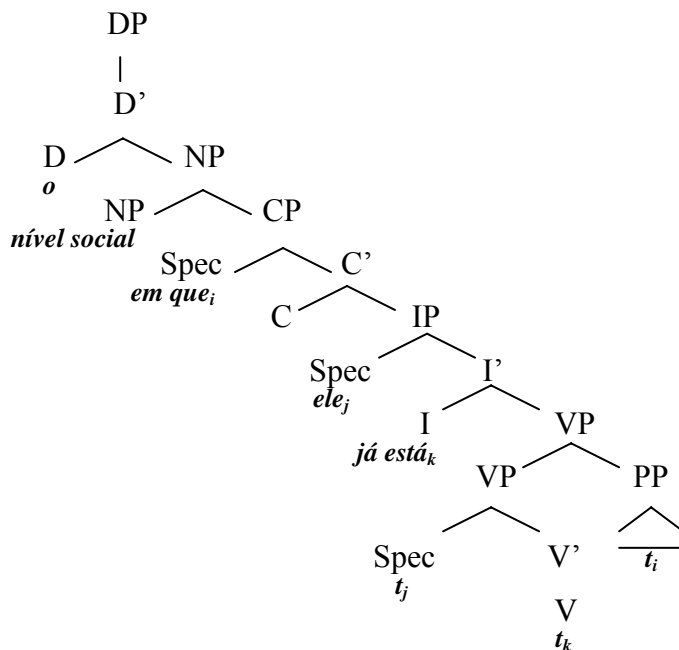
(149) Este é o livro [CP OP<sub>i</sub> que [ IP Maria gosta t<sub>i</sub> ] ] ]

Então, nos vemos diante das seguintes possibilidades:

- a) mover o elemento QU;
- b) deixar o argumento *in situ* e optar entre
  - i) mover e apagá-lo posteriormente, postulando a existência de um OP e classificando o elemento QU como um complementizador;
  - ii) apagá-lo, ou melhor, postular que este permaneça na posição de origem, mas sem realização fonética, mantendo a classificação do elemento QU como um complementizador apenas.

Movendo o elemento QU, a P o segue (*pied-piping*), formando a estratégia de relativização denominada de *Relativa Padrão*, assim como mostra o exemplo (150) (26):

(150) (26) É o nível social *em que* ele já está.



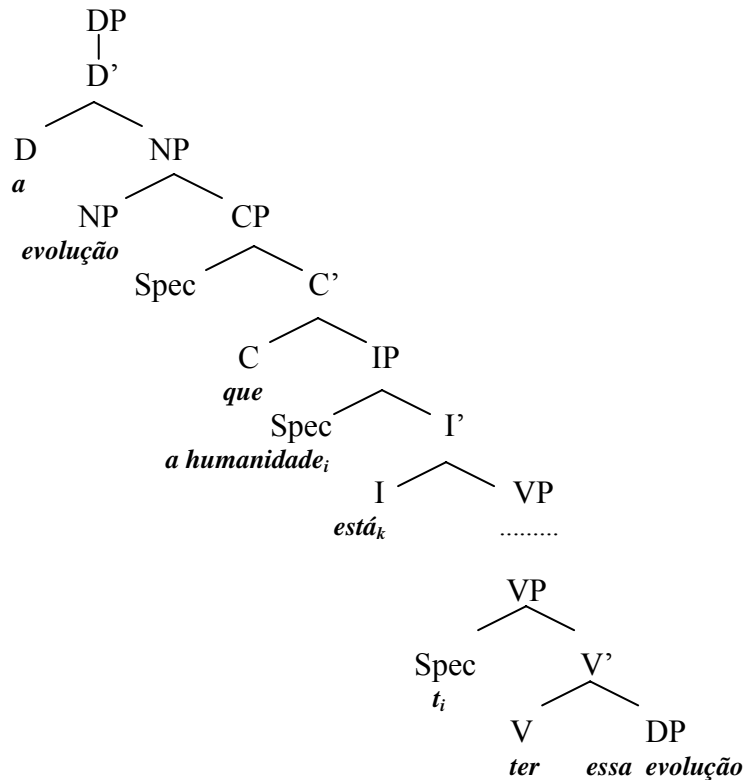
Em situações como esta, o PB mostra-se como uma língua de movimento de QU. A evidência para isso é o fato de os falantes poderem optar entre a estratégia padrão e a não-padrão, ora utilizando uma, ora empregando outra, como o próprio *corpus* aponta. Muitos informantes apresentavam, em um mesmo discurso, as duas estratégias, tornando-as concorrentes, em situações de alternância.

Poderíamos, então, sugerir que as sentenças gramaticais geradas com a marcação [+ mov QU] façam parte de um subconjunto do conjunto de sentenças gramaticais possíveis geradas com o valor [ $\pm$  mov QU]. Assim, tanto se permite a construção padrão como os dois tipos de construção não-padrão: *Relativas Cortadora* e *Copiadora*. Esse fato, inclusive, merece uma análise detalhada da área da sociolinguística, bem como da área do estudo do discurso, pois certamente haverá grandes contribuições a serem reveladas .

Retomando o exemplo (150) (26), o falante, construindo a relativa, alicerçado sobre os pilares da estratégia padrão, não poderá apagar a P de um PP realizado foneticamente, e moverá todo o constituinte para a periferia da esquerda, resultando no processo acima especificado. Como não acreditamos que parte de um constituinte possa ser apagado, ou seja, não há como aderir à hipótese de que a P do sintagma preposicionado seja apagada, pois tanto P quanto NP, que são elementos independentes, quando se unem para formar um novo sintagma, tornam-se dependentes um do outro. O que consideramos possível é que todo o termo “PP” seja apagado em sua origem, evitando postular qualquer tipo de movimento desnecessário, uma vez que as características de oração adjetiva se mantêm preservadas nas situações descritas, seja pelo contexto, seja pela carga semântica desse adjunto. Caracteriza-se, assim, que o PB não é uma língua de movimento e, nesse caso, realizamos uma das estratégias não-padrão, denominada de *Cortadora*.

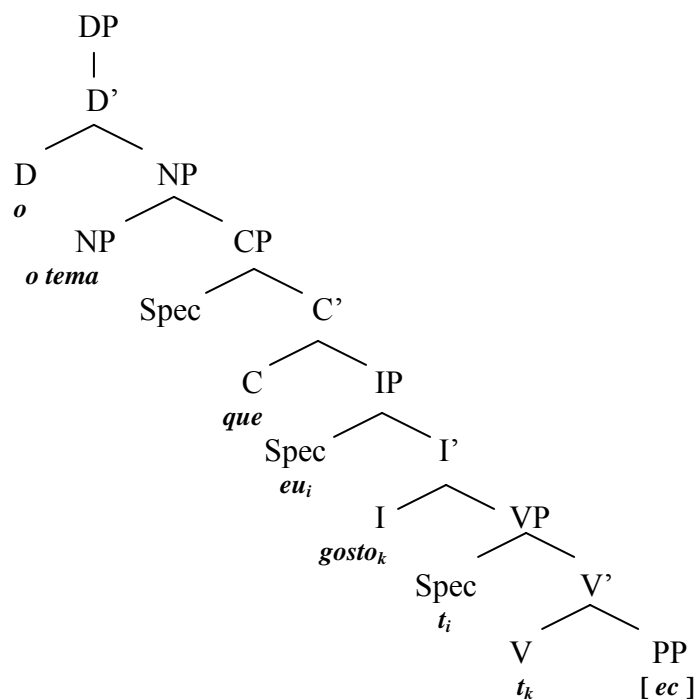
Nas situações de realização com estratégia *Copiadora*, fica muito clara a ausência de movimento. Quando o elemento QU aparece na periferia da esquerda, ele é resultado de algum outro tipo de operação que não o de movimento. Optamos, aqui, por assumir que esse elemento QU configura-se apenas como um complementizador realizado abertamente em [C, CP]. Vejamos o exemplo de *Relativa Copiadora* :

(151) (274)... é necessário mesmo que, que o ensino acompanhe a evolução *que a humanidade está tendo essa evolução.*



Saindo das *Relativas Copiadoras* e retornando às *Relativas Cortadoras*, temos o exemplo (152) (128), cuja estrutura resulta da hipótese da existência de OP.

(152) (128) ...que esteja mais de acordo com o que eu, com o tema *(de) que eu gosto, ...*



Analisando as diversas situações apresentadas, tanto de movimento de QU, como de apagamento fonético do argumento e inclusão de operador nulo, podemos pressupor que o PB não é uma língua de [+ mov QU], mas sim [ $\pm$  mov QU]. O movimento QU seria a marcação de um parâmetro e, como todo o parâmetro marcado deriva de “pistas” internas previstas na GU e contato com a língua-E, essa marcação vem sendo realizada ora com traço positivo (+), ora com traço negativo (-), resultando, com o avanço do tempo, a preferência pela marcação negativa. Justifica-se essa preferência por apresentar um processo mais simples, característico da teoria gerativa, que defende o princípio de que, havendo duas possibilidades, o falante/ouvinte ideal sempre irá preferir a estratégia mais econômica a mais complexa. Verificamos isso comparando resultados obtidos ao longo dos anos, pois a cada pesquisa realizada, um maior número de *Relativas Cortadoras* vem se apresentando na fala dos falantes/ouvintes ideais, como mostra quadro 1 da página 53, comparado aos dados de pesquisas anteriores e posteriores.

Todavia, para que a marcação do parâmetro mude, seria necessária a percepção da ocorrência da *Relativa Padrão*, que transforma para + o traço – em [mov QU]. Entretanto, a criança (que é a pessoa que está em processo de aquisição da linguagem) está muito mais em contato com a *Relativa Cortadora* do que com a *Relativa Padrão*, apesar de passar, no mínimo, quatro horas por dia em ambiente escolar, que é composto por professores e colegas. É possível diagnosticar, abertamente, que até nas escolas essa estratégia *Cortadora* é utilizada, pois o mesmo professor que “ensina” a gramática não consegue observá-la em sua fala em todos os momentos, utilizando, naturalmente, a construção *Relativa Cortadora* tanto quanto qualquer outro profissional.

A categoria vazia especial é, então, de suma importância para este trabalho, e outras línguas poderão não tê-la ou não dispor dela. Nossa análise, então, é diferente das propostas de análise apresentadas no capítulo dois, visto que o elemento QU não sofre o mesmo processo nas três estratégias (*Copiadora*, *Cortadora* e *Padrão*), mas, ao mesmo tempo, se aproxima em alguns aspectos da análise de muitos. Na verdade, este trabalho foi realizado justamente com o propósito de reunir informações a respeito da relativização que pudesse dar conta do PB e amparar esses processos de relativização distintos, porém adequadamente projetados em nossa língua de forma bastante simples, conforme Bechara (2000) já citou no emprego no relativo universal.

A dúvida que se estabelece pode ser agora banida, pois sabemos, através de realização dessa proposta, que o elemento “que” assume várias facetas em nossa língua, seja pronome relativo, ou conetivo<sup>32</sup>, assim como tem se realizado em lugares de “porque” em discurso informal, em frases como: “Eu vou de carro, *que* é mais rápido...” e “Eu vou *de* a pé.”.

Com base nas análises deste capítulo e nas informações contidas nos capítulos um e dois, argumentamos em favor de que a oração relativa é um adjunto de NP e que nem sempre o pronome relativo nela está presente; concluimos que o “que” pode ou não ser derivado de movimento e, não o sendo, é simplesmente um complementizador. Dessa forma, nos posicionamos a favor de que o pronome relativo faz-se presente sempre que concordar em gênero e número com o antecedente da matriz (seus representantes prototípicos são “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”) e carregar para junto de si a preposição, respeitando o processo de *pied-piping*, mas ausente nos casos em que o uso do “que” desacompanhado de preposição impera, representados nos exemplos retirados do Projeto NURC, transcritos abaixo:

(153) (258)... foi uma exceção<sub>i</sub> **da qual<sub>i</sub>** nós já nos penitenciamos Ø<sub>i</sub>, ...  
 ↓  
 relativo

(154) (250) ...a coisa<sub>i</sub> **que** ele mais tinha assim medo Ø<sub>i</sub>...  
 ↓  
 conector

Em (153), o elemento “da qual” é fruto de movimento da posição de objeto do verbo “penitenciar”, concorda em gênero e número com seu correferente “uma exceção” da oração matriz, ambos estão no singular/feminino, e leva consigo a preposição que caracteriza o Caso oblíquo. No contra-exemplo (154), o elemento “que”, introdutor da relativa, é inserido para marcar a relação de dependência, não sendo objeto de elemento movido, pois não marca sua concordância<sup>33</sup> com “a coisa”, da oração matriz, omitindo a preposição e levando-nos a sugerir que a correferência se dá entre a posição vazia e “a coisa” da oração matriz. Logo, podemos chamá-lo de complementizador relativo.

Considerando os fatores de caso e concordância nas construções relativas, reiteramos que um pronome relativo concorda com o núcleo nominal, isto é, o pronome e o

<sup>32</sup> A GT reconhece esses dois papéis sintáticos: conector e função sintática de objeto direto, objeto indireto, ...

<sup>33</sup> É neutro.

núcleo nominal têm os mesmos traços característicos de número, gênero e pessoa, exceto a forma *que*, que só não se manifesta na forma fonética, apenas na representação mental.

É importante ressaltar, também, que muitos pronomes relativos são morfologicamente idênticos aos pronomes interrogativos (pelo menos nas línguas Indo-européias) e que, por isso, é plausível serem considerados, erroneamente, como resultado de movimento. E, de fato, Chomsky (1977) generaliza essas construções de movimento:

Movimento QU:

- a. Deixa uma lacuna;
- b. onde há uma “bridge”, há uma violação aparente de Subjacência, de condição de proposição de ilhas e da condição de sujeito especificado;
- c. observa a restrição de sintagmas nominais complexos;
- d. observa as restrições de ilhas QU.

Como já havia mencionado, uma construção relativa tem um pivô e esse constituinte desempenha um papel na matriz e um papel na oração relativa subordinada. Estes dois papéis são marcados separadamente. A função do pivô, o núcleo nominal, é semanticamente parte de ambos, da oração relativa e da oração matriz. Chomsky (1957) apresentou estas duas orações separadamente (cada uma contendo o N) e então as uniu pela transformação relativa, assim:

(155) *I only like sprouts.*

Eu gosto somente de couve.

(156) *My granny has cooked sprouts.*

Minha vó cozinhou couves.

(157) *I only like sprouts (which) my granny has cooked.*

Eu gosto somente de couves que minha vó cozinhou.

O autor, com isso, focou a sintaxe interna das relativas, relacionando-as às interrogativas em que a operação de movimento de QU está presente. Na oração relativa, a lacuna (*gap*) e a posição COMP estão relacionadas pelo movimento de um pronome relativo ou de um operador nulo. O NP origina-se na oração subordinada e é subseqüentemente promovido em direção à oração matriz, sendo representado por um pronome relativo (PR)

(158) *[[I only like sprouts] [PR<sub>i</sub> my granny cooked t<sub>i</sub>]]*

Se o NP se move e não aparece, não é pronome relativo, pois o *que* inserido pode ser apenas o conector que marca a dependência, assim:



(159) *[[I only like sprouts ] [ that PR<sub>i</sub> my granny cooked t<sub>i</sub>]]*

Ora, se o caso e o papel- $\theta$  já foram identificados na posição de origem, o movimento não objetiva a busca de Caso, como poderíamos, primeiramente, pensar. Logo, o constituinte que, à primeira vista teria se movido, apenas não possui a forma fonética, que não é obrigatória, pois o princípio de projeção exige a permanência dos constituintes em todos os níveis de transformação, mas não os obriga a serem visível foneticamente. O constituinte está ali e apenas não está graficamente representado. Tanto isso é verídico que ele é interpretado nesta posição, de onde nunca saiu.

Percebemos, facilmente, que muitas das construções expressas neste capítulo não são aceitas na língua escrita e, quando usadas em redações, são consideradas “erradas”, “sem estrutura sintática”. Contudo, quando observamos a língua oral, estas “estruturas sintáticas” são perfeitamente possíveis e naturais.

Sendo assim, encerramos a análise por considerar que as informações levantadas até aqui são suficientes para garantir a autenticidade da estratégia *Relativa Cortadora* e explicar como se processa essa construção. Acreditamos que, com todo esse arcabouço teórico e exploração da análise, podemos arriscar as seguintes respostas às questões que induziram à pesquisa:

1<sup>a</sup>) É a simplicidade e o princípio da economia que levam o falante a construir *relativas cortadoras*, pois a *padrão* exige maior esforço, envolve movimento, enquanto que as formas *não-padrão* não implicam movimento.

2<sup>a</sup>) Se assumíssemos que a introdução do QUE pronome relativo sem preposição se origina de um DP movido, teríamos de aceitar também que há o processo de topicalização, única alternativa para o apagamento da preposição.

3<sup>a</sup>) O QUE é pronome relativo apenas nas situações de uso de *relativas padrão*, nas demais, o QUE é simplesmente um conetivo.

4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup>) Há tendência ao apagamento da preposição sempre que o verbo carregar uma única possibilidade de combinação com seu argumento, pois a interpretação, nesse caso, emerge com extrema facilidade = relação semântica da preposição com o verbo é muito próxima.

Passamos, agora, às considerações finais da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto dos resultados exposto nesse trabalho de pesquisa não deve ser visto como uma evidência de que está havendo um processo de deterioração da gramática, como podem pensar os escolarizados pela ótica da gramática prescritivista, mas sim uma reorganização interna coerente, uma mudança paramétrica na língua.

A partir de tudo o que foi apresentado e analisado no quarto capítulo e em consonância com os capítulos anteriores, pode-se afirmar, portanto, que a relativa preposicionada é adquirida, fixada, e que a ausência de preposição diante do “suposto pronome relativo” é a fixação de um parâmetro que se dá a partir de uma construção conceitual, ou seja, a aquisição do conhecimento gramatical de orações relativas (OR) é um processo de construção conceitual. A interpretação semântica desta oração se processa em FL, a partir dos componentes básicos e categorias ontológicas; logo, a omissão dessa preposição em nada prejudica a compreensão, pois ela é facilmente recuperada através dos dados e das relações sintáticas existentes.

Com essa compreensão, vamos ao encontro do que Mollica (1995) já havia afirmado. Com base nas teorizações de Ladeira (1977) de que “a presença/ausência do nexos prepositivo é proporcional à sua funcionalidade semântica”, e de Saraiva (1984) de que “as preposições podem omitir-se desde que não causem prejuízo à comunicação”, Mollica (1995, p. 59) chegou à conclusão de que “a elisão se dá quando só há um regime do verbo ou do nome, ou quando o contexto discursivo ou pragmático é suficiente para recuperar a relação de complementação”. Além disso, vamos ao encontro do princípio da economia lingüística, que é base para toda e qualquer análise gerativa, pois o “queísmo” pode ser uma manifestação

de economia da língua, enquanto o “dequeísmo” é um processo anti-econômico e confuso do sistema. (MOLLICA, 1995, p.24).

Apesar dessa aparente “desgramaticalização” do PB, de acordo com a visão dos normativistas, o entendimento entre as pessoas é perfeito. Quando observamos a comunicação no real desempenho, percebemos que a língua, como sistema, não deixa o falante na mão, o que existe, muitas vezes, é a diferença entre o que o falante diz e o padrão de escrita que se exige deste mesmo falante quando ele entra na escola. A tradição gramatical é conservadora, por isso o nome tradicional, e prescritivista. Ensina-se na escola como substituir as estruturas orais pelas estruturas ditas “gramaticais” da língua, como se o falante/ouvinte tivesse de aprender uma nova língua, uma língua que não conhece. Daí vem a crença de que a língua portuguesa é tão difícil, e o professor, com essa postura, acaba reforçando essa idéia “equivocada” e adotando uma visão rígida e preconceituosa da linguagem. É necessário, de acordo com Ilari (2006, p. 9), olhar para o português sem se prender a representações prontas e aceitar que a variedade lingüística é um fato natural.

Os professores que “ensinam” a língua, em sua maioria, e seguem inteiramente as prescrições das gramáticas normativas, estão convencidos de que a norma nelas fixada deve ser observada integral e exclusivamente não só por seus alunos, mas igualmente por quaisquer pessoas que escrevem; entretanto, esse mesmo professor que “ensina” essa gramática não consegue observá-la em sua própria fala em todos os momentos, pois naturalmente utiliza a construção *Relativa Cortadora*, tanto quanto qualquer outro profissional. Logo, não há língua rígida, o que há são padrões lingüísticos ideais<sup>34</sup>, generalizações determinadas a fim de possibilitar a comunicação universal.

Estamos aqui para lembrar que muitas estruturas recusadas na escola são completamente “normais” e “lógicas”, principalmente em termos sintáticos. O exemplo concreto de que essa afirmação procede são as análises do capítulo 4, em que apresentamos uma categoria vazia, livre de conteúdo fonético, mas carregada de conteúdo semântico, que se preserva na Estrutura-P e remete o falante/ouvinte ideal a recuperar o NP da oração anterior e a fazer na ligação com um constituinte da oração relativa, mesmo sendo apenas mentalmente reconhecido. E a pesquisa lingüística, seja ela gerativa, sociolingüística ou funcionalista, tem

---

<sup>34</sup> Padrões ideais e padrões reais são denominações utilizadas por Aryon Dall’igna Rodrigues, 1968.

contribuído muito para a abertura dessa nova fronteira que, paralelamente ao “ensino” da norma, que é objetivo primeiro da escola, poderá auxiliar na compreensão de estruturas da língua.

Mantendo essa visão, vamos ao encontro da idéia de que o “que”, necessariamente, não é um relativo resultante do movimento de DP ou PP, mas apenas um transpositor, como já dizia Bechara, que une duas orações e que, na teoria gerativa, os autores chamam de complementizador. É como se o “que” fosse vazio de conteúdo, assim como “that” do inglês, que não segue preposição, diferentemente do “Which” para não humanos e do “who” para humanos. Logo, essa é mais uma evidência em favor de que o “que” corresponde ao “that” do inglês e que o mesmo não pode ser categorizado integralmente como pronome relativo. É uma partícula de amplo uso e, de tão empregada, chega, às vezes, a não ser notada, daí a dificuldade de classificação, pois desempenha vários papéis.

Seria bastante interessante, também, provocar o estudo dos pronomes relativos numa abordagem funcional, pois percebemos que há pronomes relativos que simplesmente se referem ao antecedente (pronominal), ignorando o seu predicador, como é o caso das *Relativas Cortadoras* em função de complemento, e outros que simplesmente estabelecem o elo entre orações, numa relação hipotática, e nesse caso também ignoram qualquer vinculação aos termos da própria oração relativa. A mudança lingüística custa a tornar-se visível e a se estabelecer, porém, quando um fenômeno como esse – *Relativa Cortadora* – vem se firmando e cada vez com maior número de ocorrências, é preciso cercá-lo para análise sob diferentes enfoques, pois esta é a chave para a afirmação de que realmente estamos diante de uma mudança na língua. Outro fator muito importante, também, é manter a coleta de dados de uma língua, formando um *corpus* bastante atualizado que poderá servir de base para pesquisas futuras e investigação mais apurada do estatuto das categorias vazias.

Assim, levantamos a possibilidade de a estratégia *Cortadora* estar se solidificando e abrangendo todas as camadas sociais e de gênero para, possivelmente, se tornar, num futuro bem próximo, a estratégia usada em quase a totalidade das relativas.

Esse estudo talvez tenha corroborado com a pesquisa de Grégis (2003), que trata da aquisição de preposições desacompanhadas em interrogativas do inglês, cujos resultados mostraram que os sujeitos evitam o uso de *pied-piping* (Pip) em estruturas com

complemento, preferindo o uso de preposições desacompanhadas (PDs). Em sua dissertação, a própria autora sugere que uma pesquisa acerca do apagamento de preposições no português brasileiro (PB) contribuiria para um melhor entendimento deste fenômeno. Esperamos, com isso, poder auxiliar futuros trabalhos que envolvam estruturas PPs.

Cabe acrescentar que o presente trabalho consiste em uma abordagem mais sugestiva do que conclusiva, que essencialmente aponta para uma possível mudança na fixação dos parâmetros. Muitos outros aspectos ainda ficam para serem investigados, como o estatuto da *ec* sobre a qual alguns autores ainda apresentam divergências, e o estudo dessa estratégia *Cortadora* na perspectiva do discurso, visto que este está mais diretamente ligado à pragmática e ao uso em contextos específicos. Falamos em estudo da estratégia *Cortadora* por se tratar de uma estrutura menos estigmatizada do que a estrutura da estratégia *Relativa Copiadora*.

Apontamos, ainda, que seria muito interessante investigar as situações de *Relativa Cortadora* em contextos de complemento verbal apenas, pois o apagamento da preposição pode ser favorecida por alguns verbos e não por outros. Então, pode estar nos verbos a propriedade de selecionar a *Relativa Cortadora*, a *Padrão* ou a *Copiadora*, ou, ainda, pode estar havendo um processo de gramatização de dado signo, que tanto pode ocorrer com “mudança semântica, como com erosão fonética”, como relembra Mollica (1995, p. 59), trazendo o exemplo das partículas “*de*”, “*lê*” e “*ba*” do Chinês Antigo.

Por fim, encerramos essa pesquisa, mas não a discussão, sublinhando que há muito a trilhar no caminho da investigação lingüística, pois a cada afirmação nova, surgem novos questionamentos que nos obrigam a reorganizar as teorias existentes para, no conjunto, abarcar os novos apontamentos. Nenhum estudo é inteiramente completo, sempre haverá lacunas a serem preenchidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 43 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral*. Lisboa : Academia Real das Sciencias, 1830.

BARROS DA SILVA, Bárbara E. *Aquisição de preposition stranding em contextos interrogativos em inglês como L2: um estudo com aprendizes brasileiros*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

\_\_\_\_\_. *Lições de português pela análise sintática*. 16. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BERTOLDI, Anderson. *A predicação: uma abordagem sintático-semântica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Trabalho de conclusão de curso, 2003/2.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da gramática gerativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOUCHARD, D. An Alternative to WH-Movement in French Relative Clauses. In: *Linguistic Symposium on Romance Language*. W.W. Cressey & D. J. Napoli, 1982.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2002.

CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. Lisboa, Caminho, 1994. Tradução de Inês Duarte.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. On Wh-Movement. In: *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977.

\_\_\_\_\_. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução de Lúcia Lobato. Revisão de Mark Ridd. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução: Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

COHEN, M.A. *Syntactic Change in Portuguese Relative Clauses and the Adjective in the Noun Phrase*. Tese de doutorado. São Paulo: Unicamp, 1986.

CORRÊA, V. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.

CORRÊA, V. R. *Variação sintática em Portugal e no Brasil: orações relativas*. In: XVI Encontro da APL – Colóquio PEPB 2000. Universidade de Coimbra

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

DE VRIES, Mark. *The syntax of relativization*. Tese de doutorado. Universidade de Leiden, 2004. [www<<acessado em 16 de novembro de 2006>>](#)

FRANK KERSCH, Dorotéa. *A construção relativa na língua falada: enfoque na fronteira bilíngüe do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu*. Kiel: Westensee-Verlag, 2006.

GRÉGIS, Rosi Ana. *Aquisição de preposições desacompanhadas em interrogativas do inglês: uma reavaliação*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, 2003.

HAEGEMAN. Liliane. *Introduction to government and binding theory*. Cambridge: Blackwell, 1994

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

- \_\_\_\_\_. Mary A. Null objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: QUER, J.; SCHROTEN, J.; SCORRETTI, M.; SLEEMAN P.; VERHEUGD, E. (eds). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins.
- KAYNE, R. *Connectedness and binary branching*. Foris: Dordrecht, 1994, 103-23.
- KEENAN, E. & COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. In: *Linguistic Inquiry* 8, 1: 63-100, 1967.
- KLEIN, Elaine. Evidence for a wild L2 grammar: When PPs rear their empty heads. *Applied Linguistics*, v. 16, p. 88-117, 1995.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LADEIRA, José Dionísio. *Problemas de termos regidos pela preposição "de"*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1977.
- LAMPRECHT, Regina Ritter (org). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- LANGACKER, Ronald W. *Language and its structure: some fundamental linguistic concepts*. USA:Harcourt, Brace & World, 1968.
- LEFEBVRE, C. & FOURNIER, R. Les relatives em français de Montreal. In: *Syntaxe et sémantique du français*, Cahier de Linguistique 8. Montreal: Les Press de l'Université du Québec, 1978. pp 273-295.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 13. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia: 1995.
- \_\_\_\_\_. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UFRJ, 1989.
- NASCIMENTO, José Gaspar de Oliveira. *Epítome da história da gramática: de Dionísio o Trácio a João de Barros*. Goiânia: UCG, 2006.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIBEIRO, Dr. Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais ou Nova gramática portuguesa*. 3. ed. Bahia: Catilina, 1919.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.



ROSS, John. *Constraints on variables in syntax*. Tese de doutorado. MIT, 1967.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. *Análise Funcional de elipse de preposição em português*. Rio de Janeiro: PUC, 1984.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, Ph.D. dissertation, 1983.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática. 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. 13. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

VICENTE, Luís. Towards a unified theory of movement: an argument from Spanish predicate clefts. In: *Leiden Papers in Linguistics* 2.3, 2005, p 43-67. <<http://www.vlcl.leidenuniv.nl>>

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto*. Coimbra: Coimbra, 2001.

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo A: Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos).....	114
Anexo B: Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos).....	117
Anexo C: Informantes Masculinos de 3ª fase (+ 55 anos).....	120
Anexo D: Informantes Femininos de 1ª fase (25-35 anos).....	123
Anexo E: Informantes Femininos de 2ª fase (36-55 anos).....	126
Anexo F: Informantes Femininos de 3ª fase (+ 55 anos).....	129

**ANEXO A – Informantes Masculinos de 1ª fase (25-35 anos)**

***Informante 3 - Inquérito 003***  
***Curso: História Natural***  
***Profissão: Escrevente - datilógrafo***

- 01 – Até o momento *em que* eu não tinha carro, eu utilizava o ônibus...(p. 01, l. 02) – *Relativa padrão*
- 02 – ... com a parte mecânica ou com a parte elétrica ..., *em que* o prejuízo poderia ser muito maior. (p. 02, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 03 – ... dentro de uma cidade que , *em que* suas avenidas são estreitas, ... (p.11, l. 16-17) – *Relativa padrão*
- 04 – ... conforme os locais (*por*) onde se anda ... (p. 13, l. 2-3) – *Relativa Cortadora*
- 05 – Em si, o Fuca, que, que, que é o carro que eu mais conheço, (*com*) *que* tenho mais contato, é o problema maior, que a direção em si, a, o eixo em si, a barra da direção é bem resistente, ... (p. 13, l. 04-07) – *Relativa cortadora*
- 06 – ... e tem outros tipos de carro (*em*) *que* facilmente arrebenta a barra de direção. (p. 13, l. 7-9) – *Relativa cortadora*
- 07 – E esses dias ocorreu um acidente aqui entre um Opala e um Fuca, *em que* o Opala vinha correndo ... (p. 16, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 08 – ...eu já tive problema uma vez, (*em*) *que* eu (es)tava com a documentação incompleta ... (p. 17, l. 10) – *Relativa cortadora*
- 09 – ... essa foi a maneira (*com*) *que* eu pude entrar em contato com a polícia, ... (p. 17, l. 18) – *Relativa cortadora*
- 10 – ... eu sou a favor do código, das leis de trânsito, *em que* deve haver um rigorismo, uma punição ... (p. 18, l. 04-05) – *Relativa padrão*
- 11 – ... somente devido a um acidente *em que* não ocorra assistência. (p. 18, l. 14-15) – *Relativa padrão*
- 12 – ... principalmente no centro da cidade, (*em*) *que* as avenidas são muito estreitas. (p. 19, l. 05-06) – *Relativa cortadora*
- 13 – Eu já saí uma vez (*em*) *que* eu (es)tava... numa festa, ... (p. 20, l. 13-14) – *Relativa cortadora*
- 14 – O único acessório *que* (*sobre o qual*) eu tenho a lhes falar é o pneu, ... (p. 21, l. 11) – *Relativa cortadora*
- 15 – ... gostamos também que ocorre um acidente, (*em*) *que* o motorista perca a cabeça, os braços, ... (p. 22, l. 04-05) – *Relativa cortadora*
- 16 – ... um choque mui, muito violento, *em que* o carro não tivesse perigo de entrar em chamas, ... (p. 24, l. 14-15) – *Relativa padrão*
- 17 – ... como têm ocorrido choques violentíssimos, (*em*) *que* o passageiro perde o sentido, ... (p. 24, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 18 – ... e uma série de outras pecinhas (*de*) *que* eu não me recordo agora ... (p. 26, l. 05-06) – *Relativa cortadora*
- 19 – ... numa viagem (*em*) *que* ocorre algum pequeno problema ... (p.26, l. 07-08) – *Relativa cortadora*
- 20 – ... não esse estofamento moderno que estão aí, (*em*) *que* o banco deita, ... (p. 26, l. 16-17) – *Relativa cortadora*
- 21 – Agora, com a perimetral, com avenidas maiores, (*em*) *que* os carros possa (*sic*) deslocar maior, desenvolver ... (p. 28-29, l. 19-21) – *Relativa cortadora*

**Informante 4 - Inquérito 004****Curso: Medicina****Profissão: Médico**

- 22 – Eu acho que eu preciso de algo, assim, por exemplo, *(em) que* eu atue mais ativamente. (p. 02, l. 16-17) – *Relativa cortadora*
- 23 – ... qual é o outro *(de) que* eu falei há pouco, ... (p. 06, l. 15-16) – *Relativa cortadora*
- 24 – ... já foi aquele tempo *em que* no interior ... (p. 08, l. 02-03) – *Relativa padrão*
- 25 – ... fazendo uma coisa *(de) que* gosta. (p. 11, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 26 – É o nível social *em que* ele já está. (p. 12, l. 04-05) – *Relativa padrão*
- 27 – Quais as horas do dia *(em) que* eu não gosto de sair? ... (p. 21, l. 18) – *Relativa cortadora*

**Informante 5 - Inquérito 005****Curso: Medicina****Profissão: Médico**

- 28 – E também a facilidade *(com) que* a gente tem de transportar tudo isso hoje, mas antigamente era bem mais difícil. (p. 04, l. 04-04) – *Relativa cortadora*
- 29 – ... nas horas *em que* a população mais necessita do táxi, ... (p. 05, l. 1-2) – *Relativa padrão*
- 30 – ... em qualquer ponto de táxi *(por) que* se passe a gente encontra oito, dez veículos estacionados aguardando passageiro. (p. 05, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 31 – ... certos pequenos detalhes *(de) que* a gente se lembra na hora... (p. 07, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 32 – ... e quase todos os acidentes, pelo menos *(de) que* eu recordo, ... (p. 08, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 33 – ... cada um produz lesões diferentes, situações diferentes *em que* ocorreu o acidente. (p. 09, l. 15-16) – *Relativa padrão*
- 34 – ... no momento *em que* se apresentou como autoridade ... (p. 12, l. 07-08) – *Relativa padrão*
- 35 – Eu acho ... esse foi um dos incidentes mais pitorescos *(de) que* eu já participei em matéria de trânsito. (p. 12, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 36 – ... naquela via de trânsito *pra\* qual* o sinal está aberto ... (p. 13, l. 02-04) – *Relativa padrão*
- 37 – ... o carro *em que* o senhor estava ... (p. 13, l. 07-08) – *Relativa padrão*
- 38 – Os cintos de segurança quando empregados corretamente evitam uma série de lesões *a que* o motorista ou passageiros estão sujeitos ... (p. 15, l. 10-12) – *Relativa padrão*
- 39 – Em qualquer rua *(por) que* se passe se vê *(sic)* veículos passando ... (p. 19, l. 03-04) – *Relativa cortadora*
- 40 – ... não me deixe a pé no momento *(em) que* estou necessitando. (p. 21, l. 17-18) – *Relativa cortadora*
- 41 – E no momento *em que* se dispusesse de campos de pouso ... (p. 25, l. 08-09) – *Relativa padrão*

\* para

**Informante 8 - Inquérito 008**

**Curso: Direito**

**Profissão: Advogado**

- 42 – ... uma das profissões assim *(a) que* mais tem se dedicado pesso *(sic)* ... o pessoal tem se dedicado, ... (p. 03, l. 01-03) – *Relativa cortadora*
- 43 – Então, ah desde esse momento *em que* eu tirei o curso de Direito ... (p. 04-05, l. 20-01) – *Relativa padrão*
- 44 – ... houve um certo período no Brasil *em que* predominou muito o a ... (p. 6, l. 06-07) – *Relativa padrão*
- 45 – ... porque um dos maiores problemas *(de) que* sofre o pessoal ... *(de) que* sofre o pessoal que sai de dentro da universidade ... (p. 07, l. 06-07) – *Relativa cortadora*
- 46 – ... são, ah ... trabalhos *em que* a pessoa tenha contato com agentes químicos... (p. 10, l. 12-13) – *Relativa padrão*
- 47 – ... uma das *(com) que* eu simpatizaria mais do que a minha seria Medicina. (p. 11, l. 10-11) – *Relativa cortadora*
- 48 – ... profissão *a que* a pessoa se dedica, ... (p. 11, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 49 – ... se estuda doutrinariamente o que era o trabalho escravo, desd(e) o trabalho *em que* o homem trabalhava para ... (p. 12, l. 11-13) – *Relativa padrão*
- 50 – ... era uma coisa existencial *(de) que* ele necessitava de trabalhar pra mante(r) a sua existência ... (p. 12, l. 15-16) – *Relativa cortadora*
- 51 – ... desde o momento *em que* se tem por uma concepção moderna, por uma concepção nova de que o trabalho é lazer, ... ... (p. 13, l. 01-03) – *Relativa padrão*
- 52 – ... há uma certa desconsideração quanto à posição *em que* se coloca o outro. (p. 13, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 53 – ... é uma das coisas *(de) que* eu mais gosto, ... (p. 14, l. 15) – *Relativa cortadora*
- 54 – Então eu sou, eu sou uma pessoa *que eu*, por exemplo, não, não tenho hora pra chega(r). – *Relativa copiadora*
- 55 – ... eu não vou chega(r) tarde numa audiência, *em que* haja a exclusão por não obediência ao horário. (p. 23, l. 13-14) – *Relativa padrão*
- 56 – Sexta-feira é um dia assim *(em) que* a gente sai daqui, é o dia, de ... (p. 23, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 57 – É, é, é na hora *(em) que* é possível ... (p. 25, l. 06) – *Relativa cortadora*
- 58 – Pô, isso é um negócio que *(sobre o qual)* eu queria sabe(r) ... (p. 26, l. 11) – *Relativa cortadora*
- 59 – E, pode se(r) que tenham *(sic)* momentos *(em) que* a felicidade seja até maior... (p. 29, l. 11-12) – *Relativa cortadora*

**ANEXO B – Informantes Masculinos de 2ª fase (36-55 anos)**

***Informante 1 – Inquérito 001***

***Curso: Filosofia***

***Profissão: Administrador do Salão de Atos da UFRGS***

- 60 – ... numa época *em que* predominava um certo, vamos dizer, um certo tipo de música. (p. 02, l. 13-14) – *Relativa padrão*
- 61 – ... uma determinada peça *em que* não sejam necessários os elementos, vamos dizer, pomposos como o teatro... (p. 04, l. 15) – *Relativa padrão*
- 62 – No entanto, agora, o Holiday in Ice (*sic*) – um teatro simples, simplíssimo *em que* predominava o quê? (p. 04, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 63 – ... mas era o conteúdo humano (*de*) *que* vocês falaram. (p. 6, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 64 – ... mas vai ver aquele filme (*em*) *que* a gente passeia pela Europa ... (p. 10, l. 12-13) – *Relativa cortadora*
- 65 – Eu gosto de assistir filmes *em que* a gente passeie... (p. 10, l. 14) – *Relativa padrão*
- 66 – Paul Mony, (*de*) *que(m) lhe* falei. (p. 13, l. 07) – *Relativa cortadora*
- 67 – ... qualquer filme (*a*) *que* você for assistir ou qualquer peça (*a*) *que* você for assistir. (p. 17, l. 15) – *Relativa cortadora*
- 68 – É daquelas situações *em que* a gente tem vontade de matar o Capitão Blight. (p. 22, l. 10) – *Relativa padrão*
- 69 – Não assistiram “Captain Blight” com Clark Gable e este artista Charles Laughton, *em que* ele faz o papel de Captain Blight? (p.22, l. 13-15) – *Relativa padrão*
- 70 – É daquelas situações *em que* a gente tem vontade de matar o Capitão... (p. 22, l. 16-17) – *Relativa padrão*
- 71 – Mas, em geral eu gosto de filme *em que* tenha um tema que eu faça, faça-me sentir o filme. (p. 23, l. 16-17) – *Relativa padrão*
- 72 – ... situações (*em*) *que* ele entra numa casa ... (p. 24, l. 9) – *Relativa cortadora*
- 73 – ... costuma chegar exatamente na hora *em que* calcula que vai começar o filme, ou chega antes? (p. 25, l. 10-11) – *Relativa padrão*
- 74 – Uma das coisas (*de*) *que* eu gosto é... (p. 26, l. 11) – *Relativa cortadora*
- 75 – Tem semanas (*em*) *que* você pega o jornal, o programa de cinema ... (p. 26, l. 13-14) – *Relativa cortadora*
- 76 – ... era rádio Tamoyo naquela época (*em*) *que* o Chacrinha andava lá, ficava superlotado de quê? (p. 30, l. 1-3) – *Relativa cortadora*
- 77 – Tem uma hora (*em*) *que* a família diz: ... (p. 35, l. 12-13) – *Relativa cortadora*
- 78 – E a grande maioria dos homens *com os quais* eles falaram era assim. (p. 37, l. 8-9) – *Relativa padrão*

***Informante 15 – Inquérito 015***

***Curso: Odontologia***

***Profissão: Dentista***

- 79 – ... dependendo da zona (*em*) *que* se reside, não existe esse problema. (p. 01, l. 04-05) – *Relativa cortadora*
- 80 – ... mas existe aquele velho problema da barata (*por*) *que* todo mundo tem uma certa repugnância né? (p. 1, l. 14-15) – *Relativa cortadora*

- 81– Nessa zona (*a*) *que* eu vou não existe,... (p. 04, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 82 – ... não consegui repara(r) o que que existe nas poucas vezes (*em*) *que* eu fui, sabe? (p. 4, l. 17-18) – *Relativa cortadora*
- 83 – Tem um (*de*) *que* eu gosto muito. (p. 05, l. 03) – *Relativa cortadora*
- 84 – ... a gente pega o reprodutor certo pra aquela vaca *na qual* falta(m) aquelas características que se deseja. (p. 10, l. 16-18) – *Relativa padrão*
- 85 – ... isso varia muito do... ah... do tipo, da zona *em que* se... se encontra esse gado e do tipo... (p. 14, l. 6-7) – *Relativa padrão*
- 86 – Eu gosto é restaurante (*em*) *que* não tenha muita ... muita cerimônia, sabe? Gosto de restaurante (*em*) *que* tem ... tenha movimento, que seja claro, (*em*) *que* dê pra conversar, (*em*) *que* não tenha barulho... (*em*) *que* dê pra gente passa(r) um momento ali comendo sem... (p. 16, l. 14-17) – *Relativa cortadora*
- 87 – De tudo que é lugar (*a*) *que* se vai eu sou provador oficial. (p. 20, l. 18-20) – *Relativa cortadora*
- 88 – Negócio que faz... de miúdos e... é umas coisas lá (*de*) *que* eu não entendo... (p. 23, l. 3-4) – *Relativa cortadora*
- 89 – ... a única coisa (*de*) *que* eu gosto mesmo é o presunto ... (p. 23, l. 13) – *Relativa cortadora*
- 90 – ... o tempo (*em*) *que* se usava só banha de porco ... (p. 25, l. 03-04) – *Relativa cortadora*

**Informante 19 – Inquérito 019**

**Curso: Economia**

**Profissão: Economista**

- 91 – No caso de uma localidade *em que* não haja água encanada nem energia elétrica, ... (p. 07, l. 05-06) – *Relativa padrão*
- 92 – ... é muito menos ventoso do que a primavera, (*em*) *que* o clima seria ameno. (p. 19, l. 10-11) – *Relativa cortadora*
- 93 – ... um calo que dói na hora (*em*) *que* está ... (*em*) *que* vai chover ... (p. 19, l. 18-19) – *Relativa cortadora*
- 94 – ... mas isso são todos fatores aleatórios (*em*) *que* cada um acredita né ... (p. 20, l. 3-4) – *Relativa cortadora*
- 95 – Bom ... eu tenho uma crença *a que* ainda não cheguei ... (p. 22, l. 05) – *Relativa padrão*

**Informante 52 – Inquérito 048**

**Curso: Medicina**

**Profissão: Médico**

- 96 – ... eu creio que naquela época (*em*) *que* deram a denominação realmente a cidade devia de estar aqui bem no centro... (p. 03, l. 14-16) – *Relativa cortadora*
- 97 – Uma rua *em que* (es)tá toda... toda a a rapaziada, principalmente no centro ... (p. 06, l. 01-02) – *Relativa padrão*
- 98 – ... e por volta de mil novecentos e cinqüenta, mais ou menos, (*em*) *que* eu exerci uma função de direção, eu tive que trajar... (p. 07, l. 02-03) – *Relativa cortadora*
- 99 – Na época *em que* eu viajei mais eu vi aqui... (p. 10, l. 01) – *Relativa padrão*
- 100 – Naquela época, na época (*em*) *que* eu viajei não havia quase trigo colhido. (p. 10, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 101 – Na época (*em*) *que* eu viajei muito, ... (p. 11, l. 6) – *Relativa cortadora*

- 102 – ... as estradas (*em*) *que* , numa época boa, seca a gente viajava,... (p. 11, l. 12-13) – *Relativa cortadora*
- 103 – ... fiquei quatro dias, três dias ou quatro dias, depois na Bahia (*em*) *que* eu até já tinha estado, mas ... (p. 13, l. 15-17) – *Relativa cortadora*
- 104 – ... não voltava mais na pedra ali, só o dia (*em*) *que* tive(r) uma ponte assim de ferro... (p. 16, l. 1-2) – *Relativa cortadora*
- 105 – ... a não ser aquele período de duzentos anos atrás *em que* houve aqui muita briga aqui... (p. 26, l. 14-15) – *Relativa padrão*



## ANEXO C – Informantes Masculinos de 3ª fase (+55 anos)

### **Informante 6 - Inquérito 006**

**Curso: Medicina**

**Profissão: Médico**

- 106 – ... qual é o clube *(a)* que eu pertença. (p. 05, l. 15) – *Relativa cortadora*
- 107 – ... os cantos *em que* eu (es)tive de castigo. (p. 06, l. 16) – *Relativa padrão*
- 108 – E lembro de um ano, não posso precisar qual era, *(em)* que nós começamos na encantadora e acolhedora cidade de Cachoeira do Sul começamos a nossa excursão. (p. 08, l. 03-06) – *Relativa cortadora*
- 109 – Não me lembro se foi o ano *em que* nós fomos campeões ... (p. 11, l. 04) – *Relativa padrão*
- 110 – ... o *(de+o= do)* que eu gostava mais no colégio era o recreio. (p. 12, l. 04) – *Relativa cortadora*
- 111 – Estudou durante todo o ... os seis anos *(em)* que eu estudei. (p. 21, l. 07-08) – *Relativa cortadora*
- 112 – E esse grau é *(com)* que iam nos avaliando. (p. 22, l. 04-05) – *Relativa cortadora*
- 113 – De modo que a pergunta, que está me fazendo, você me faz, naturalmente é pensando no tempo presente naquela angústia *em que* os vestibulandos correm às faculdades, ... (p. 22-23, l. 20-01) – *Relativa padrão*
- 114 – ... pra mostrar uma das vezes *(em)* que eu passei na sua da Praia. (p. 23, l. 16-17) – *Relativa cortadora*
- 115 – ... no mesmo cálice *em que* ele tomou a comunhão. (p. 29, l. 08-09) – *Relativa padrão*
- 116 – ... o doutor Saul Totta (es)tá tomando a comunhão no cálice *(em)* que eu tomei a comunhão. (p. 29, l. 11-12) – *Relativa cortadora*

### **Informante 7 – Inquérito 007**

**Curso: Odontologia**

**Profissão: Professor**

- 117 – é muito mais bonito lá do mezanino *que (do qual)* se tem mais visão de conjunto do que da platéia que dá mais status. (p. 02, l. 06-08) – *Relativa cortadora*
- 118 – ... aquela peça *em que* a Bibi Ferreira trabalha com violetas. (p. 02, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 119 – ... faze(r) baixar os cenários com aquela rapidez *com que* transforma aquele salão. (p. 03, l. 19-20) – *Relativa padrão*
- 120 – ... uma sala de aula é como uma sala de teatro, quer dize(r), *(em)* que trabalham os artistas secundários e os principais. (p. 04, l. 5-6) – *Relativa cortadora*
- 121 – ... se o público não concordasse, não precisaria chegar ao ponto *(a)* que chegam muitas vezes as peças de teatro. (p. 04, l. 18-19) – *Relativa cortadora*
- 122 – Forçar uma pessoa a participar de um, de uma, de um ato, de uma sessão pública *em que* ele seja diminuído, menosprezado, ofendido, ou que ... (p. 08, l. 01-03) – *Relativa padrão*
- 123 – ... o tema principal de uma peça *em que* a criança se sinta motivada ..., (p. 9, l. 05-06) – *Relativa padrão*
- 124 – ... a publicidade melhor é aquela *(em)* que a pessoa apresenta mesmo, o seu trabalho. (p. 10, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 125 – ... pra época *em que* foi feito ... (p. 15, l. 06) – *Relativa padrão*

- 126 – Aquele outro... tem um garoto... não, não recordo agora, um (*em*) *que* ele era pequeno. (p. 15, l. 8-9) – *Relativa cortadora*
- 127 – ... naquele programa que estiver melhor, que, (*a*) *que* eu me adapte melhor a ele. (p. 18, l. 18-19) – *Relativa copiadora*
- 128 – ... que esteja mais de acordo com o que eu, com o tema (*de*) *que* eu gosto, ... (p. 18, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 129 – ... é o canal (*a*) *que* eu assisto ... (p. 18-19, l. 20-01) – *Relativa cortadora*
- 130 – ... é um canal (*a*) *que* eu pouco assisto é o dez ... (p. 19, l. 03) – *Relativa cortadora*
- 131 – ... num programa (*em*) *que* nós fomos entrevistados... (p. 27, l. 5-6) – *Relativa cortadora*

**Informante 10 – Inquérito 010**

**Curso: Direito**

**Profissão: Advogado**

- 132 – Que chegava um determinado momento (*em*) *que* o compromisso era de tal monta que ele não poderia satisfazê-lo. (p. 02, l. 13-15) – *Relativa cortadora*
- 133 – ... servíamos como guardas de honra da bandeira do colégio *em que* nós estudávamos. (p. 04, l. 02-03) – *Relativa padrão*
- 134 – ... mesmo no arrabalde *em que* eu morei ... (p. 04, l. 14-15) – *Relativa padrão*
- 135 – ... grandes acidentes se, se verificariam aqui na Avenida Borges, Otávio Rocha e em redor do mercado, ali também, né, (*em*) *que* os veículos entram com grande velocidade, né? (p. 07, l. 14-16) – *Relativa cortadora*
- 136 – ... temos a Farrapos, *a que* eu me referi... (p. 08, l. 17-18) – *Relativa padrão*
- 137 – ... no governo do general Cordeiro de Farias, *em que* existe até hoje a Casa do Pequeno Jornaleiro. (p. 11, l. 08-09) – *Relativa padrão*
- 138 – ... realmente fiz esta viagem *a que me* referi ... (p. 13, l. 11-12) – *Relativa padrão*
- 139 – ... esses órgãos *a que me* referi ainda há pouco. (p. 14, l. 14-15) – *Relativa padrão*
- 140 – Este dia *em que* ele viajou comigo. (p. 15, l. 05) – *Relativa padrão*
- 141 – A rua *em que* eu moro é uma delas, né? (p.16, l. 08-09) – *Relativa padrão*
- 142 – ... pelo menos lá na rua *em que* eu resido. (p. 18, l. 1-2) – *Relativa padrão*

**Informante 23 - Inquérito 023**

**Curso: Engenharia**

**Profissão: Engenheiro**

- 143 – ... porque justamente eu acho que a situação (*em*) *que* que um leigo como eu situa-se ... (p. 04, l. 17-18) – *Relativa cortadora*
- 144 – ... essa é a que deve se(r) a política governamental assim *com que* ele possa ganha(r) mais que mereça mais ... (p. 05, l. 12) – *Relativa padrão*
- 145 – ... é um ramo (*em*) *que* pode se i(r) adiante e parece ... (p. 07, l. 06) – *Relativa cortadora*
- 146 – ... houve uma época (*em*) *que* o produto principal era o café ... (p. 07, l. 09) – *Relativa cortadora*
- 147 – ... pequenas culturas, (*em*) *que* a família toda trabalhava, ...(p. 08, l. 11) – *Relativa cortadora*
- 148 – ... numa época *em que* multidões estão precisando, não é, ... (p. 12, l. 04-05) – *Relativa padrão*

149 – Este é outro ponto também (*em*) *que* ...que a gente fica pensando muito. (p. 13, l. 08) – *Relativa cortadora*

150 – ... acho que isso deve desaparecer, porque realmente a Petrobrás está indo pra frente, e é uma indústria (*de*) *que* nós nem falamos, né?. (p. 17, l. 15) – *Relativa cortadora*

151 – Há países como a Inglaterra (*em*) *que* realmente parece que há uma democracia ativa e real. (p. 22, l. 11-12) – *Relativa cortadora*

**ANEXO D – Informantes Femininos de 1ª fase (25/55 anos)**

***Informante 29 – Inquérito 029***

***Curso: Geografia***

***Profissão: Geógrafa***

152 – ... o que o governo está fazendo hoje, se sabe que foi muito uma reação, uma resposta àquele projeto do Lago Hudson, não é do, do, do, do Instituto Hudson ... o projeto *em que* ... aquele onde está ... (p. 02, l. 06-09) – *Relativa padrão*

153 – ... tem um satélite *que* os americanos lançam o satélite... (p. 03, l. 15) – *Relativa copiadora*

154 – ... parte da pergunta (*de*) *que* não lembro ... (p. 03, l. 06) – *Relativa cortadora*

155 – ... haveria possibilidade no momento (*em*) *que* se tivesse técnicas adequadas ... (p. 04, l. 11) – *Relativa cortadora*

156 – ... que é aquela região mais semi-árida (*sic*) *em que* de fato as possibilidades agrícolas do solo são... (p. 05, l. 09-11) – *Relativa padrão*

157 – ... mas há também uma faixa litorânea bastante fértil *em que* ... (p. 05, l. 12) – *Relativa padrão*

158 – ... principais acidentes geográficos, digamos principais ... formas *a que* ... de mais natural *em que* o homem não poderia se adaptar ... (p. 07, l. 05-06) – *Relativa padrão*

159 – Quais seriam os mais propícios? Bom, aqueles *em que* ... (p. 08, l. 01) – *Relativa padrão*

160 – ... que todas as regiões de várzea *em que* ... (p. 08, l. 03) – *Relativa padrão*

161 – ... a matéria orgânica que o rio traz da... da... das regiões *por onde*... ele... ele correu. (p. 08, l. 9-10) – *Relativa padrão*

162 – ... e há aqueles problemas de escorregamento (*de*) *que* a gente ouve fala(r) de vez em quando, ... (p. 16, l. 07-09) – *Relativa cortadora*

163 – ... no ano (*em*) *que* nasci aconteceu uma grande enchente ... (p. 18, l. 10-11) – *Relativa cortadora*

164 – ... no momento *em que* ... (p. 18-19, l. 20-01) – *Relativa padrão*

165 – ... uma casa naquela zona ali, Pedra Redonda, por ali, olhando o Guaíba, (*de onde*) *que* eu pudesse vê(r), todos os dias aquela... (p. 25, l. 4-6) – *Relativa cortadora*

***Informante 31 – Inquérito 031***

***Curso: Pedagogia***

***Profissão: Técnica em Educação***

166 – Bicho, inseto (*de*) *que* eu não goste ... (p. 02, l. 10) – *Relativa cortadora*

167 – ... esteja em fase alérgica naquela época, (*em*) *que* o mosquito dê a picada ... (p. 02, l. 16-17) – *Relativa cortadora*

168 – Sei lá, acho que desses (*de*) *que* eu me lembro é barata e traça ... (p. 03, l. 11-12) – *Relativa cortadora*

169 – ... aquele outro dentro duma capa, mariscos ... siri, olha, (*de*) *que* eu me lembro é só. (p. 07, l. 15-17) – *Relativa cortadora*

170 – E qual foi o outro (*de*) *que* eu falei? [...] (*De*) *que* eu me lembro é so. (p. 07, l. 22-23) – *Relativa cortadora*

171 – ... mas eu fiquei até surpresa porque um dia desses (*em*) *que* eu estava lendo no jornal... (p. 10, l. 02-03) – *Relativa cortadora*

- 172 – ... naquela determinada região (*de*) *que* eu não me lembro... (p. 11, l. 2) – *Relativa cortadora*
- 173 – ... é ovelha (*de*) *que* nós usamos a carne... (p. 14, l. 11) – *Relativa cortadora*
- 174 – É só isso (*de*) *que* eu me lembro... (p. 14, l. 14) – *Relativa cortadora*
- 175 – ... alcançar os objetivos (*a*) *que* nós nos propomos... (p. 24-25, l. 20-01) – *Relativa cortadora*

**Informante 35 – Inquérito 035**

**Curso: Filosofia**

**Profissão: Professora**

- 176 – ... uma forma especial de se cumprimentarem, criada pelo próprio grupo social (*em*) *que* eles convivem ... (p. 01, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 177 – ... quando a gente tem vontade de ve(r) alguém *com quem* a gente gosta de conversa(r). (p. 05, l. 04-05) – *Relativa padrão*
- 178 – Bom, quando é uma pessoa *com quem* a gente não pode estar totalmente à vontade, pessoa *com quem* a gente não tem afinidade. (p. 05, l. 15-16) – *Relativa padrão*
- 179 – ... faze(r) um aniversário pro meu filho (*em*) *que* ele realmente se divirta... (p. 10, l. 18-19) – *Relativa cortadora*
- 180 – ... mas *que* ele realmente convide as crianças *que* ele quer convidar, (*de*) *que* ele gosta mais ... (p. 10-11, l. 20-01) – *Relativa cortadora*
- 181 – ... *que* tenha alguma coisa de interessante, por exemplo uma pecinha com fantoche, qualquer coisa assim, (*por*) *que* ele se interesse ... (p. 11, l. 04-05) – *Relativa cortadora*
- 182 – ... esse chá de panela parece *que* é uma coisa assim (*em*) *que* se reúne o pessoal todo ... (p. 11, l. 11-13) – *Relativa cortadora*
- 183 – ... e a despedida de solteiro geralmente ou é um almoço ou um jantar, *em que* os amigos do noivo se reúnem ... (p. 11, l. 14-15) – *Relativa padrão*
- 184 – ... quando eu era criança eu gostava muito era do mico, um (*em*) *que* a gente se pintava depois... (p. 16, l. 09-10) – *Relativa cortadora*
- 185 – ... e eu não gostava de brinquedos violentos, geralmente eu preferia brincar de roda ou então daqueles ... chamam passa-passará, aquelas coisas cantadas assim mais tranquilas (*em*) *que* a gente não precisasse corre(r) muito ... (p. 17, l. 09-12) – *Relativa cortadora*
- 186 – ... a primeira vez (*em*) *que* eu cheguei no cassino eu fiquei meio ... espantada, ... (p. 17, l. 17-18) – *Relativa cortadora*
- 187 – E... outra vez, (*em*) *que* estive lá então eu... resolvi tentar me envolver naquilo e jogar na roleta, ... (p. 18, l. 12-12) – *Relativa cortadora*

**Informante 473 – Inquérito 377**

**Curso: Geografia**

**Profissão: Geógrafa**

- 188 – ... então aí o cardápio é mais variado vai modificar de acordo com, com o restaurante *a que* se vai.... (p. 07, l. 3-5) – *Relativa padrão*
- 189 – Corta a carne em cubinhos, antes já se fez vários tipos de molho (*de*) *que* agora eu não me recordo bem... (p. 08, l. 1-3) – *Relativa cortadora*
- 190 – ... aquela panela, ãh, especial *que* tem um réchaud (richô) *sobre o qual* tu coloca(s) ... (p. 08, l. 10-11) – *Relativa padrão*
- 191 – Tem uma churrascaria (*de*) *que* eu gosto muito... (p. 13, l. 16) – *Relativa cortadora*

- 192 – ... dificilmente eu como doce a não ser assim uma festa (*em*) *que* me servem uma sobremesa,... (p. 14, l. 19-20) – *Relativa cortadora*
- 193 – E chega num determinado ponto (*em*) *que* não só o físico, mas também o psíquico ... (p. 17, l. 17-18) – *Relativa cortadora*
- 194 – ... como a sociedade (*em*) *que* se vive levam a pessoa a um ... (p. 18, l. 03-04) – *Relativa cortadora*
- 195 – E não no momento *em que* fica(r) tudo assim muito em comum ...(p. 28, l. 11) – *Relativa padrão*
- 196 – Porque eu acho que já passou o tempo *em que* durante uma gravidez a pessoa tinha que engorda(r) ... (p. 37, l. 12-14) – *Relativa padrão*.
- 197 – ... então no momento *em que* o nenê nasce, ... (p. 37, l. 17) – *Relativa padrão*
- 198 – ... uma casa assim que seja bem dividida *em que* não, não existam assim quase que peças no meio... (p. 42, l. 15) – *Relativa padrão*
- 199 – ... uma peça à parte, (*por*) *que* a gente não precise (es)ta(r) passando ... (p. 42, l. 15) – *Relativa cortadora*
- 200 – ... eu tenho uma amiga *que* ela diz que não é que o brasileiro passe fome... (p. 46, l. 16-17) – *Relativa copiadora*
- 201 – ... o açúcar mascavo é muito melhor do que o refinado, porque o refinado é bastante tóxico pelo processo (*por*) *que* ele passa pra ... (p. 48, l. 01-02) – *Relativa cortadora*
- 202 – E no momento *em que* há uma, uma expansão cada vez maior da população ... (p. 50, l. 17) – *Relativa padrão*
- 203 – ... a parte da vila (*por*) *que* eu andei ... (p. 50, l. 17) – *Relativa cortadora*

**ANEXO E – Informantes Femininos de 2ª fase (36/55 anos)**

***Informante 415 – Inquérito 343***

***Curso: Jornalismo***

***Profissão: Jornalista***

- 204 – ... mas normalmente eu saio com a roupa (*com*) *que* eu vou de manhã. (p. 06, l. 06-07) – *Relativa cortadora*
- 205 – ... eu andava com tudo (*com*) *que* as outras andavam, por isso que ... (p. 07, l. 06-07) – *Relativa cortadora*.
- 206 – Eu acho que a cor, na época *em que* eu comecei a trabalha(r) ... (p.12, l. 04-05) – *Relativa padrão*
- 207 – Aqui em Porto Alegre com, com, às vezes trinta e três, quase trinta e três pra cima até quarenta graus (*em*) *que* a gente vive no verão... (p. 16, l. 11-13) – *Relativa cortadora*
- 208 – ... tem umas, umas receitas lá (*de*) *que* a minha sogra fala e tudo ... (p. 20, l. 10) – *Relativa cortadora*
- 209 – ... existem casos *em que* realmente a operação plástica pode ... (p. 21, l. 16) – *Relativa padrão*
- 210 – ... tivemos umas três ou quatro noites (*em*) *que* eu me, eu lembro que eu (es)tava ... (p. 26, l. 13-14) – *Relativa cortadora*
- 211 – ... tinha um negócio (*de*) *que* eu não me lembro o nome que a gente bota por fora ... (p. 29, l. 07-08) – *Relativa cortadora*
- 212 – ... conhece(r) o material *com que* ele trabalha ... (p. 29-30, l. 20-01) – *Relativa padrão*

***Informante 455 – Inquérito 366***

***Curso: ESEF***

***Profissão: Professora***

- 213 – ... contra a minha profissão *em que* especifica a separação de funções... (p. 05, l. 4-5) – *Relativa padrão*
- 214 – ... aqui nós temos uma cozinha grande, (*de*) *que* sempre gostamos mas antigamente nós tínhamos fogão a lenha ... (p. 05, l. 10-11) – *Relativa cortadora*
- 215 – ... mas fogão a lenha é uma coisa (*a*) *que* assim no inverno é que se dá valor, né? (p. 05, l. 12-13) – *Relativa cortadora*
- 216 – ... eu estudei nesse mesmo colégio (*em*) *que* eu trabalho... (p. 10-11, l. 20-01) – *Relativa cortadora*
- 217 – ... e tinha uma professora (*de*) *que(m)* eu nunca esqueço ... (p. 11, l. 07-08) – *Relativa cortadora*
- 218 – ... uma grande criatura (*de*) *quem* eu nunca esqueço o jeito (*com*) *que* ela nos dava aula é a dona Lucila. (p. 11, l. 09-11) – *Relativa cortadora*
- 219 – É uma fase (*de*) *que* eu não gosto nem de lembra(r). (p. 19, l. 04) – *Relativa cortadora*
- 220 – ... se tem uma distração em casa (*a*) *que* pode assisti(r) comodamente, prefere fica(r) em casa. (p. 23, l. 16-17) – *Relativa cortadora*
- 221 – É, e só o governo poderia faze(r) alguma coisa, criando escolas, lugares assim (*em*) *que* eles aprendessem profissões, né? (p. 30, l. 1-2) – *Relativa cortadora*
- 222 – E houve época (*em*) *que* era obrigação as pessoas irem a, ao auditório, i(r) assisti(r) a... (p. 43, l. 1-2) – *Relativa cortadora*

223 – ... nas escolas também fazem esses chás assim (*em*) *que* reúnem os professores. (p. 44, l. 06-07) – *Relativa cortadora*

224 – ...mas o primeiro médico (*a*) *que* eu fui, não, não, ... (p. 45, l. 17) – *Relativa cortadora*

***Informante 456 – Inquérito 366***

***Curso: Arquitetura***

***Profissão: Arquiteta***

225 – ... diria que a minha infância, vamos dize(r), a infância que me, (*de*) *que* eu sinto saudades seria do, da minha casa de infância, né, da casa do meu avô, ... (p.01, l. 02-04) – *Relativa cortadora*

226 – Bom, uma das coisas (*de*) *que* eu gostaria numa dessas casas, seria uma cozinha... (p 04, l. 18-19) – *Relativa cortadora*

227 – ... que é o local de encontro da, da casa, vamos dize(r), (*em*) *que* tivesse um fogão a ... (p. 4, l. 19-20) – *Relativa cortadora*

228 – ... acho que dentro do espírito *com* *que* eu fui criada ... (p. 05, l. 05-06) – *Relativa padrão*

229 – ... uma cultura imensa e no momento (*em*) *que* ele teve que vota(r), ... (p. 18, l 03-04) – *Relativa cortadora*

230 – ... a fase da vida da gente (*de*) *que* não gostaria de recordar... (p.18, l. 17-18) – *Relativa cortadora*

231 – Bom, eu tive as minhas fases de grilos homéricos *em* *que* eu dispensava ... (p. 18, l. 18-19) – *Relativa padrão*

232 – ... estava com os pulmões absolutamente tomados pela tuberculose, isso num tempo (*em*) *que* não, (*em*) *que* a penicilina não ... (p. 20, l. 10-12) – *Relativa cortadora*

233 – A última vez (*em*) *que* eu vi luto lá em casa ... (p. 27, l. 02) – *Relativa cortadora*

234 – ... tinha um casal no, que morava no edifício (*em*) *que* nós morávamos que era assim, ... (p. 28, l. 19-20) – *Relativa cortadora*

235 – ... daquela coisa toda (*de*) *que* eu falei, do, do esquema econômico ... (p. 38, l. 1-2) – *Relativa cortadora*

236 – ... o semestre, a cadeira (*em*) *que* eu leciono, né, justamente o trabalho é em equipe, ... (p. 39, l. 19-20) – *Relativa cortadora*

237 – Inclusive um negócio (*de*) *que* (es)tava falando na, na, o esporte na universidade não, praticamente não existe. (p. 40, l. 08-09) – *Relativa cortadora*

238 – E se há faixa etária (*em*) *que* eu acho que deveria, né, comportá-la... É. (p. 40, l. 10-11) – *Relativa cortadora*

***Informante 465 – Inquérito 371***

***Curso: Economia***

***Profissão: Agente Administrativa***

239 – ... porque é um clima (*em*) *que* no verão a gente vai a quase quarenta graus ... (p. 02, l. 04-05) – *Relativa cortadora*

240 – Um, dois dias, no, no outro dia já está um calorão (*com*) *que* não se pode, depois já cai uma chuva. (p. 05, l. 06-07) – *Relativa cortadora*

241 – ... foi a hora (*em*) *que* nós conseguimos sair do hotel pra ir jantar. (p. 11, l. 12) – *Relativa cortadora*



- 242 – Mas infelizmente isso é utópico, né, porque tem certas pessoas (*com*) *quem* a gente precisa estar... (p. 24, l. 2-4) – *Relativa cortadora*
- 243 – ... quais as disciplinas (*em*) *que* as vagas já estouraram, ... (p. 32, l. 17) – *Relativa cortadora*
- 244 – ... vou tomar café a hora (*em*) *que* eu quise(r), vou almoçar a hora (*em*) *que* eu desejar ... (p. 33, l. 12-13) – *Relativa cortadora*
- 245 – ... é aquilo que aparece na hora (*em*) *que* me dá na telha faze(r).(p. 33, l. 14-15) – *Relativa cortadora*
- 246 – ... se quando vai chegando aquela época (*em*) *que* a gente... outras férias, então parece que ... (p. 34, l. 16-17) – *Relativa cortadora*
- 247 – ... e era uma hora (*em*) *que* eles estavam alimentando as víboras e eu fui olhar, ... (p. 47, l. 14-15) – *Relativa cortadora*
- 248 – Não, era um príncipe *que ele* foi encantado e foi transformado em sapo... ( p. 51, l. 10-11) – *Relativa copiadora*
- 249 – Bem aí, uma certa época (*em*) *que* inventam que é bonito bandeja com a asa de, de, de borboleta ... (p. 52, l. 14-15) – *Relativa cortadora*

**ANEXO F – Informantes Femininos de 3ª fase (+55 anos)**

***Informante 136 – Inquérito 124***

***Curso: Filosofia e Direito***

***Profissão: Funcionária Pública***

250 – ... a coisa (*de*) *que* ele mais tinha assim, medo de fica(r) sozinho, longe de mim no colégio ... (p. 01, l. 13-14) – *Relativa cortadora*

251 – ...havia casos, por exemplo, (*em*) *que* a professora dizia assim... (p. 02, l. 15) – *Relativa cortadora*

252 – ... era dos melhores colégios de Porto Alegre, inclusive aquele (*em*) *que* melhor os meninos conseguiam assim, um relacionamento com, com os alunos... (p. 03, l. 06-08). – *Relativa cortadora*

253 – ... claro que havia por exemplo, algumas professoras, alguns professores *em que\** (*com quem*) era mais difícil o relacionamento, ... (p.04, l. 11-12) – *Relativa padrão*

254 – ... a matéria (*de*) *que* eu gostava menos naquela época ... (p. 05, l. 04-05) – *Relativa cortadora*

255 – ...que era a matéria (*de*) *que* mais, (*de*) *que* menos eu gostava, porque eu gostava... (p. 05, l. 11) – *Relativa cortadora*

256 – ... quanto à matemática, é uma matéria (*em*) *que* eu não tinha dificuldade (p. 05, l. 13-14) – *Relativa cortadora*

257 – Eu vou conta(r) um episódio pra vocês (*de*) *que* eu nunca esqueço ... (p. 08, l. 12-13) – *Relativa cortadora*

258 – ... que realmente possa dar os resultados que nós queremos, que nós desejamos, (*a*) *que* nós almejamos... (p. 11, l. 1-2) – *Relativa cortadora*

259 – ... embora ele não tenha depois, não tenha sortido o efeito ou a experiência para, *para o qual* ele foi criado, ... (p. 14, l. 1-3) – *Relativa padrão*

260 – ... havia muitas atividades **\*\*em que (de que)** nós participávamos. (p. 15, l. 11) – *Relativa padrão*

261 – Bom, uma (*em*) *que* eu dei, uma (*em*) *que* eu dei aula no interior ... (p. 16, l. 13) – *Relativa cortadora*

262 – ... houve uma época *em que* eu não dei mais movimento ... (p. 24, l. 1-2) – *Relativa padrão*

263 – ... na própria escola (*em*) *que* eu trabalhava ... (p. 25, l. 16-17) – *Relativa cortadora*

264 – ... no tempo (*em*) *que* eu trabalhei eu posso dizer que era um trabalho maravilhoso... (p. 26, l. 04-06) – *Relativa cortadora*

\* troca da preposição *com* pela preposição *em* = considere padrão pela presença de preposição.

\*\* troca da preposição *de* pela preposição *em* = considere padrão pela presença de preposição.

***Informante 194 – Inquérito 174***

***Curso: Filosofia***

***Profissão: Professora***

265 – ... foi a primeira vez (*em*) *que* eu vi uma aluna minha assim. (p. 09, l. 08-10) – *Relativa cortadora*

- 266 – ... foi a única vez (*em*) *que* eu fiquei assim publicamente. (p. 11, l. 08-09) – *Relativa cortadora*
- 267 – ... não era desses comuns (*em*) *que* a gente pensava aquele manejo ... (p. 11, l. 11-12) – *Relativa cortadora*
- 268 – ... uma semana (*em*) *que* não podia nem fala(r) e nem escreve(r)... (p. 14, l. 18) – *Relativa cortadora*
- 269 – ... de tanta emoção (*com*) *que* eu fiquei. (p. 14, l. 19) – *Relativa cortadora*
- 270 – Vocês me perguntaram coisas *nas quais* eu nunca pensei... (p. 17, l. 17) – *Relativa padrão*
- 271 – ... eu me lembro que a segunda vez (*em*) *que* eu andei ..(p. 17-18, l. 20-01) – *Relativa cortadora*
- 272 – Porque no momento *em que* a gente tem outra possibilidade, a gente usa... (p. 18, l. 14) – *Relativa padrão*
- 273 – ... porque tem uma porta ali, *que esta porta* nunca é usada, né, ... (p. 19, l. 2-3) – *Relativa copiadora*
- 274 – ... é necessário mesmo que, que o ensino acompanhe a evolução *que* a humanidade está tendo essa evolução. (p. 19-20, l. 20-02) – *Relativa copiadora*

**Informante 408 – Inquérito 333**

**Curso: Música**

**Profissão: Professora**

- 275 – ... eu já fui ve(r) peça *que (da qual)* eu saí apavorada ... (p. 02, l. 08-09) – *Relativa cortadora*
- 276 – ... como é o nome daquela (*em*) *que* aparecem nus ... (p. 02, l. 13) – *Relativa cortadora*
- 277 – ... outra cor e na hora (*em*) *que* eles aparecem nus ... (p. 03, l. 02-03 - ) – *Relativa cortadora*
- 278 – ... mas tem umas coisas boas, outras (*de*) *que* a gente não gosta. (p. 04, l. 3-4) – *Relativa cortadora*
- 279 – ... eu gosto de filme assim (*em*) *que* tenha arte [...] (*em*) *que* tenha coisa bonita... (p. 10, l. 3-5) – *Relativa cortadora*
- 280 – ... o momento *em que* eu tenho medo é ... ( p. 13, l. 01) – *Relativa padrão*
- 281 – ... são os dois únicos dias (*em*) *que* eu posso ouvi(r) rádio. (p. 17, l. 04) – *Relativa cortadora*
- 282 – ... uma lata velha (*em*) *que* eles estão batendo... (p. 17, l. 13) – *Relativa cortadora*
- 283 – ... essas músicas (*de*) *que* pessoas idosas gostam... (p. 17, l. 19) – *Relativa cortadora*
- 284 – ... foi um dia (*em*) *que* tinha morrido um cantor popular ... (p. 18, l. 05-06) – *Relativa cortadora*
- 285 – ... isso é uma experiência bárbara de trabalho, mas é uma experiência (*em*) *que* eu acho que tudo é válido. (p. 20, l. 09-11) – *Relativa cortadora*
- 286 – ... é evidente que a coisa (*de*) *que* mais a gente cuida, ... (p. 21, l. 15) – *Relativa cortadora*
- 287 – ...este dia, por exemplo (*em*) *que* eu fiquei até as sete horas ali. (p. 25, l. 18-19) – *Relativa cortadora*
- 288 – ... me lembro que era um negócio, uma, uma peça de teatro (*em*) *que* eu era, (*em*) *que* eu roubava uns ... (p. 27, l. 08-10) – *Relativa cortadora*
- 289 – ... ele tinha assim aquele cargo, tipo de pal..., salão paroquial (*sic*), (*em*) *que* ele fazia umas coisa(s) pra ajuda(r) a igreja. (p. 27, l. 15-16) – *Relativa cortadora*

290 – Eu vou te dize(r) , eu nunca vi um filme americano bom, perfeito, *que (do qual)* a gente saia, não sei, eu saio do cinema americano assim, parece que como bala demais...(p. 29, l. 16-18) – *Relativa cortadora*

***Informante 468 –Inquérito 373***

***Curso: Pedagogia***

***Profissão: Professora***

291 – ... quando a minha filha era solteira de vez em quando eu acompanhava mas não, não sei não, não estou a par de nenhuma dança moderna, a não se(r) às vezes assim, na televisão, *(em) que* aparece, né, em novela... (p. 5, l. 7-10) – *Relativa cortadora*

292 – ... não sei qual é o dia *(em) que* eles têm de manhã uma reprise... (p. 07, l. 19-20) – *Relativa cortadora*

293 – ... mas o Natal *(de) que* eu me lembro desde a minha infância ele sempre foi festejado assim com todos juntos, ... (p. 11, l. 17-18) – *Relativa cortadora*

294 – ... no interior assistimos muito àquelas corridas de cancha reta aquelas *(em) que* eram dois cavalos só... (p. 17, l. 6-7) – *Relativa cortadora*

295 – ... esse é um dos jogos *(de) que* nós mais gostávamos. (p. 18, l. 01) – *Relativa cortadora*

296 – ... esse é um dos jogos *(de) que* eu mais me lembro e *(de) que* eu mais gostava. (p. 18, l. 07) – *Relativa cortadora*

297 – ... e uma das casas *(em) que* eu morava, além do pátio, tinha depois um campinho, ... (p. 20, l. 09) – *Relativa cortadora*

298 – ... rara noite *(em) que* a gente vai deita(r) antes da meia-noite, uma hora, ...(p. 22, l. 09-10) – *Relativa cortadora*

299 – ... mas também foi um conjunto *(de) que* eu gostei muito, ... (p. 26, l. 13) – *Relativa cortadora*

300 – ... teve uma fase assim também *(em) que* se destacou bastante... (p. 26, l. 15) – *Relativa cortadora*